

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, Maio e Junho de 1926

Ns. 149 - 150

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mário Travassos, Jorge Duarte (redatores) T. Araripe (sub-secretario) Luiz Procopio (thezoureiro) Scheleder, L. Correia Lima, Nilo Val, Paes d'Andrade, Eurico Dutra, Orozimbo Pereira, Sílio Portella, Daltro Filho, Eloy Catão, João Pereira, Francisco Fonseca, C. C. de Abreu.

SUMMARIO

EDITORIAL:

O que fizemos —
o que nos resta fazer

COLLABORAÇÃO:

- | | |
|---|-------------------------------|
| Carta aberta aos Cadetes da E. M. | Cap. <i>Sylvio Scheleder</i> |
| Pelo Tributo de Sangue | Cap. <i>João Pereira</i> |
| Themas Tácticos de Infantaria | Cap. <i>Dermerval Peixoto</i> |
| A doutrina da cooperação militar e
naval e o caso brasileiro | Cap. <i>Mário Travassos</i> |
| Ideias sobre a organisação militar Ar-
gentina (Trad.) | Cap. <i>J. Lobato Filho</i> |
| A Propósito da Situação Militar | Cap. <i>J. B. Magalhães</i> |
| As Forças Estaduais | 1º Ten. <i>T. A. Araripe</i> |
| Artilharia — Exercícios na Carta | Major <i>Sílio Portella</i> |
| Directrizes para o 2º Período de In-
strução | 1º Bda. I. |

DA REDACÇÃO

Subsídios para os Quadros de Reservas. — Nota Importante. — Diário do Brasil. — Caderneta Individual do Cavalo. — A Revista da Escola Militar. — A Formação dos Quadros de Reserva. — Curso Livre de Geographia. — Nota sobre o Tiro em marcha do F. M. — Bibliographia. — Expediente.

Guia do Commandante do Grupo de Combate

T. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel

Tratando de tudo o que compete saber ao seu commandante para bem dirigir a sua pequena unidade quer na paz quer na guerra.

Preço 5\$000

NOTA — A venda na A Defesa Nacional
á rua da Quitanda, 74 - Rio

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de
um selo de 500 rs. para a remessa.

Instrução do Soldado

(Pontos principaes da instrução da tropa)
Pelo Cap. DER EVAL PEIXOTO

Estão à venda os primeiros fascículos separata da 5.^a edição deste livrinho indispensável aos candidatos à reservista do Exército das Sociedades de Tiro e Estabelecimentos onde há instrução militar.

Completamente remodelado e em dia com os recentes regulamentos, abrange o programma completo da Escola de Soldado de acordo com os novos ensinamentos.

Como Livro para recrutas encerra todos os ramos de sua instrução, expostos methodica e succinctamente de modo a poderem ser lidos e entendidos por elles próprios.

Fascículos publicados:

- I — A Educação Moral do Soldado.
- II — A Instrução Geral.
- III — A Instrução Disciplinar e de Serviços
- IV — A Instrução Physica e Treinamento de marcha.

Annexo — Organização do Exército.

Fascículos a seguir:

- V — A Escola do Soldado e do Grupo.
- VI — Armamento e Tiro.

A Papelaria Macedo - Rua Quitanda, 74 - Rio

Acelta encomendas.

Preço de cada fascículo : 1\$000
Os I, II, III e IV, reunidos : 3\$000

**Collocação em vigilancia
da bateria por meio do
goniometro e da plancheta
topographica**

pelo

1.^a Ten. Fernando Fonseca de Araujo

A venda em nossa Redacção

(Rua da Quitanda 74)

Preço: 5\$000. — Pelo Correio mais \$500

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, Maio e Junho de 1926

Ns. 149-150

EDITORIAL

O que fizemos — O que nos resta fazer

Quando se attenta para a obra que as novas gerações produziram no meio militar brasileiro, não se pôde deixar de sentir um orgulho sadio, por que desprezioso e impessoal, pelo potencial ao mesmo tempo idealista e realisador da propria nacionalidade, pois, afinal, todos quantos se arrojaram á tarefa foram recrutados pelo processo democratico que leva annualmente á Escola Militar, como aos corpos de tropa, patricios nossos de todas as camadas sociaes, livres de qualquer preconceito sectario.

Nessa construcção immorredoira, feita de pequenos, mas constantes sacrificios pessoaes, houve lugar para todos que quizeram abnegar-se ao sacerdocio da real remodelação do nosso Exercito. Desde o reengajado que teve de ceder seu lugar ao conscripto, até o official contrafazendo a mentalidade que os antigos programmas do ensino militar lhe haviam radicado na personalidade, atravez esses dois extremos, ha uma verdadeira epopéa em que cada um teve sua parcella de desprendimento, de heroismo.

A batalha formidavel que de 1908 para cá se travou entre o Exercito Velho, em sua retirada magnifica de attitudes, e o Exercito Novo avançando vitorioso á força do exemplo pertinaz dos seus sonhadores irredutiveis, será, sem duvida alguma, das mais bellas paginas da nossa Historia Militar.

**

Essa grande obra pôde resumir-se no esforço ingente de arrancar-se as forças militares da Nação do seu feitio miliciano e dar-lhe uma feição de Exercito tal como se fazia inadiavel.

Quando se iniciou a campanha, tinhamos apenas alguns corpos em cada uma das tres armas que, então, eram quasi todo o Exercito. As unidades d'essas armas não se agrupavam em unidades administrativas maiores, o que tornava impossivel pensar-se em grandes unidades das tres armas. A instrucção nada tinha de systematizada. As fileiras, constituidas pelo voluntariado a premio, estavam ankylosadas pelo reengajamento até o limite maximo da reforma. Os quadros, envelhecidos nos postos, não tinham consciencia plena de sua função militar e social e, salvo rarissimas excepções, não sabiam instruir nem comandar. O Exercito era uma milicia estagnada pelo serviço de guarnição, pelos methodos antigos e limitados de instrucção, pela ausencia de ideaes militares.

Para transformar essa milicia em Exercito foi preciso systematizar a instrucção dos quadros como das fileiras, organizar-lhe o Commando e criar-lhe os Serviços, estabelecer as praças de exercicio e os campos de instrucção, as linhas e os polygonos de tiro, refundir o ensino das Escolas Militares e fundar cursos de especialidades, admittir novo processo de recrutamento e iniciar o estabelecimento das reservas.

Essas são, em verdade, as luminosas jornadas da campanha que culminou com o advento do apostolado de Bilac e do contracto da Missão Militar Franceza. Hoje temos Estado Maior, Grandes Unidades, Serviços, doutrina estratégica e tática, especialistas e reservas.

**

Infelizmente, porém, nem tudo tem a necessaria significação prática. As circunstancias ambientes se oppõem ainda á realização integral de todas as conquistas realmente comprehendidas. Pode dizer-se que existe um Exercito no papel e outro, de muito diferente deste, na realidade dos factos.

Mas, não podemos negar que é uma consoladora constatação saber-se que o Exercito Nacional já existe em projecto, por isso que ha um corpo vasto de regulamentos, uma completa montagem de órgãos sem os quaes elle não poderia existir de nenhum modo.

A traducção verdadeira desse phenomeno singular é que, quanto dependia exclusivamente dos constructores do Novo Exercito foi feito, com a galhardia convicta de um crescimento endogeno, inapercebido mas vitalisador. A organisação do Exercito está virtualmente feita. A nova jornada que nos cumpre é integralizar na Nação o Exercito que construimos.

Até aqui bastou que agissemos no interior ignorado das casernas, ao sól dos campos de manobra, no trabalho de colmeia dos Estados Maiores, das Fabricas e dos Arsenaes. Fez-se a cruzada propriamente militar, organizou-se o Exercito. Agora devemos lançar nossa actividade para fundar as bases da organisação militar da Nação.

**

Cumpre-nos ter a energia e o patriotismo necessarios a passar da campanha technico-profissional que realizamos á campanha cívico-militar que devemos iniciar sem mais demora.

Pensava-se que a conscripção faria, automaticamente, o resto na nossa grande realização. As características brasileiras, entretanto, oppuzeram-se a isso. A lentidão com que vimos formando as reservas e as imperfeições da execução do serviço militar; a incipencia dos quadros de reserva e a evolução tumultuaria de to-

das as actividades nacionaes, todo esse conjunto de factores neutralisou a maior parte dos effeitos que esperavamos. Devemos sahir a campo com a palavra e com o exemplo e restaurarmos essas forças, as unicas capazes de dar significação social ás conquistas estrictamente militares que realisámos.

Que todos saibam que não ha Exercito, que não ha defesa nacional enquanto se esperar das instituições armadas do paiz que actuem d'essa ou d'aquelle forma, ao sabor das correntes partidarias. Que todos sintam que o Exercito nada é sem a íntima e constante participação de todas as manifestações civis da Nação. Que o que se chama correntemente de Exercito não é senão o apparelho de enquadramento das possibilidades nacionaes, na paz como na guerra. Que o nosso problema militar não é mais, somente, não pode ser mais, apenas, fazer e manter esse Exercito, mas organizar a defesa nacional tão bem que se chegue com isso a integralisal-o na propria Nação, da qual será elle o symbolo de suas conquistas politicas e sociaes, no interior como no exterior do paiz.

Extingui-se a antiga milicia que possuimos até 1908, mas o Exercito Nacional que se instituiu ainda não mergulhou suas raizes na sociedade brasileira, espalma sua fronde vencedora na mentalidade miliciana que ainda é a da população civil. Olhamo-nos como uma instituição nacional, enquanto que as classes civis continuam a olhar-nos como se milicia fossemos. Enquanto isso se verificar, o Novo Exercito não sahirá do papel, nem cessará completamente todo o mau estar que pesa sobre as nossas forças de terra.

A campanha cívico-militar a que alludimos — a nova jornada que nos incumbe — responderá a esse factor psychologico e inattendido até agora.

**

Como realisar esse novo apostolado? E' elle muito simples, tão simples como foi o que realisámos, durante quasi quatro lustros, desde que lhe emprestemos o mesmo ardor e a mesma fé.

Em primeiro lugar quebremos o vicio mental de suppôr-se que defesa nacional é competição de armamentos, é allucinação nacionalista ou transformação da sociedade num immenso quartel. Mostremos

á Nação que o problema da sua defesa militar é um caso tão concreto como o da sua defesa económica, agrícola, industrial ou sanitária. Independe de quaisquer manifestações do sentimento, emerge de características geográficas e históricas, funda-se em razões de ordem científica. O Brasil tem o seu problema militar como o seu problema de viação, de hygiene, de finanças, como todos os seus outros problemas, com armamentos ou sem eis, haja nacionalismo ou não, sejam todos paisanos ou soldados.

Em segundo lugar demonstremos, a todos os brasileiros de boa vontade, que já é tempo de fixarmos o nosso problema militar, para que sintamos a sua complexidade, de quanto estamos longe do apparelhamento moral, material e técnico que

elle exige. Em consequência disso formulemos o programma militar do Brasil que será a demonstração, em detalhe, de tudo que ainda nos resta fazer.

Então ver-se-ha que o que mais nos falta não são, propriamente, os meios materiaes mas a coordenação de todas as possibilidades nacionaes em vista da defesa militar do paiz, ou seja a organisação militar da Nação.

Por fim, computando o total de todas as medidas extra-militares, sem as quais nada significa o Exercito Nacional, convençamos os nossos patrícios civis da falta de que mais se resente o Exercito: a ausencia de sua collaboração effectiva na solução dos nossos problemas militares, a consciencia de suas responsabilidades militares ainda não despertada.

NOTA IMPORTANTE

Com o presente numero, «A Defesa Nacional» consegue pôr em dia a sua publicação. Esse é o resultado de sacrifícios de toda sorte d'aquelles que, por mais diffíceis que tenham sido as circunstancias, nunca a desampararam.

Todas as nossas melhores energias visam agora um segundo objectivo: fazel-a aparecer mensalmente.

Se o numero de assignantes continuar a subir e as medidas que iremos tomando para dar o maximo de utilidade á nossa Revista lograrem o exito que esperamos, será certo que o attingiremos.

Neste sentido, no proximo numero restabeleceremos o «Thema a Premio», instituído ha tempo pelo Ten. Cel. Paes de Andrade, e aparecerá uma nova Secção — SUGGESTÕES — onde daremos publicidade ás ideias de todos sobre a solução dos nossos problemas técnicos, e profissionaes, cada dia de solução mais urgente e mais complexa.

As suggestões devem chegar á nossa redacção até o dia 15 de cada mez com a assignatura do seu auctor a qual poderá não ser publicada se assim nos for pedido.

Muitos são os nossos problemas — hoje aggravados pela quasi paralysação de nossas medidas de organisação — e,

quanto antes, devemos retomal-os com a energia de outros tempos.

Precisamos completar o actual programma do Ensino Militar criando a Escola Technica; devemos estabelecer mais alguns novos quadros como os de Technicos, de Aviação, do Serviço Geográfico; necessitamos nova lei de promoções que substitua a de 1891 que ainda rege o assumpto (!); ha necessidade de uma revisão geral dos quadros no sentido de sua real efficiencia physica, moral e profissional; é urgente a criação do Conselho de Defesa Nacional para fomentar a mobilisação civil e coodernar as medidas puramente militares com as de carácter extra-militar; precisamos apurar o processo de recrutamento de nossos officiaes, dar feição industrial as nossas Fabricas e Arsenaes, tratar da remonta, do recrutamento das fileiras etc, etc.

Esses, como muitos outros assumptos que taes, devem merecer de todos nós acurada meditação, para cujas conclusões abriremos a secção a que nos referimos.

Cremos profundamente na grandeza do Brasil e por isso na breve reconstituição do Exercito Nacional.

Que seja dado á nossa Revista colaborar nessa grande obra, tão de perto e tão intensamente quanto possível, dentro dos moldes de sua propria finalidade e de suas honrosas tradições.

Carta Aberta aos cadetes da Escola Militar

(Ao aparecer do 1º numero da Revista da Escola Militar)

Foi com um grande sentimento de entusiasmo, meus jovens camaradas, que li, quasi de uma só sentada, todo o primeiro numero da bella «Revista da Escola Militar».

Essa soffreguidão vinha do desejo de entrar, ao menos espiritualmente, em contacto com a mocidade militar de hoje, evocando o meu obscuro passado academic, phase tão fugaz quão povoada de sonhos e que, infelizmente, só sabemos amar e estimar com o fervor digno, apóz sua passagem, atravez da mais profunda e sincera saudade.

Desejava tambem, por essa maneira, auscultar as vibrações da alma ardente da juventude militar, na hora sombria que atravessamos; pois, é nestes transes exactamente que mais esperámos d'ella, como promessa alentadora de um futuro melhor.

E essa leitura, como um balsamo, trouxe-me, gracas a Deus, um grande conforto, por isso que, atravez d'ella, senti o bastante para confiar nos destinos gloriosos das gerações que, amanhã, vigorosas e cheias de Fé, farão seu ingresso nos quadros de nosso Exercito.

Sente-se ahi, effectivamente, que a descrença, isto é, a estagnação, bem como as paixões inconfessaveis e dissolventes, que são anarchicas, não lograram contaminar a alma virgem e ardente soñadora do academic militar de agora.

E sente-se, sobretudo, que essa vibração, que é o factor mais vivo do trabalho, do esforço e do estudo, vem illuminada pela consciencia de suas responsabilidades, pela consciencia da grandiosa missão que um clarividente amôr da Patria está a impôr-lhes irrevogavelmente nessa ingente obra que nos aguarda: a reorganisação e o engrandecimento do Exercito de amanhã.

Sim, meus jovens camaradas, a tarefa que vos aguarda é tão brilhante quão espinhosa e cheia de sacrificios por isso que vossos ideaes, vibrantes de nobreza, seriam um sonho vão, si, em seguida, não se cristallissem em accão; vossos acariciados sonhos, por um Exercito forte e por uma Patria grande, nada seriam, si não se traduzissem em esforços reaes,

continuados e proficos, como collabordadores assíduos e pertinazes da grandiosa edificação, que se ha de reerguer, sejam quaes forem os obices que se lhe antepoñham.

A crise que infelizmente assoberba nosso querido Exercito é uma epidemia que vae passando; si elle saí debilitado della, nosso dever maximo, no momento, é cuidar seriamente de sua convalescência, extremando-nos por que readquira o vigor perdido, afim de poder, no mais curto lapso, reassumir, vigorosa e efficazmente, a magna função que lhe compete, como orgão vivo da defesa nacional.

Apezar de todas as controversias, de todas as theorias em torno da fraternidade humana e da paz universal, um facto resulta indiscutivel, livre de qualquer objecção — o povo brazileiro deposita em seu Exercito a confiança de sua defesa e, por isso, nosso dever precípua é esforçar-nos decisivamente, quanto em cada um de nós couber, por corresponder a essa honrosa incumbencia.

Não cabe nos estreitos limites destas breves linhas entrar na apreciação dessas correntes de opinião; á guisa de argumento decisivo, porem, duas cousas podemos sempre oppôr, syntheticamente, aos predicadores da paz, aos desaffectos das Forças Armadas, organisadas permanentemente — primeira, é que a manutenção destas, no Brasil, não traduz sentimentos de aggressão, mas sabia previdencia de defesa; não indica amor á guerra, mas exprime prompta capacidade para ella, si nol-a imponzerem como solução eventual de nossas contendidas internacionaes; segunda, é que a manutenção da ordem interna e a defesa das instituições, dada a grandesa territorial do Paiz, a autonomia dos Estados e a imperiosa limitação de suas proprias forças, não seriam possiveis de outro modo.

D'ahi a convicção de que o Exercito de Terra e Mar, no Brasil, é, a um tempo, uma necessidade interna e externa, conforme, aliás, preceitúa nossa sabia Constituição.

Esses espiritos, não raro eivados de preconceitos de toda ordem, não vêm que á vida de nosso povo, nesta natu-

reza de uma pujança incoercível, onde quasi tudo está ainda por fazer, deve ser impulsionada por um culto perenne do heroísmo, seja qual for o ponto de vista sob o qual possa ser considerado.

E não ha nada, como se sabe, que, sob este aspecto, se possa comparar ao serviço das armas, no qual a pertinacia e a abnegação vão até o sacrificio da propria vida em favor do bem publico.

Deixemos, entretanto, estas sub-questões do problema militar para considerar uma face para a qual chamo especialmente a attenção dos meus jovens camaradas.

Permittam-me a liberdade de aconselhar-vos uma causa — sede sempre esforçados, em tudo o que concerne á cultura profissional que abraçastes, por isso que, como vos disse, esse é o nosso dever capital; mas aproveitae, sempre que vos fôr possivel, as horas de laser para extender vossa cultura, convenientemente, além das fronteiras propriamente militares.

Lembrae-vos de que os Exercitos, sendo orgãos que provêm do povo e que com elle e por elle trabalham, não podem nem devem limitar-se exclusivamente aos conhecimentos profissionaes.

Integrados na communhão das demais classes sociaes, em relações, mais ou menos estreitas, com todas as outras actividades do ambiente em que vivem, assiste-lhes o dever imprescriptivel, mórmente nas democracias livres, de vibrar em correspondencia com esse ambiente, posto que de modo proprio e consoante sua natureza e função especiaes.

Reflecti que, mais tarde, vossa actividade não se limitará somente aos trabalhos da caserna, aos mistéries da instrução, da disciplina e da administração; pois, o quartel não está isolado, por nenhuma muralha chineza, da vida exterior: sereis, portanto, muito a miude, forçados a encarar o problema das relações que vos irão ligar ao ambiente: relações com a sociedade, com as instituições governamentaes, com a politica, sem falar em muitas outras, como as artes, as sciencias, as industrias, etc.

Mas, para vos haverdes da maneira mais razoavel e conveniente aos interesses do Exercito, que são os da Patria, conduzindo-vos de conformidade com a alta missão que lhe compete, definida,

synthetica, mas precisamente, em nossa Lei Basica, tendes necessidade imperiosa de desenvolver determinadas faculdades de exame, clarividencia julgadora, que só uma cultura geral, alem da profissional propriamente dita, vos pode proporcionar.

Reflecti mais, meus caros camaradas, que, no Brasil, o Exercito vive e se desenvolve, em regra, á revelia do meio ambiente que, si não o hostilisa, por motivos varios, lhe é indiferente.

O facto provem dessa inconsciencia geral de sua função, de sua necessidade e importancia.

A começar pelos dirigentes politicos entre nós, o meio civil não estuda e, por isso, não conhece os problemas de nossa defesa; os valores intellectuaes, quando delles se lembram, raramente os encaram de modo objectivo e pratico, como seria para desejar: deslocam a questão para o terreno das generalidades philosophicas, sociaes ou religiosas, d'onde jamais descem a applicar as theorias que os fascinam aos nossos casos concretos. Pairam muito alto e, ainda assim, quasi sempre, nebulosamente.

Generalisando o phenomeno, pôde dizer-se que esse tem sido o grande mal de nossa cultura, no Brasil, a qual, importada, como ainda não logrou deixar de ser, não temos sabido adaptar, convenientemente, ao nosso feitio e ás nossas necessidades, utilizando-a na solução de casos concretos e precisos.

Si os conhecimentos geraes, theoricos ou technicos, são indispensaveis á creaçao, ás applicações correspondentes; precisamos, de uma vez para sempre, convencer-nos de que elles, por si sós, não representam finalidade logica digna de nossos esforços, enquanto não forem intelligentemente explorados nas applicações ás nossas exigencias, na demanda de resultados uteis.

O que fica dito para os politicos e intellectuaes pode applicar-se, com mais forte razão, á imprensa e ao povo, em geral.

Quer isto dizer, em synthese, que o problema de nossa defesa só é convenientemente conhecido intra muros; de modo que a solução respectivá, em vez de ser iniciativa da direcção politica, isto é, do Governo, do Congresso, é provocada pela caserna, isto é, pelo Exercito, que insiste no surto de uma actividade organica crea-

dora de que é o natural objecto mas não devêra ser o propulsor original; pois, alem do mais, sua existencia e seu feitio correspondem muito mais a grandes exigencias nacionaes do que a interesses proprios.

Na maioria dos Paizes bem constituidos, os estadistas conhecem tão bem ou melhor que os officiaes os problemas da defesa e as necessidades do Exercito. Os parlamentos discutem-n'as com proficia e tomam por ellas o interesse imposto por sua importancia; a imprensa e o povo, por seu turno, põe-se ao corrente dellas com precisão e patriotismo.

Entre nós, infelizmente, tudo isso ainda é, apenas, um sonho, uma vaga esperança, para tempos que estão por vir, não se sabe quando...

Consequentemente, meus jovens camaradas, o que vos espera na vida practica é uma dupla responsabilidade: a essencialmente profissional e a decorrente das relações que ligam o Exercito ao nosso meio.

Habilitae-vos, portanto, para ambas; esforçae-vos por virdes a ser bons instrutores e chefes dignos, mas não vos descurais de cultivar a intelligencia para a peleja de relação, para a luta a favor do sorteio, que ameaça de fracasso, hostilizado pelos jornaes e pelos advogados sem escrupulo, pela ignorancia das massas e até pelos tribunaes; ponde-vos na altura de discutir e convencer aos que, de bôa fé, desconhecem as necessidades de nossa defesa; adquiri capacidade para examinar e alvitrar as providencias que deviam decorrer normalmente de outras fontes, tendentes a melhorar o orgão maximo de nossa segurança, que muito deixa ainda a desejar; esclarecei-vos principalmente nas questões que entendem com as relações entre o Exercito e a politica, de modo a poderdes, com intelligencia e firmeza, conduzir-vos de acordo com os interesses superiores da Patria, no desempenho da alta missão constitucional que nos compete; estudeae nossa historia, a formação de nossa nacionalidade, o papel que representou nosso Exercito nesse passado e a funcçao que lhe compete no presente e no futuro.

Quanto mais vos desenvolverdes, sob este aspecto, mais vos compenetrareis da respectiva importancia, convencendo-vos de que nossa missão de soldados no

Brasil é mais complexa que nos paizes maduros e que ella será tanto melhor desempenhada quanto mais amplos e acertados forem os conhecimentos que houverdes adquirido do ambiente em que tereis de exercer vossa actividade.

Muito já tereis ouvido por certo, a phrase — afastae-vos da politica. Sim, ha nessa exhortação muito senso e muita sabedoria e, por isso, deveis fazer d'ella padrão de conducta. E' indispensavel, todavia, que penetreis nitidamente seu espirito — abster-nos, quanto possivel, das competições politicas, não quer dizer, entretanto, que devamos viver ás escuras, nesse terreno, de costas voltadas para elles; pois, a ignorancia ou, melhor, a ingenuidade, nesta esphera, é talvez mais prejudicial ao soldado e perigosa á Nação do que sua interferencia consciente.

Não, não nos insulemos, como um papão inconsciente, em meio a sociedade cuja segurança e liberdade definem nossa razão de ser — acompanhemos vigilantes, com serena imparcialidade, quanto se passa no scenario politico, de preferencia como espectadores, afim de podermos, com a mais absoluta isenção de animo, intervir quando, para isso, houvermos recebido ordens precisas, emanadas das autoridades competentes.

Pelo que, succinctamente, acabo de dizer, bem podeis avaliar quão delicada resulta a função interna, digamos doméstica, do Exercito, muito diversa da internacional, que exige quasi exclusivamente capacidade profissional.

Penso ter assim esboçado, meus jovens camaradas, o sufficiente para fundamentar o appello que acima vos fiz e agora ractifico, no sentido de cuidardes tambem, com especial carinho, sempre que pos sobrar laser, da cultura extra-profissional a que me referi e que vos habilitará a ser, a um tempo, bons soldados e cidadãos esclarecidos.

Ficae certos, por fim, de que não só á profissão das armas é indispensavel essa ampliação de nosso saber e discernimento: ella deve ser extendida, como um grande pensador americano já observou, a todas as profissões, ás demais classes activas da sociedade; os artistas, sejam elles poetas, musicos, pintores ou escultores, os scientistas de todos os matizes, os industriaes e commerciantes, os funcionários publicos, por isso que vivem

em sociedade e, portanto, para ella, quando trabalham honestamente para si mesmos, todos carecem desse complemento, maior ou menor, na cultura de suas respectivas especialisações.

Lucram com isso elles proprios e o meio social.

O individuo que envereda por um desses caminhos da actividade e se alheia de tudo o mais que se passa em torno é, afinal, um amputado intellectual e não está em condições siquer de participar dos fructos da civilisação.

DIARIO DO BRASIL

Acaba de appaecer em Bello Horizonte, a risonha capital de Minas Geraes, um diario com o titulo supra.

Si por um lado a sua qualidate de diario representa um progresso para aquella grande cidade, por outro o que sobremaneira attráhe a sympathia publica para os seus fundadores é a vastidão e a importancia do programma que a si proprios elles traçaram.

Assim fogem do caracter puramente estadal para se pretenderem a abordar todas as questões de interesse nacional, declarando em seu programma:

«O Brasil inteiro ancia pela nova éra, que lhe permitta realizar o seu destino de grande Paiz, e aproveitar os seus numerosos recursos, para o bem-estar geral da nacionalidade.

E é para ajudar o nosso Paiz a alcançar este objectivo, que estamos trabalhando.

O nosso proposito é o de dar ao Brasil a consciencia da sua dignidade, a consciencia do seu poder, a consciencia das suas riquezas, a consciencia das suas possibilidades, a consciencia do seu destino, a consciencia de si mesmo».

Mais ainda, com uma comprehensão nítida do papel efficiente e dignificante que cabe, no evoluir nacional, ás classes armadas, declararam esses moços cheios de vigôr e patriotismo:

«Sem cahirmos de modo algum nas loucuras armamentistas, evitando sempre os excessos do militarismo, os problemas da reorganização das nossas forças armadas, especialmente, os da nossa gloriosa Marinha de Guerra, para a qual a Nação deverá voltar as suas vistas carinhosas, contarão com o nosso vigilante e indefectivel esforço.

Necessitamos de uma esquadra compativel com os nossos interesses marítimos, com a extensão da nossa costa, com as nossas riquezas, sem cogitar-se, entretanto, de hegemonias militares.

Necessitamos tambem da sua imprescindivel aliada — a aviação naval — defesa fundamental, hoje em dia, devido á transformação da guerra moderna, a qual quase torna impossivel a qualquer esquadra inimiga, approximar-se das costas, onde estejam organizadas bases aereas.

A aviação naval é indispensavel a nações como a nossa, cuja politica militar só deve ser inspirada nos propositos de defesa e nunca nos de aggressão.

Quanto ao Exercito Nacional, desejamos seja elle, não sómente uma instituição de homens

Sejam minhas ultimas palavras, simultaneamente, uma vehemente felicitação aos vossos esforços, ás tendencias de vosso espirito transparentes das paginas de vossa formosa Revista e um appello aos vossos corações, no sentido de trabalhaderes sempre, com amôr e com intelligencia, para o engrandecimento do Exercito, tendo como objectivo final a gloria de nossa Patria.

Rio, 24 de Maio de 1926.

Cap. Sylvio Scheleeder.

armados, mas uma verdadeira Escola de ensino primario profissional e technico, de sorte que o soldado, após a sua passagem pela caserna, seja alfabetizado e adquira conhecimento de um officio que o capacite á vida practica civil.

Além dessa organização militar effectiva, que exige, imperiosamente, um estagio obrigatorio de uma parte da mocidade, queremos que cada Brasileiro, que não passe pelas fileiras acima alludidas, aprenda a defender a Patria, integrando-se em uma formação especial moderna e efficiente, que seja a reserva natural das forças de primeira linha.

Os serviços da aviação militar terrestre terão, outrossim, um constante animador no «Diario do Brasil», que zelará pelos direitos e interesses nacionaes, no uso militar, civil e commercial da quinta arma, que o genio de Santos Dumond, — digno filho de Minas — tornou uma esplendida e gloriosa realidade, e á qual está destinado o papel de ser a sementeira natural da nossa aviação commercial, como meio de comunicação e transporte, factores de prosperidade, num Paiz de grande extensão territorial como o Brasil.

Além disso, trataremos de fazer a propaganda do Escotismo, tão conforme á nossa indole, e que já era praticado pela nossa mocidade do interior, antes mesmo de seu conhecimento sob este nome. Orgão preparador da energia das novas gerações, notável plasmador moral e phisico da nossa juventude, — o Escotismo, amparado pelas classes educadoras, é um elemento decisivo para a affirmation da nossa raça, no Continente Americano».

Pois bem, «A Defesa Nacional» que sempre pugnou pelo progresso das classes armadas, pregando e defendendo a these de que elles representam não uma casta ou um peso morto no orçamento da Republica e sim uma instituição necessaria como a unica salvaguarda de nosso patrimonio moral e material, unica instituição capaz de manter a nossa integridade territorial, factor indispensavel ao nosso progresso, felicita vivamente aos ardorosos moços que com tão bello programma e em tão bôa hora se lembraram de dotar o jornalismo brasileiro com mais um grande organo de publicidade.

São seus directores: Cezar Magalhaens, Nicolão Debané, Borja de Almeida, Raymundo Mello Vianna.

PELO TRIBUTO DE SANGUE

A FORÇA DA CONSCIENCIA

Bem sei que em quasi nada, ou em nada, ha de influenciar a opinião dos nossos governos e da nossa gente a argumentação sem brilho com que estou tentando evidenciar-lhes quão grave é o mal que representa para a nossa Patria a desestima que se vae votando, entre nós, ao serviço militar. Nem mesmo as palavras de rara liberalidade, com que me saudaram o primeiro escripto alguns camaradas de indiscutivel prestimo; nem mesmo essas expressões sinceras, que me captivaram, que me penhoraram, conseguiram desvanecer em mim, por um instante ao menos, a certeza da minha desautoridade.

Sem embargo disso, não desanirrei, não esmorecerei, não desesperarei. Diz-me a consciencia que estou cumprindo, quanto me cabe nas forças, um dever para com o paiz que me serviu de berço, e a mim me basta esse alento que me vem da consciencia, do meu fôro íntimo, para que eu possa enfrentar, sem desfalcamentos, as arremetidas dos doestadores declarados ou encapotados.

Prosigo, pois, o meu caminho.

A DISCIPLINA MILITAR

Quero, agora, refutar uma das arquições mais desmedidamente injustas a que se tem acarrajado a farandula dos adversarios systematicos do serviço militar, pelo desconceituar entre basbaques e dasavisados. Refiro-me, claro está, a que assoalham esses berregadores contra a disciplina militar.

A disciplina não é, de feito, como, dizem elles, o maior attentado contra a liberdade individual, a maior violencia que se pôde exercer contra a dignidade humana, o maior aggravo que se pôde fazer á civilisação.

De injusta chamei eu essa imputação, e é pouco. Disparatada é o que ella é. E tão disparatada é ella, que não mereceria as honras de uma rebatida, «se não fosse necessário,» no dizer de Ruy (Senado Federal, 31 de maio de 1917), «se não fosse necessário, em certas ocasiões, que certas infelicidades tivessem a exhibição de um pelourinho bastante

vasto para lhes servir de castigo, quando outros lhes não coubessem».

A disciplina é uma necessidade. Não são sómente as forças armadas que carecem della. Della carecem por igual — e em summo grão — todas as associações, todas as corporações, todas as agremiações, quaesquer que sejam os fins que as originaram.

O repudio da disciplina é a mais clara manifestação de uma vaidade morbida. Os amoucos da indisciplina, isto é, do desrespeito ás leis e aos regulamentos, da resistencia ás ordens das autoridades, da desobediencia aos patrões, aos chefes, aos superiores, são individuos positivamente desatinados, desassisados, desorientados. A disciplina não amesquinha, exalta; não rebaixa, eleva; não enfraquece, anima. O que se faz mistér é que se não confunda disciplina com servilismo, com capachismo, com subser- viencia.

A disciplina é que deveram as antigas republicas a sua celebrada pompa e a sua força; a ella é que, hoje, devem muitas nações da terra o seu assombroso desenvolvimento; só ella, enfim, será capaz de restabelecer um povo a que haja attingido uma dessas catastrophes de desmarcado vulto, deante das quaes se queda, horrorizado, o mundo.

E notem mais os impugnadores do serviço ás forças que a nossa Constituição destina «á defesa da Patria no exterior, e á manutenção das leis no interior»: se considerarmos a maior parte, ou quiçá a totalidade das profissões humanas, é ainda a das armas a em que se goza de maior somma de considerações, de condescendencias, de liberdade e de iniciativa. A independencia na organisação civil é muito mais ficticia do que imaginamos ordinariamente.

A CASERNA

Na mesma categoria das imputações despropositadas está, tambem, a dos que taxam a caserna de muladar de vicios e de embrutecimento.

A caserna é forja em que se preparam cidadãos prestantes. Em lhe transpondo as portas, e em lhe chegando ao seio, onde só se distinguem os homens

pelos proprios meritos; onde, com o branco, se hobreia o preto; onde, com o rico, se nivela o pobre; onde, com o poderoso, se iguala o humilde, e, com o letrado, o inculto, e, com o civilisado, o rustico — á sombra do mesmo pavilhão sagrado, que é o symbolo da nossa nacionalidade — o novo servidor das armas achará nesse recinto augusto, não as mazellas de que tanto lhe fallaram criaturas endemoninhadas, mas, ao revez, um inexgotavel manancial de bens. «É a instrucção primaria obrigatoria», como diz Bilac, em sua formosa oração *Em marcha!* dirigida aos jovens estudantes da Faculdade de Direito de S. Paulo, em 9 de outubro de 1915; «é a instrucção primaria obrigatoria; é o asseio obrigatorio, a hygiene obrigatoria, a regeneração muscular e psychica obrigatoria».

Na caserna, queiram ou não queiram os que lhe andam a denegrir o nome, é que se apparelharam os que, aos 26 de Fevereiro de 1821, constituiram a famosa reunião em que se aventou e assentou a partida de D. João VI para Portugal. Na caserna é que se fizeram os que mais vehementemente propugnaram pela nossa emancipação politica, e os que ampararam a nova patria livre. Na caserna é que se formaram os que primeiro viram a indispensabilidade da dissolução, em 1823, da Assembléa Geral constituinte, por facciosa, por demagogica, por sediciosa. Na caserna é que se preparam os que concorreram com maior prestígio para que D. Pedro I subscrevesse o seu acto de abdicação. Na caserna é que se fraguaram os que, com se recusarem a capturar e a massacrar escravos, mais contribuiram para a obra admirável da abolição. Na caserna é que se educaram os que, realizando a mais ardente aspiração do povo brasileiro, imprimiram, em 15 de novembro de 1889, o empuxão que deu em terra com o throno imperial.

Ainda mais. Da caserna é que procederam esses abnegados que construiram, através dos invios sertões goyanos e matto-grossenses, as linhas telegraphicais de penetração. Da caserna é que emergiram esses missionarios que vão levando a efecto, com brandura extrema, a catechese dos nossos aborigenes. Da caserna é que provieram os que nos lindaram as fronteiras com os paizes que nos avizinharam.

Da caserna é que surgiram os que, vencendo tropeços inimaginaveis, nos estão cartographando a imagem, a physionomia, o aspecto territorial. Da caserna é que sahiram os que esmagaram o fanatismo nos sertões bahianos e nos recessos das florestas paranáenses e catharinenses. Da caserna, enfim, é que vieram os que, com a occupação do Acre, salvaram de um fracasso certo a rebeldia dos seus primeiros povoadores, e permittiram, assim, que Rio Branco, o insigne, preparasse e realizasse a incorporação, no territorio patrio, dessa região riquissima.

Essa é que é a verdade verdadeiramente historica. E eu penso, como Santo Agostinho, que «melhor é padecer por dizer verdade, que receber mercês por lisonjas».

A LIÇÃO DE MECENAS

Conta Dion Cassius que havendo o imperador Augusto convocado a Mecenas e a Vespasiano Agrippa, por saber de ambos como se havia de proceder a uma nova organisação militar do Imperio, aconteceu apresentar-lhe aquelle o seguinte projecto de recrutamento, que bem nos mostra a que extremos de degradação tinha chegado a velha Roma de Servio Tullio, dos heroismos e dos esplendores: «Todo o povo», rezava esse projecto, que foi para logo adoptado por Octavio Augusto; «todo o povo será dividido em duas classes: uma, constituída dos indignos e das pessoas robustas, dedicar-se-á unicamente á profissão das armas; outra, desarmada, composta dos ricos, das pessoas industriosas e dos fracos, semeará, colherá, gozará tranquillamente e sustentará a porção armada. Dest'arte, conseguir-se-á ao mesmo tempo alimentar um grande numero de homens inquietos, turbulentos, que espalhariam a desordem no Imperio e nelle viveriam de rapiñas. A massa da população pacifica e feliz obrigar-se-á apenas a pagar um imposto geral e perpetuo destinado ao soldo e ao sustento dos seus defensores».

Pois é isso, sem tirar nem pôr, o que pretende a seita dos que tudo fazem por desabonar, aos olhos dos nossos dirigentes e do nosso povo, a caserna, a disciplina, o serviço militar, em synthese.

Apezar dos dois mil annos que nos afastam da governança do imperador Augusto, essas criaturas não acharam ainda

solução mais justa para o problema do recrutamento, do que essa que lhes legou o corypheu, o mestre. Para elles, o que se ha de fazer no Brasil, e já, é exactamente o que aconselhou Mecenas a Octavio Augusto: separar os homens reconhecidamente uteis dos reconhecidamente prejudiciaes, e destinar ás armas tão sómente os ultimos. «*C'est ensuite à la discipline militaire à épurer cette masse corrompue, à la pétrir, à la rendre utile:* A disciplina militar é que cabe, ulteriormente, depurar essa massa corrupta, preparala, tornala util», consoante o parecer do conde de Saint-Germain, ministro da guerra em França, de 1775 a 1777, e um dos discípulos a quem Mecenas consagraria especial affecto, se os não apartasse o largo espaço de dezoito séculos.

AFAN ESTERIL

Desenganem-se, porém, os pregadores dessa doutrina impura: o seu afan, sobre ser inglorio, é esteril. O Brasil não retrogradará, não retrocederá, não volverá mais aos ominosos tempos em que o seu Exercito e a sua Armada eram o despejadouro obrigatorio do sedimento, do refugo, do rebotalho da sociedade; em que a *tropa de linha* era o maior terror, o maior espantalho dos cidadãos pacatos; em que os paes amedrontavam aos filhos desorganisados com a estribilhada promessa de lhes pôr *farda ás costas*.

Os tempos mudam; e os tempos se mudaram.

No estado actual da civilisação, constituiria a mais tremenda das abjecções confiar a defesa do paiz a um bando de estipendiarios sem honra e sem patriotismo. O homem publico que imaginasse consummar essa ignominia; o que se lembrasse de commetter essa indignidade; aquelle que nos quizesse arrastar a essa situação vilissima — esse bem merecia que se lhe dêsse um dos primeiros postos na execração da Historia. Maior desatino não praticou Caligula, elevando o seu cavallo *Incitatus* á condição de consul.

Estarei exagerando? Não. Tudo isso são verdades manifestas.

Pódem, pois, os *mecenistas* continuar o seu apostolado.

Por mais que custe, e por menos que o desejem elles, ha de chegar o dia em que o Brasil inteiro se convencerá de que é indispensavel vigorisar e dignificar as suas forças de mar e terra, para que possamos conservar a paz, e, sobre tudo, obter as sympathias das demais nações. Porque o certo é que estas «se approximam de bom grado dos fortes, aos quaes respeitam, e raramente dos fracos, cuja amizade e cujo concurso lhes são inuteis», conforme opinou o então presidente da Republica Franceza, *Émile Loubet*, em discurso que proferiu após as manobras que se realizaram, em 1903, no sudéste do seu paiz.

Não nos afflijamos, não nos impacientemos, não esmoreçamos. Esperemos.

A MULHER BRASILEIRA

Ha ainda um ser capaz de operar o grande milagre da vigorisação e dignificação das forças de que dispomos para a defesa dos nossos direitos, da nossa liberdade e da nossa honra: — a mulher. Appellemos, pois, para a sua ajuda, para o seu auxilio, para o poder inegualavel da sua resignação, da sua paciencia, e do seu amor.

Que a mulher brasileira se consagre, daqui ávante, ao trabalho de persuadir o homem — o pae e o irmão, o esposo e o filho, o noivo e o amigo — de que desestimar as forças armadas é deservir a Patria. Que castigue inexoravelmente, com o seu repudio, os insubmissos, e os que, ludibriando a lei, estribados na sophisteria de advogados inexcrupulosos, escapam ao cumprimento do dever militar, isto é, ao desempenho do mais sagrado dos deveres civicos. Que se não canse, finalmente, de encorajar com a sua deferencia e com a sua estima os que se tenham desobrigado em tempo, os que se desobrigam e os que, futuramente, se desobrigarem desse dever legal.

E' preciso que a mulher de hoje se mostre digna de haver nascido na mesma terra que serviu de berço a toda essa legião donosa de abnegadas, cujos nomes e cujos feitos se immortalizaram.

Cap. João Pereira.

Themes Tácticos de Infantaria

— Estudo de *tática de infantaria* sobre as situações organizadas para os exames finais de 1924, com os ensinamentos dos instrutores franceses e a cooperação dos oficiais que frequentaram o curso naquelle anno.

(Continuação).

1.ª SITUAÇÃO PARTICULAR A COBERTURA FIXA (conclusão)

O 1º R. I. das forças vermelhas, transportando-se da PENHA, marchou até a região DEODORO — R. ALBUQUERQUE, estacionou a E. do ramal ferroviário de S. Paulo, nas condições prescritas; isto é, num *dispositivo de estacionamento* para as unidades regimentais, capazes de poderem ficar inteiramente à mão e aptas a serem deslocados para O. em qualquer momento.

Semelhante condição é a que ficou estabelecida no item II da *Ordem de Movimento* do R. I. para a manhã do dia 21 — tendo em vista estar prompto para d'ahi transportar-se afim de estabelecer-se nas alturas de *Monte Alegre, Morro do Engenho Novo* e *valle do Arroio Pavuna*.

Esta instalação, desta sorte nunca esquecida, foi a razão da marcha e do estacionamento anteriores do R. I., cuja missão no conjunto do *Destacamento de Cobertura* foi-lhe consignada em detalhe no item II da 1.ª *Situação Particular* (cobertura fixa) *Postos Avançados de Cobertura* e de conformidade com o n.º 6 da I *Situação Geral* (cobertura de ambos os partidos).

Por conseguinte, a conclusão do estudo da *cobertura fixa* consiste na

INSTALAÇÃO DA INFANTARIA EM POSTOS AVANÇADOS

E' indispensável, portanto, reviver deante da carta de V. M. 1/20.000 os seguintes pontos:

- Missão do R. I. do *Destacamento de Cobertura* (n.º 6 da I *Situação Geral*);
- Missão do R. I. na 1.ª *Situação Particular* (cobertura fixa no Partido Vermelho) item II;
- Estudo sobre a situação (feito pelo Cmt. Corbé);

d) Conclusão deste estudo (em particular quanto à infantaria) itens 1º, ordem à infantaria, 3º) vigilância, 4º) organização do serviço.

Assim vamos esboçar uma ordem dada pelo Cmt. do 1º R. I. para a sua instalação na frente assinalada.

Ha para notar, antes de tudo, que o Cmt. do R. I. teria feito, um minucioso *reconhecimento do terreno* afecto a defesa de seu R. I. Além desse reconhecimento pessoal, realizado no terreno com os quadros das unidades regimentais (Cmts. dos Btls. da Cia. Mtr. P. e Ajt. do R. I.), o cmt. do R. I. teria completado as informações procurando ter contacto pessoal com o cmt. da unidade de cavalaria de cobertura a qual estava afecto o trecho agora designado para o R. I.

Outras informações terá recebido, sobre os movimentos do inimigo, através do escalão superior e que serão transmitidas por escripto, na proporção das necessidades, às unidades regimentais nos itens iniciais das ordens ou em particular, verbalmente, aos chefes de cada escalão subordinado. E taes sejam estas ultimas informações será possível a imediata instalação da infantaria e, mesmo ter a considerar o inimigo a menos de uma jornada.

ORDEM PARA A INSTALAÇÃO DO DEST. DE COBERTURA

I *Informações sobre o inimigo* — O inimigo parece concentrar forças na região de *Santa Cruz* e a Oeste — Hoje de manhã a localidade de *Sta. Cruz* já estava ocupada pelo inimigo.

II *Missão do Destacamento* — Os elementos da 1.ª D. I., já desembarcados, e constituindo o Destacamento sob o meu comando, com a missão de cobrir os desembarques da D. I., vão estabelecer-se imediatamente nas alturas N. O. da *Villa Militar*, cuja posse deve ser interditada ao inimigo.

A Bda. de C. irá assegurar a defesa do terreno ao S. da via ferrea.

III Ideia de Manobra e repartição dos meios — A Inf. vae installar-se na região indicada, admittindo a Linha de Resistencia balizada por: Faz. Cabral — Morro Periquito — Faz. Engenho Novo — Morro da Caixa d'agua — orlas O. da Villa Militar.

Com este fim, tenho intenção de concentrar deante desta frente todos os meios de fogos disponíveis, nas condições seguintes:

1º) INFANTARIA — O 1º R. I. terá por missão a defesa da frente citada entre a região S. da *Faz. do Cabral* (exclusive) e as orlas S. da *Villa Militar* (inclusive); ligação no *Morro do Pão* com a Cavallaria e ao N. ligação num ponto a determinar, ao S. de *Faz. do Cabral*, com o R.C.D.

O R.I. assegura essa defesa com dois btl. installados em P.A., ficando outro Btl. reservado á disposição deste comando.

A fim de facilitar a acção de conjunto da *Infantaria* a da *Artilharia* na parte Sul da frente, (a mais importante) o R.I. organisará um *centro de resistencia* com um batalhão entre *Villa Militar* e a via-ferrea de *Gericinó* (exclusive). Ao outro batalhão caberá o resto da frente.

Incumbirá ao Cmt. do R.I. a coordenação dos fogos dos Btls. dos P.A. e o flanqueamento da posição pela sua Cia. Mtrs. P.

O Btl. de reserva ficará em reunião articulada na zona *Posto Veterinario — Morro do Carrapato*, apto para reforçar um ou outro dos Batalhões em P. A.; P.C. deste Batalhão em *Posto Veterinario* — O Cmt. do R.I. terá a possibilidade de utilizar o Pel. Mtr. L. desse Batalhão para ocupar as cristas N. e S.O. do *Posto Veterinario*.

2º) ARTILHARIA — Constituindo um Agrupamento unico sob as ordens do major M., terá por missões:

a) preparar tiros longinquos sobre *Morro de São Bento* e orlas E. de *Bangú*;
b) cooperar na defesa da frente do quarteirão Sul do R.I. batendo deante dessa frente os caminhamentos possiveis do inimigo e os pontos que escapem á

acção dos engenhos de Infantaria (entendimento a esse respeito com a Infantaria);

c) Ficar em situação de agir eventualmente em proveito do Btl. do Norte, batendo a *Col. da Torre*, a *Col. de Capão Redondo*, e, de modo geral, as alturas cobertas que poderá servir ao inimigo antes de surgir no terreno limpo do campo de *Gericinó*;

d) em caso de conquista pelo inimigo, de um ponto da nossa frente ter a possibilidade de tomá-lo sob o seu fogo.

3º) CAVALLARIA — O R.C.D. terá por missão:

a) cobrir com o seu grosso, na região de *Faz. Cabral*, o flanco direito da Brigada e prolongar para o Norte a defesa do 1º R.I.;

b) assegurar a segurança da Brigada;

Para isso deverá:

1º) manter constantemente, posto nas estradas que vêm de *Sta. Cruz*, com a missão de avisar a chegada do inimigo, no momento em que elle se approxime de *Santíssimo* ou *Morro da Formiga*;

2º) cada manhã, pôr á disposição do 1º R.I., dois pelotões que serão encarregados da vigilância, de dia, dos P.A.

A importancia da Cavallaria empregada para a Segurança não deverá ir além de $1\frac{1}{2}$ Esquadrão.

4º) ENGENHARIA — A Cia. de Sap. Min. terá por missão;

Organizar os P.C. e P.O. da Bda.

Melhorar os caminhos para a circulação dos carros.

Preparar itinerarios para o Btl. de reserva através dos mattos do Carrapato.

Reunir na região do Posto Veterinario o material que poderá recolher, para organização do terreno (arame, etc....).

IV Vigilancia — Alem da vigilancia afastada, assegurada pelo R.C.D., os P.A. deverão (cada Batalhão na sua zona) organizar a sua propria vigilancia.

De dia essa vigilancia será feita pela Cavallaria (pelotões a disposição da In-

fantaria) e de noite pela propria *Infantaria*.

V Trabalhos — A maior parte da *Infantaria* deverá, durante o dia, trabalhar na organização da posição defensiva nas condições seguintes:

a) os Btls. de P.A. na organização da linha de resistencia, cada um na sua zona.

b) o Btl. de reserva seja auxiliando o Btl. da esquerda, seja na constituição de uma linha de apoio.

c) Esse batalhão fornecerá tambem algumas unidades para auxiliar a Cia. Sap. Min.

d) O Cmt. do R.I. dará ordens diárias para repartição dos trabalhadores desse Batalhão, segundo urgencias dos trabalhos.

e) Os trabalhos deverão ser conduzidos de modo que a posição possa ser ocupada em qualquer momento, adoptando a seguinte ordem de urgencia:

1º) obstaculos no campo de tiro das armas automaticas

2º) comunicações para o movimento das reservas:

a) normaes no interior dos quartelões.

b) itinerarios desenfiados para o Btl. de reserva

3º) abrigos para as armas automaticas

4º) P.C. e P.O. abrigados.

VI Serviços. — O inimigo estando longe, até nova ordem, sómente os Btls. em P.A. assegurarão, de dia e de noite, a guarda da posição; as outras unidades (Btl. reserva, Artilharia, menos a guarda necessaria do material, Cia. de Sapin, etc...) acantonarão todas as noites na *Villa Militar*.

Mesmo as unidades em P.A. e R.C.D. reduzirão ao minimum a sua vigilancia de noite, do modo a permitir que a tropa descance.

VII Trens — Os T.C. ficarão na frente E. da *Villa Militar*.

Os T.E. em Deodoro.

VIII — P.C. e LIGAÇÕES.

P.C. do Dest. — *Deodoro*.

P.C. do R.I. Estação *Villa Militar*.

P.C. do Grupo A.M. *Posto Veterinario*.

O R.I. além das ligações interiores do grupo, organizará a ligação com o P.C. do Dest. utilizando, si preciso, as linhas telephonicas existentes.

a.) Gen. X.

1.º D. I.	P. C. na ESCOLA DE POMICULTURA ás... horas
1.º B. da I.	N.º 27 de 22 (vinte e dois) de Maio.

ORDEM AO R.I.

I. Elementos de C. inimiga occupam as alturas a O. de *Bangú*; cerca de tres Btls. desembarcaram hontem em *Campo Grande*; uma a duas Bias. A.C. foram vistas hontem em marcha entre *Santa Cruz* e *Santíssimo*.

II. O Dest. vae ocupar immediatamente a região das alturas ao N. do *Ramal de Santa Cruz*, tendo ao S. a Bda. de C., que continuará na missão de informações na frente.

III. O 1º R.I., enquadrado pela Bda. C. e pelo R.C.D., irá installar-se nas alturas ao N. de *Villa Militar* afim de cooperar para a cobertura do desembarque e concentração da D.I. impedindo o accesso do inimigo entre o arroio *Pavuna* e o arroio *Meirinho*.

IV. A Resistencia está prevista nas alturas: *Monte Alegre* — Cota 60 (400ms a N.O. do mesmo) — Cota 50 (cérca de 400 ms. a E. de *Faz. do Engenho Novo*) — Cota 60 (600 ms. a S.O. do *Morro do Carrapato* — *Morro de Bôa Vista* — Cota 60 (ao N. de *Bôa Vista*).

A linha dos P.A. será balisada por: Cota 60 (400 ms. a N.O. de *Morro da Caixa d'Agua*) — Cota 60 (600 ms. a S. de *Faz. do Engenho Novo*) — *Faz. do Engenho Novo* — *Morro do Periquito* — *Morro do Engenho Novo*.

V. A zona de defesa affecta do R.I., será limitada ao S. pela *linha ferrea* e ao N. pelo *Arroio Cabral* — encostas N. do *Morro do Engenho Novo* — *Morro do Nascimento*.

VI. Ao I Btl. será affecto o Quarteirão N. e ao II Btl. o quarteirão S. Limite dos quarteirões: Guaraciába — *Faz. do Engenho Novo — Colina da Torre.*

2 Sec. Mtr. P. baterão o intervallo entre os quarteirões e as sec. restantes ficarão em Posto Veterinario até nova ordem.

O III Btl. como reserva, tomará posição, correspondendo ao centro do despositivo em Bebedouro até novas ordens (Ver o estudo da situação).

VII. Organização do terreno (idem)

VIII. Apoio de A. (idem)

IX. *Reabastecimento de viveres e munições* — (idem)

X. Ligações: Com a Bda. C. por um Dest. de ligações em *Morro do Capão*, a cargo do Btl. do S., Com o R. C. D. pela vista e patrulhas entre os Btls. da frente pelo fogo de 2 Mtr. P. em posição.

XI. *Transmissões*: Serão estabelecidas as diferentes rôdes entre os P. O. e P. C. das unidades do R. I. (Trabalho especial).

XII P. C. do R. I., em *Posto Veterinario* inicialmente.

a.) Cel. X.

Cmt. 1º R. I.

Distribuida a:

— I, II, III Btl. para cumprir
— Cia. Mtr. P. “ “
— Ao Gen. Cmt. do Dest. — a titulo de parte.
— Ao Gen. Cmt. da Bda. C. — como informação
— Ao Cmt. R. C. D. — “ “

Opportunamente consideraremos as situações do I, II e III Btls. respectivamente no quarteirão norte, no quarteirão sul e como reserva.

Explicação necessaria

As soluções dadas para algumas das situações, salvo os ensinamentos dos mestres, não serão nem poderiam ser as melhores e mui menos estarão isemptas de certas lacunas. Na realidade assim aconteceria, porque aquelles que dão ordens ou commandam nunca estarão sob uma absoluta uniformidade de preparo ou de capacidade profissional, muito embora uma unidade de doutrina se imponha.

Por outro lado ha nesta publicação o interesse de proporcionar a todos os officiaes que cursaram a E. A. O. no anno de 1924, da secção de Infantaria, contribuirem para esta collecção dos trabalhos do anno.

Semelhante collectanea servirá, pois, aos que não tiveram a oportunidade de frequentar a E. A. O., o ensejo de seguirem ou de repetirem, talvez melhorrando, a coordenação dos trabalhos do curso de infantaria que foram calcados no thema de conjunto do anno.

Cap. Demerval Peixoto.

Caderneta individual para o cavalo

A ultima edição do Regulamento de Remonta traz uma novidade — o estabelecimento da caderneta individual do Cavallo.

Nessa caderneta consta:

a especie do animal, sexo, idade, marca, pellagem e signaes particulares;
altura, paes, municipio do nascimento;
os conceitos emitidos pelos Commandantes de Corpos ou Chefes dos Estabelecimentos, sobre seus caracteristicos;

o numero de dias de tratamento nas enfermarias veterinarias, molestias, medicações;

o resultado da malleinização, isto é, das injecções de malleína, reveladoras do mormo,

sem o que não pôde ser transferido, comprado ou conservado nos effectivos.

A caderneta para o cavalo é um documento destinado a acompanhar o animal em todas as circumstancias — transferencia, campanha, diligencia, etc., — como seu verdadeiro historico (folha de serviço), permittindo que annualmente se faça a revisão dos effectivos, excluindo os animaes que estão dando prejuizo, que não mais podem prestar o serviço que d'elles se espera (idade, defeitos physicos, etc.).

Essa excellente novidade é devida ao Serviço Veterinario da 1.ª R. M., que a indicou e acaba de vêr accepta sua proposição.

A doutrina da cooperação militar e naval e o caso brasileiro

A moderna doutrina. — Sentido pratico da cooperação. — Sua adaptação integral ao nosso caso. — A comprovação historica. — O esforço da nossa Marinha.

A MODERNA DOUTRINA

O moderno conceito da guerra — após o esforço de arrancal-a do empirismo de outros tempos, emprestando carácter verdadeiramente científico á sua preparação e, em grande parte, á sua execução — acabou por fazer das Marinhas de Guerra mais uma arma das muitas de que dispõem os modernos Exércitos.

Essa conclusão — a que se chegou em consequencia da industrialização crescente da guerra em todas as suas manifestações — em nada diminuiu o papel das Esquadras, pois, apresenta-se, apenas como o meio pratico de concretizal-o. Agora, sabe-se, com precisão, a função das Esquadras, por isso que sua razão de ser não assenta mais sobre abstracções, indefinidas como os oceanos de outros tempos, mas referida ao grande eixo das actuações dos Exércitos, verdadeiros condensadores das energias nacionaes mobilisadas.

Com efeito, consideradas a intensidade das communicações e a generalisação dos interesses economicos, as vias marítimas cresceram de importância em face da guerra moderna. Por maiores que sejam os recursos e as possibilidades agrícolas e industriaes de um povo, em caso de guerra não poderá elle se bastar a si mesmo. Além do esforço em attenuar, quanto possível, o desequilibrio inevitável da balança commercial, ainda ser-lhe-ha indispensavel assegurar-se, no estrangeiro, de aquisições inadiaveis. Assim, mesmo que se não trate de grandes potencias, a luta entre duas nações, nos dias que correm, extende-se fatalmente aos dominios marítimos. Deve-se contar que a guerra, mesmo de carácter continental, extravasará do scenario puramente continental. Em qualquer caso, é preciso que as Esquadras saibam do que se trata, como

as actuações terrestres vão manifestar-se e durar para, por sua vez, actuarem em consequencia d'isso.

De outro modo, as vias marítimas como arterias alimentadoras do theatro de operações, propriamente, e, tambem, como cobertura dos transportes e operações terrestres (segurança das costas) assumem em quasi todos os casos, relevo impressionante. As operações navaes apparecem intimamente vinculadas ás operações terrestres — da mobilisação e da concentração á batalha e á terminação da guerra.

E' inegavel que, modernamente, as Esquadras são chamadas a preparar, assegurar e completar as operações dos Exércitos, embora, segundo o caso de que se trate, predomine mais um ou outro d'esses aspectos. Portanto, as Esquadras apparecem, de um modo insophismavel, como auxiliares directas, immediatas, indispensaveis, decisivas das operações militares.

Tal é o ponto de vista doutrinario da questão.

SENIDO PRATICO DA CO- OPERAÇÃO

O sentido pratico da nova doutrina se encontra no campo inesgotavel dos factos historicos, dos quaes ella não é senão a codificação, de suas sabias lições. E a guerra europea forneceu os dados decisivos para a consolidação de todas as observações anteriores, para a elaboração definitiva da doutrina que desde séculos se vinha ensaiando.

São já sufficientemente sentidas as razões que levaram os Aliados ao bloqueio dos Imperios Centraes e quaes as forças profundas que impelliram os Alemanes ao plano e á execução da campanha submarina. Igualmente, sente-se o

que representou para a victoria dos Aliados a presença das forças americanas no continente europeu, devido, principalmente, ás possibilidades marítimas e navaes da grande Republica do Norte. E qual teriam sido os resultados da chamada batalha das fronteiras, se a esquadra alemã nella tivesse tomado parte, operando, com oportunidade, no Mar do Norte?

E devemos notar que todas as acções marítimas em torno da guerra continental europeia responderam a exigencias prementes de aspectos economicos e politicos estreitamente ligados á direcção da guerra, e que, ás vezes, apareceram mesmo intimamente combinadas com os grandes lances das campanhas que se sucederam em terra. De um modo ou de outro, as acções navaes se apresentaram como verdadeira repercussão marítima das campanhas terrestres, como consequencia da completa extensão dos problemas militares a toda a Nação.

Subsidiariamente poderiamos citar as acções das Esquadras japonezas em torno da campanha na Mandchuria (transporte e desembarques de forças, queda de Porto Arthur, cobertura das comunicações contra a intervenção da malograda esquadra do Almirante Rodjéstvinsky etc.) e as operações das forças navaes franco-hespanholas, no Mediterraneo oriental, agora na guerra contra o Riff. Aquellas porém, apesar de modelares, estão distantes, em face da aceleração soffrida pelas coisas da guerra e estas offerecem, apenas, um estudo unilateral da questão.

A apreciação desapaixonada de todos esses factos, porém, mostra bem o sentido pratico, objectivo da cooperação ou, seja, a guerra moderna exigindo a fusão de todas as forças vivas das nacionalidades em jogo na cooperação militar e naval.

SUA ADAPTAÇÃO INTEGRAL ÁO NOSSO CASO

E' evidente que a moderna doutrina da cooperação militar e naval encontra sentido pratico tanto mais perceptivel quanto mais accentuadas sejam as características marítimas do paiz em questão. Nesse particular, talvez nenhum outro paiz mais que o Brasil, apresente, caso mais justo de sua aplicação.

E' que as características marítimas do Brasil são inilludiveis, quer em relação ás circumstancias continentaes, quer quanto á sua vinculação com as nações ultramarinas.

O Brasil encerra a maior parte das características marítimas e fluviaes do continente sul americano, com todas as suas bôas e más consequencias economicas, politicas e militares.

Em primeiro lugar, porque estadea suas costas no Atlântico, onde a «dynamica fluvial venceu a estatica orographica» devido ao facies agricola da vertente Atlântica, em oposição aos paizes do Pacifico, em cuja vertente o caracter mineiro e vulcanico dos Andes criou «o mar solitario». Isso significa mais de 3.600 milhas das melhores costas do continente, pela sua articulação (bacias e enceadas) com os aspectos continentaes (produção, comunicações) dentre os quaes se devem resaltar cerca de 18.000 milhas de rios navegaveis.

Em segundo lugar, pela notoria precedencia que a feliz situação geographică do Brasil lhe dá nas relações com o Velho Mundo. Esse facto resalta de importancia se considerarmos que o Massiço Brasileiro é tambem o centro de dispersão geológico da vertente atlântica e o centro de dispersão de suas aguas. As tres grandes bacias hydrographicas sul-americanas encravam nelle as suas principaes raizes — duas d'ellas são essencialmente brasileiras (Amazonas e S. Francisco) e a terceira tem seus dois formadores capitales (Paraná e Paraguay) brotando do coração mesmo do Brasil. E a situação geographică do Brasil no Atlântico Sul permite-lhe, politica e economicamente recompor essa dispersão — de um lado está a conjugação estreita do oceano com a disposição, pode dizer-se que concentrica da hydrographia continental, de outro, a dispersão das aguas de quasi toda a vertente oriental do continente despejadas ao quatro ventos pelo Massiço Brasileiro como de uma cornucopia de bem estar e de progresso, que aquelle mesmo oceano permite ao Brasil colher de novo e espalhar pelo mundo...

Todos os que estudam os *problemas brasileiros*, que se preocupam a fundo com os *problemas do Brasil na América* conhecem, por isso mesmo, a gravidade

desses problemas, a importancia capital das acções navaes se nossas forças de terra tiverem que entrar em campanha. Difficultade de communicações, retardando a mobilisação e a concentração — theatros de operações compartmentados por vias fluviaes navegaveis, vias terrestres expostas pela situação e extensão da fronteira maritima, incipencia industrial, requerendo o concurso em larga escala das industrias de paizes ultramarinos e muitos outros aspectos, prefazem os desdobramentos immediatos, visiveis da moderna doutrina da cooperação militar e naval applicada ao Brasil.

A COMPROVAÇÃO HISTORICA

A nossa Historia não faz mais do que comprovar os dois termos em que collocamos a questão — as nossas caracteristicas maritimas e a conjugação das nossas acções militares e navaes.

O Brasil sempre teve coherencia territorial necessaria á formação de um grande Estado. Embora constituido por duas regiões distinctas — a temperada e a equatorial — é inegavel que essas regiões se completam e se compensam. Mas a vinculação dos interesses economicos nascidos d'essa dualidade — aliás uma das condições da nossa unidade economica — tinha que ser obra da circulação dos productos. Do mesmo modo, nunca faltaram ao Brasil possibilidades para vir a ser uma grande Nação, pois ás condições estrictamente geographicas de Estado a que alludimos — unidade physica e biologica do territorio, permittindo actuações politicas e administrativas — aliou-se, desde logo, uma entidade moral resultante de certa homogenidade das intervenções ethnicas e religiosas (colonisação) cujas reacções coube ao homem transfundir.

As vias maritimas, como unicas vias de comunicação, asseguraram esse formidavel esforço de fazerem-se o Estado e a Nação brasileiros. Na arrancada heroica para Oeste tiveram as «entradas» e as «bandeiras» esse mesmo oceano como base de partida e linha de regresso. Não ha duvida que as vias maritimas representaram a grande função de realisar a unidade politica do paiz, se a essas constatações associarmos as comunicações ultramarinas com a metropole

portugueza, sem as quaes a cobiça estrangeira se teria apoderado do Brasil, fragmentando-o.

As vias fluviaes não ficaram aquem dessa função. A nossa propria configuração hydrographica orientou os passos da nossa expansão para Oeste e, em seguida, facilitou a circulação no interior tão bem como as vias maritimas no litoral. Além do mais, os que remontaram as nossas bacias hydrographicas acabaram encontrando-se no Massiço Central. O homem já tendo sentido a unidade geographica pela utilisação das vias maritimas, sentia-lhe o echo nos sertões profundos, onde as cabeceiras fluviaes mais reconditas quasi se tocavam. E quando não quizesse voltar pelas estradas moveis percorridas, bastava saltar-lhe os divisores para reencontrar, descendo outras dessas estradas, o berço immenso de onde emergia a grande Patria Brasileira. E as vias maritimas como as fluviaes continuaram representando, na consolidação da nossa unidade politica e economica, o mesmo papel saliente, inconfundivel. Hoje ellas não são mais as unicas mas guardam toda a sua importancia como coordenadoras das vias terrestres.

As nossas luctas armadas se fizeram sempre no quadro dessas caracteristicas maritimas. Nas luctas pela Independencia, nas campanhas do Prata como na guerra do Paraguay — por toda a parte e sempre — isso se verificou.

Na campanha de 51-52 vêmos a força naval da Lagôa Mirim á disposição da Divisão da esquerda para auxiliar as operações desta em torno de Jaguarão; incumbir-se á Esquadra de, com sua actividade na bacia do Prata, impedir a juncção das forças de Oribe e de Rosas; a restricção conseguida do vasto theatro de operações pela presença das forças navaes no Rio Uruguay e no Paraná, impedindo Rosas de invadir Entre Rios; mais tarde os transportes da concentração (orientaes e infantaria e artilharia de Urquiza) e a protecção da passagem em Diamante sobre o Paraná e a passagem de Tonelero.

Nas campanhas de 64 e 65 o mesmo se dá nas operações contra Paysandú, na defesa de Jaguarão, afóra o transporte de tropas para Montevidéo após a queda de Paysandú.

E assim por deante, na defesa de Itapirú, em Curuzú e Curupayty.

Nenhum augmento melhor, pois, que essa rica comprovação historica.

O ESFORÇO DA NOSSA MARINHA

Antes que as guerras napoleonicas tivessem criado os exercitos nacionaes, a guerra se restringia ao campo de batalha onde tropas profissionaes e ás vezes mercenarias se avistavam e terçavam armas. Depois d'isso, a Nação inteira vai á batalha, directamente com as armas nas mãos ou indirectamente, luctando, nas fabricas e nos campos, pela superioridade material de suas forças combatentes. Assim, a guerra continua sendo a mais difficil das artes, mas a sua preparação se tornou uma verdadeira sciencia. E' que os vinculos entre a paz e a guerra se aprofundaram de modo incalculavel. A paz, em nossos dias, repousa na preparação para a guerra e o exito da guerra depende de uma solida organisação da paz. E' tão imperioso preparar a guerra durante a paz como preparar a paz durante a guerra.

A guerra moderna significa o esforço maximo de uma nação pela propria sobrevivencia. O organismo social, affecrado pela guerra, tem que reagir por inteiro, como um blóco, sem que nenhuma de suas energias fique inactiva. Por uma sorte de reacção physiologica, todos os orgãos sociaes teem que accudir ao perigo. E' evidente, porém, que a actuação justa e opportuna das forças vivas da nação requer estudo prévio e detido de sua capacidade, de seu rendimento, em separado ou em relação umas as outras, em fim, que suas possibilidades sejam *estimadas em vista de um objectivo bem determinado* para que actuem conjugadamente, em intima cooperação.

De todo esse corpo de doutrina está a nossa Marinha de Guerra forte e profundamente impregnada. Sente que o Exercito e a Marinha são as duas componentes da defesa nacional, rithmando e condensando as possibilidades guerreiras da nação em vista de *um objectivo bem determinado*. Estuda com carinho

o nosso problema militar para fixar com segurança o nosso problema naval. Trabalha, sem cessar, por estreitar-se ao Exercito para que possa aprimorar, cada dia mais, a propria capacidade em preparar, assegurar e completar as nossas mais provaveis operações de terra. Realisa intelligente e tenaz esforço para organizar-se e instruir-se segundo dados concretos, os mesmos que enquadram a estratégia do Atlântico Sul referida ás nossas necessidades militares.

Convicção tão energica surgiu do conhecimento exacto da moderna doutrina da cooperação militar e naval e do sentimento profundo de sua ampla applicação ao caso brasileiro. Realisação tão magnifica repousa na consciencia da necessidade que ha de preparar a cooperação desde a paz: moral, technica e profissionalmente; é impellida pelas forças occultas que nascem dos nossos grandes e imorredoiros feitos d'armas.

Todos nós devemos tomar conhecimento desse esforço magnifico da nossa Marinha pela victoria da doutrina da cooperação militar e naval no Brasil e ir, sem demora, ao encontro de sua nova actividade.

Todo esse magnifico esforço não é senão a resultante do proprio principio do dominio do mar, mas concretizado, formulado segundo o facies militar da nação, isto é, do grande conjunto de suas possibilidades de toda ordem.

E o dominio do mar é o dever maximo da Nação Brasileira, no ponto de vista geographic como historico. Não só pela questão da extensão das nossas costas e dos nossos rios navegaveis, — aliás, argumentos poderosos — mas, principalmente, como fizemos notar, pelo papel funcional, na paz e portanto na guerra dessas mesmas costas e vias fluviaes. Cumpre-nos o dominio do mar não porque o queiramos mas por uma verdadeira fatalidade geographic e politica, confirmada sobejamente pela historia. O dominio do mar fez o Brasil, o dominio do mar não assegurado perderá o Brasil.

Cap. *Mario Travassos*

Idéas sobre a organização militar argentina

(Trad. do Cap. J. Lobato Filho)

NOTA DO TRADUCTOR

«Parece indispensavel preceder de ligeiras considerações o presente trabalho, não com o fim de encarecel-o, o que seria superfluo, mas com o de orientar a sua leitura.

Antes de tudo, é preciso pôr em relevo a figura do autor. O Coronel Molina é um dos mais brilhantes chefes do exercito do grande paiz vizinho, auxiliar immediato e inninterruptamente, durante muitos annos, do illustre General Uriburu, Inspector Geral do Exercito que exerceu esse cargo até mais ou menos a epocha da publicação do presente trabalho. O General Uriburu é justamente reputado como o expoente maximo do exercito argentino e incontestavelmente o seu orientador. Dadas essas circunstancias não se pôde senão admittir uma perfeita unidade de vistos entre a mentalidade dos dois illustres militares e tambem chegar á conclusão que o trabalho do Coronel Molina não contém ideias soltas ao vento.

Primeira consideração. Não se pôde deixar de render uma certa homenagem ao desassombro verdadeiramente elevado com que o illustre Coronel Molina trata do sagrado problema da defesa militar do seu paiz. Elle colloca a Argentiná no quadro internacional da America do Sul e, sem preocupações estreitas que o caso não comportaria, analysa a situação, pondo bem ao claro a verdadeira finalidade do seu exercito, que é, afinal, a finalidade de todos os Exercitos. Nós não podemos senão applaudir tal attititude e segui-la mesmo. Quando um paiz colloca o seu problema militar dentro dos limites da sua defesa, as conclusões a que elle chega só poderão desagradar a quem tivesse a ideia de atacal-o. A nosso vêr o Coronel Molina se revela um verdadeiro paladino da paz, sem os revestimentos hypocritas.

A segunda consideração seria uma rectificação. O Brasil tem somente as suas 5 grandes unidades. A divisão do nosso paiz em 8 Regiões Militares attende unicamente ao serviço de recrutamento. Ninguem, porém, pôde levar a mal que o organisador da defesa do seu paiz vá

Nota da Redacção — Aos nossos prezados leitores recommendamos muito especialmente a leitura do presente artigo e de outros a seguir sobre o mesmo assumpto. Trata-se de um estudo judicioso sobre a organização militar argentina, feito por distinecto militar e publicista argentino Sr. Coronel Molina, o qual foi publicado em Abril do presente anno pelo grande diario argentino *La Nacion*.

buscar argumentos nos paizes limitrophes com o fim louvavel de tornar aquella cada vez mais efficaz. E devemos mesmo aproveitar o exemplo, porque considerações estrategicas do mesmo genero das do illustre Coronel Molina, e que o levaram a aconselhar a elevação de 5 para 8 Divisões de Exercito no seu paiz, levariam qualquer official de estado maior a aconselhar não 8, porém mais de 8 divisões, dada a situação politica do nosso paiz no continente. (Situação politica queremos dizer extensão de fronteiras a attender, unicamente).

Outra consideração, que seria também uma rectificação. A politica sul-americana parece tão clara, pelo menos nos ultimos tempos, que nada autorisaria imaginar, como fez o illustre Coronel Molina, o Brasil formando com o Chile as garras de uma tenalha para esmargar a Argentina, ideia essa que nem por hypothese se poderia enquadrar nos intuïtos da politica brasileira, sempre cavalheirescos. Seria o mesmo que pensarmos nós numa colligação dos paizes ibero-americanos lanceando o flanco brasileiro, sommando a isso as tres vanguardas, economicas se se quiser, mas caracteristicamente offensivas, estabelecidas nas Guyanas, e lançadas por tres paizes que já em outros tempos encheram, com acções um tanto macabras, paginas e paginas da nossa historia, na epocha colonial, imperio e até mesmo na Republica. E neste caso de quantas divisões precisaria o Brasil?

Quarta consideração. O illustre Coronel Molina empenha-se em esclarecer a opinião publica do seu paiz para que esta fique habilitada a julgar, quando chegar o momento de se tratar do problema do desarmamento, *até onde se deverá ceder de modo a salvaguardar os interesses da defesa nacional*. Isto é uma lição que nós brasileiros devíamos aproveitar, porque no Brasil tambem precisaríamos esclarecer a opinião publica, não só em relação a esses problemas que para o nosso paiz é uma causa transcendental, mas tambem em relação aos mais simples e fundamentaes como, por

Sua traducção foi cuidadosamente feita pelo nosso camarada Cap. J. Lobato Filho, competente official de nosso Estado Maior, grande conhecedor da politica sul-americana e que vem de desempenhar o cargo de addido militar juncto ao governo do Paraguay. O nome do traductor é a segurança da importancia da traducção.

exemplo, o do Serviço Militar Obrigatorio, que, entre nós, está ainda muito longe de ser siquer devidamente fixado, não somente pela massa popular, mas sim pela massa dita illustrada do paiz.

Por fim, temos no estudo do Coronel Molina um ponto bastante interessante: é o referente á organisação das Divisões. Ella deve ter 2 Brigadas com 12 batalhões ou um grupo de infantaria de 9 batalhões? A questão é bem discutida neste estudo e o autor opina pela primeira forma — 12 batalhões — forma esta que elle acha mais de accôrdo com a lei das massas. De facto uma martellada com um grande martello vale mais que duas pequenas martelladas, restando apenas saber se as leis da mechanica

passam intactas para o domínio da tactica. Mas os adeptos da outra forma — 9 batalhões — tem as suas razões fundadas algumas nas faculdades manobreiras das divisões leves. Realmente com os elementos de duas divisões de 12 batalhões, pelo menos quanto ao custo, se podem formar quasi tres divisões de 9 batalhões. Qual dos dois grupos (um de duas divisões e outro de tres divisões) tem mais probabilidade de envolver o outro? Um dos grupos tem um corpo e duas garras, o outro não affecta uma forma bem definida. Assim, o trabalho do illustre Coronel Molina vae ser um estimulo para a discussão que sobre o assumpto surgiu entre nós, ha algum tempo».

I

A organisação militar do paiz é assumpto que deve interessar não só aos Poderes da Nação, mas tambem á opinião publica e em particular á imprensa — que é a sua porta-voz ao mesmo tempo que a sua orientadora — por isso que o **Exercito**, que é uma instituição filha do povo e por elle mantida com o fim de assegurar a sua tranquilidade e existencia como Nação, deve ser sempre objecto preferido da sua preocupação, para que em qualquer momento elle seja aquillo que deve ser na realisação do seu alto destino.

Questões importantes de carácter fundamental têm sido tratadas por diferentes orgãos de publicidade, e muito especialmente pela «La Nacion», com muito acerto e oportunidade, mas em geral só o tem sido em seus detalhes, sem abordar a organisação em seu conjunto. As proprias revistas de carácter militar nunca encararam o assumpto desta maneira. Entretanto, o conhecimento destas questões em seu aspecto geral é, sob todos os pontos de vista, necessário, para se poder apreciar a conveniencia e efficacia tanto do proprio conjunto, como das suas diferentes partes.

Convencido como estou da importancia que na solução do nosso problema organico militar tem o esclarecimento da opinião publica e pensando que concorrer para isso equivale á collaborar para o bem da defesa nacional, considero opportuno tratar deste assumpto em suas linhas fundamentaes, precisamente na occasião em que a preparação militar do paiz se encontra em um periodo de evolução.

Outra circumstancia de grande valor ha presentemente que impelle a opinião

publica a que se aperceba do que se deve entender por exigencias de defesa nacional, tal é a proxima Conferencia Internacional do Desarmamento, para o qual o paiz vem de ser deferentemente convidado. Com pleno conhecimento do assumpto a opinião publica, com o seu juizo bem formado, poderá concorrer para conciliar a satisfação daquellas necessidades, que são de vital importancia, com a salvaguarda que se terá que fazer no campo internacional.

Emfim, as ideias que vou expôr não são mais do que pontos de vista pessoas, pois, se bem que não tenha colaborado na organisação do Exercito, tive occasião de manifestar com sinceridade as minhas ideas no seio delle, do mesmo modo que o faço hoje neste artigo com o fim já citado de concorrer para o esclarecimento da opinião publica.

ORGANISACAO DO EXERCITO

Os principios fundamentaes sobre os quaes deve assentar a organisação do Exercito são: a) Hoje, que o conflito entre os Estados são de povo a povo, entrando em jogo todas as energias dos mesmos, a organisação militar não deve, de modo nenhum, limitar-se ao critério de formar nucleos de tropa de *élite*, a qual, não obstante seu alto grão de preparação, não poderá, em virtude do seu numero reduzido, corresponder á todas as exigencias da segurança do paiz; mas ella deve visar sobretudo, o conveniente emprego dos meios de que se dispõe desde o tempo de paz com o objecto de preparar a defesa nacional, tal qual o exijam a situação geographica do paiz e a extensão de seu territorio, marchando

paralellamente ao desenvolvimento economico próprio e ao ambiente politico que nos rodeia; b) Devem-se aproveitar da maneira a mais adequada os ensinamentos colhidos na ultima grande guerra, mas seguindo o criterio estricto da sua completa adaptabilidade ás condições proprias do nosso paiz e dos paizes limitrofes, tanto no referente ao terreno, como aos seus meios e recursos.

As modificações effectuadas em 1923 na organisação do Exercito, foram muito razoaveis pelo proposito que as inspirou de collocar-nos quanto antes em contacto com os novos methodos e processos de guerra deduzidos da grande conflagração; mas elles foram feitas dentro de limites impostos pela insufficiencia de meios, tanto no tocante a pessoal, como aos demais elementos, e se resentem tambem da deficiencia de informações que por esse tempo se podiam dispôr a respeito dos ensinamentos da recente lucta. Taes modificações não poderão ter, por esses motivos, a amplitude assignalada nos principios basicos acima referidos e forçosamente só podem ser de carácter transitorio — (mesmo os grandes exercitos que tomaram parte na guerra estão ainda em tentativas) — não havendo duvida que a direcção do nosso Exercito, uma vez cedidos pelos Poderes Publicos os elementos necessarios, hade apressar a organisação definitiva, tratando ao mesmo tempo de applicar as lições da experientia colhidas nos quatro annos de provas do actual estado de coisas.

ESTABILIDADE INDISPENSAVEL

Os problemas basicos da organisação do Exercito são o «agrupamento a dar ás forças» e a «constituição dos agrupamentos». Com estas bases estão relacionados, por sua vez, os demais problemas da defesa nacional: a divisão regional do paiz, que é o fundamento da mobilisação do Exercito em campanha; a construcção de quarteis e os proprios armamentos a serem adquiridos. Este enunciado basta para indicar claramente a transcendencia que na preparação militar tem uma mudança de organisação, sabido que são largos os periodos de crises produzidas por transformações desta natureza, necessitando-se muito tempo e grandes esforços para que se consiga

entrar de cheio na nova orientação dada, razão essa pela qual taes mudanças não podem ser frequentes. Dahi a grave exigencia de resolver esses problemas visando, antes de tudo, o futuro.

E quando se diz «futuro» isso significa que não se deve estar submettendo a organisação a continuas mudanças cada cinco, oito ou dez annos, o que acarretaria entorpecimentos que por sua vez impediriam o franco progresso na preparação militar; mas é mistér entender-se tambem que do que se trata não é de idear uma organisação que correspondesse a um crescimento de população de uns cincoenta milhões ou a uma densidade de ferrocaris que cobrisse toda a extensão do territorio, ou a um desenvolvimento proporcional das industrias.

Uma organisação deste genero não aproveitaria nem ás gerações presentes nem ás proximas vindouras.

A organisação em paizes que se encontram na phase de desenvolvimento como o nosso não pode visar sinão a lapsos de tempo de 25 a 30 annos, ajustando-se ás condições e meios que para esse periodo se podem prevêr.

AGRUPAMENTO DAS FORÇAS

O criterio essencial quando se trata de agrupamentos das forças deve ser o de constituir o numero de «unidades de operações» indispensaveis á segurança do paiz, entendendo-se por «unidade de operação» a reunião de tropas de todas as armas, em quantidade e com serviços auxiliares sufficientes para formar um conjunto capaz de bastar-se a si mesmo em todas as necessidades do combate e da vida de campanha. Essa «unidade de operação» é entre nós a «Divisão de Exercito». As bases para a formação destas unidades de operações são: a) as forças de paz de que dispõe o paiz; b) a divisão militar do territorio, que determina as regiões de recrutamento e de mobilisação das diferentes unidades.

Vejamos agora, á luz do criterio acima, como as cousas se passam entre nós.

A antiquada divisão militar de paz, em cinco regiões, a qual data de mais de 20 annos, e os reduzidos effectivos de paz a muito custo comportados pelos successivos orçamentos annuaes, não per-

mittem prever para o Exercito de primeira linha senão cinco escassas Divisões de Exercito. E é sabido que cabe ao Exercito de primeira linha afrontar todas as contingencias dos primeiros tempos da campanha, phase essa que é, geralmente, a decisiva, em virtude de que na guerra moderna, absorvente de todas as actividades da Nação, o interesse de cada belligerante está em pôr termo quanto antes á contenda, afim de retornar imediatamente a sua vida normal, e é por isso que cada qual se apressa em empenhar, desde o primeiro momento da campanha, o maximo das suas forças, procurando obter um exito rapido e fulminante.

Cumpre dizer claramente e com franqueza que com as nossas cinco Divisões de Exercito, como força de primeira linha, estamos incapacitados para garantir a segurança minima do paiz, tanto no presente, como no futuro. Demonstremos esta lamentavel verdade.

O dever inilludivel de cada Estado no que concerne á preparação da defesa de seu territorio é levar em consideração todas as suas fronteiras, analysando as differentes eventualidades que, num conflito com os paizes limitrophes, se possam apresentar, por mais que as inalteraveis tradições e tendencias de amizade e harmonia reinantes entre todos os paizes vizinhos tornem remotas tales eventualidades. Tal é precisamente o caso do nosso paiz em relação aos que o rodeiam. Cada um destes, agindo dentro dos limites do seu dever de previsão, está obrigado a considerar, na sua fronteira com o nosso, um ataque de nossa parte; do mesmo modo que a nós, por nossa vez, cabe-nos considerar o ataque delles sobre as nossas fronteiras.

NÃO BASTAM CINCO DIVISÕES

Assim, pois, em virtude do que acabamos de expôr, no caso especial do nosso paiz, attendendo á sua situação central em relação aos limitrophes, a preparação da sua defesa deve visar a garantia da segurança em todas as fronteiras ao mesmo tempo. Esta seria a segurança absoluta, o que é impossivel com o nosso Exercito de cinco Divisões. Mas tambem, conforme dissemos anteriormente, este é insufficiente mesmo para garantirmos uma segurança minima, entendendo-se por isto a segurança, pelo

menos em face dos vizinhos mais poderosos: o de Este e o de Oeste.

Com effeito, qual seria a solução para fazer frente ao Brasil e ao Chile no caso em que esses paizes nos atacassem? Não ha indiscreção em responder a esta pergunta, e para fazel-o é bastante dispôr de alguns elementares conhecimentos de geographia sul americana e de um pouco de bom senso.

Dividir as nossas cinco divisões enviando uma parte a uma frente e a outra parte a outra frente? Esta solução acarretaria para nós uma inferioridade numerica desastrosa nas duas frentes, reduzindo-nos a uma obrigatoria defensiva com inevitaveis consequencias desfavoraveis.

O Brasil conta na sua organisação de paz (decreto de 8 de Março de 1923) com cinco Unidades de operações (Divisão de infantaria), com previsões para elevar-as a oito, conforme indica a divisão militar do paiz, em oito regiões; e deve ter-se presente que a divisão brasileira é mais forte do que a nossa, pois contem quatro regimentos de infantaria, quando a nossa só conta tres. O Chile tem, segundo sua organisação de paz (decreto de 26 de Fevereiro de 1924), cinco Unidades de operações (Brigada combinada), com divisão territorial do paiz para seis, sendo que a força de tal unidade de operação é igual á da nossa Divisão de Exercito. Vê-se, pois, que em qualquer das duas frentes iríamos contra superioridades numericas esmagadoras.

Ou deveríamos tomar a decisão de levar todas as nossas forças para uma fronteira, abandonando a outra, para voltar a esta uma vez resolvida a situação na primeira? Antes de tudo, não pôde ser nem mesmo imaginavel um plano que, concebido em tempo de paz, resolva o abandono da parte do paiz ao adversario. Semelhante medida, que poderia ter alguma justificativa no caso de sermos sorprehendidos pelos acontecimentos ou no caso de, em plena guerra, se apresentar uma situação de morte que obrigasse a tomar uma resolução tão extrema, não se pôde admittir em um plano preparado em tempo de paz e menos ainda quando se pôde ter a certeza de que semelhante resolução nos levaria a um desastre irreparavel.

Effectivamente, os theatros de luta nestas fronteiras não poderiam ser senão

as provincias de Corrientes e Entre Rios a Este e a região de Mendoza e Neuquen a Oeste, sendo esta a unica parte da cordilheira que poderia permitir o transito á massas de tropas. E que sucederia si, por exemplo, levassemos nossas cinco divisões para a fronteira Este, deixando abandonada a fronteira Oeste? Na melhor das hypotheses, se obtivessemos exito na empreza, e dadas as enormes distancias que separam os dois theatros e as precarias condições de transportes, o que teriamos de enfrentar seria a iniciação de uma nova guerra, com todas as energias debilitadas e contra um adversario forte e com tropas frescas installado e garantido na parte de nosso territorio por elle escolhida; a nós caberia expulsal-o, o que, logo á primeira vista, nas condições acima expostas, se afigura como um impossivel. E no caso de um fracasso na primeira empreza? Ser-nos-ia imposta a lei do vencedor a Este; e, no Oeste, o invasor se teria apoderado da parte por elle escolhida do nosso patrimonio nacional, sem disparar um tiro, e, de nossa parte, nem a honra teriamos salvo.

UM ERRO QUE SERIA GRAVE

Esta é a dura verdade da situação para nós creada pela persistencia em mantermos a nossa antiquada divisão regional militar e pela escassez dos effeictivos de paz que não permitem ter o numero sufficiente de unidades de operações para estarmos em condições de manter a segurança, simultaneamente, em todos os pontos em que ella se faça necessaria.

Seria um funesto mal o querer fundar a preparação da defesa nacional em bases insufficentes. Isto equivaleria a nos condenar a uma situação de inferioridade e de perigo não só no presente como no futuro, cerrando as portas ao desenvolvimento progressivo de uma organisação efficiente ou, pelo menos, contrapondo-lhe muitas difficulties. Os trabalhos de organisação e de mobilisação são vastos e complexos, requerendo-se muito tempo para a sua execução e conveniente funcionamento; por outro lado, com elles estão em connexão os demais problemas da preparação militar já mencionados (armamentos, equipamentos,

quarteis, instrucção da tropa e até de planos de operações que devem estar sempre promptos), de tal maneira que uma vez encaminhada a organisação em um determinado rumo, delle não se pôde sahir sem que se produzam transtornos de tal importancia que podem levar até á desarticulação do conjunto. Dahi corre que o plano de uma organisação militar deve ser traçado com o criterio de comportar o «desenvolvimento maximo necessario» e não o «minimo insufficiente». O primeiro permitirá sempre dispor, em qualquer momento, dos elementos que nesse momento se tenham, ao mesmo tempo que torna possivel o aperfeiçoamento progressivo, sem produzir transtornos; em quanto que o segundo, para ter amplitude, requer um novo arranjo no conjunto, com os naturaes inconvenientes.

O criterio basico para resolver problema tão transcendental deve ser outro, muito differente. Aquillo que a segurança do paiz exija: eis ahi o que deve constituir a origem e a idea directriz para a determinação da organisação permanente do Exercito. Naturalmente, si cedendo aos interesses da economia nacional, o que é forçoso levar-se sempre em conta, não for possivel alcançar o calculo de forças que garantam uma segurança absoluta, de maneira nenhuma se poderá baixar do limite que a segurança minima impõe. Isto seria condenar-se, como ficou dito, a preparar para o presente e futuro uma organisação insufficiente.

Deste criterio-origem nascem, por sua vez, as duas obrigações seguintes: para o organisador, aproveitar da melhor maneira possivel os elementos existentes, «dispondo-os em um systema» que permita a obtenção do Exercito que a segurança minima do paiz requer; e para os Poderes Publicos não regatear esforços afim de conceder os meios necessarios para dar a esse systema de tempo de paz a solidez e efficiencia que lhe são necessarias.

Não é de uma maneira differente dessa que têm procedido sempre todos os paizes previdentes, tanto os que servem de modelo nos assumptos de ordem militar como os nossos vizinhos mais fortes. Vejamos como procedeu a Allemanha, antes da guerra mundial, e como têm procedido o Brasil e o Chile recentemente.

A ORGANISACAO ALLEMA

De doze Corpos de Exercito com que contava a Alemanha na guerra de 1870, ella alcançou, nos quarenta annos transcorridos até á guerra mundial, o dobro, na sua organisação de pé de paz. Este aumento ella foi realisando paulatinamente, aproveitando para isso cada mudança ou alteração nas relações politicas dos Estados europeus, que podesse significar variações nas forças militares dos paizes que rodeavam o Imperio, e que, por conseguinte, o obrigavam a pôr os seus meios de defeza de acordo com a nova situação. O criterio era de ter a qualquer momento o Exercito que a segurança do paiz exigia, considerando a situação central que elle occupava, em meio dos demais do continente. E é sabido que por não haver o governo tomado a tempo identica medida, nos ultimos annos que precederam á grande conflagração, creando mais dois Corpos de Exercito, essas duas unidades de operações fizeram falta no momento necessário (os dois Corpos de Exercito transladados da frente occidental a oriental, nas vesperas da primeira batalha do Marne), devendo-se em grande parte á esta circunstancia a perda da guerra e as suas fataes consequencias.

Vejamos o que tem feito o Brasil (decreto já citado, de 8 de Março de 1923). Ele estabeleceu a divisão militar definitiva do territorio em oito Regiões Militares, distribuindo por ellas as suas actuaes cinco Divisões de Infantaria, fazendo as previsões para o desenvolvimento maximo que se quer dar ao Exercito, de oito unidades de operações, a medida que se forem realisando os programmas de effectivos e de aquisição de material.

O Chile (decreto já citado, de 26 de Fevereiro de 1924) dispôz as suas anteriores quatro Divisões de Exercito em seis Brigadas Combinadas, procedendo á divisão correspondente do territorio do paiz. Com as forças de tempo de paz se organisaram cinco dessas Unidades de operações, ficando provisoriamente sem organisação a sexta, até que se lhe dê effectivo.

Deve-se tambem levar em conta aqui duas outras melhoras mais recentes e fundamentaes introduzidas pelo Chile na organisação do seu Exercito. Quero refe-

rir-me ao aumento do tempo de permanencia do contingente nas fileiras para 18 mezes e á elevação dos seus effectivos de paz a 40.000 homens (30.000 conscriptos e 10.000 carabineiros), o que accresce de forma consideravel a sua potencia militar. O Brasil, por sua parte, conta tambem com effectivos de paz que excedem em muito dos 40.000 homens. Em quanto isso, entre nós, os nossos effectivos apenas alcançam aos 20.000, com um escasso anno de passagem pelas fileiras.

EXEMPLOS IMMEDIATOS

Em uma palavra, pois, os dois vizinhos realisaram um sistema para o futuro, que lhes permitirá ter o Exercito de Campanha que elles consideram necessário (oito unidades de operações o Brasil e seis o Chile), desenvolvendo todos os trabalhos de organisação e de mobilisação nesse sentido e aproveitando as suas forças de paz para servirem de viveiros desse sistema, ao mesmo tempo que para o desenvolvimento da instrução dos contingentes que passam pelas fileiras. Si os effectivos de paz ainda não permittiram completar o sistema, isso não importa; os claros se irão preenchendo progressivamente, sem alterar o sistema e aperfeiçoando-o sempre. Tal é o que constitue uma organisação sabia. Com isso os organisadores têm cumprido a parte que lhes cabe na tarefa da preparação da defeza nacional. Corresponde ao governo prover os meios para o aperfeiçoamento do sistema.

E não havemos nós de aproveitar estes sabios exemplos que a realidade põe deante de nossos olhos? Um é o da historia fresca de uma grande Nação que, por haver negado ao seu poderoso Exercito duas ou tres unidades de operações no momento opportuno, cahe na mais rui-nosa catastrophe que pôde abater a um paiz, isto é, a de vêr os seus destinos entregues á mercê do estrangeiro. O outro exemplo é o dos paizes vizinhos e nossos grandes amigos, os quaes, procedendo com a maior cordura, se apressam a aproveitar o ensinamento daquella historia, transformando a organisação das suas forças com um aumento de unidades de operações para o numero que elles consideram necessário aos seus respectivos interesses.

E' este o primeiro e maior ensinamento da guerra mundial: ter o numero de unidades de operações necessario a segurança minima do paiz.

E' a este sensato proceder dos nossos dois progressistas vizinhos que devemos seguir, revendo a nossa antiquada divisão territorial militar e dispondo os nossos effectivos de paz da maneira a mais apropriada para obtermos o numero de Unidades de Operações; e isto devemos fazer imediatamente, acompanhando-os na evolução, já em pleno desenvolvimento, em que elles se acham.

Quanto ao numero de unidades de operações que necessitamos ter, considerando o minimo e não tendo em vista senão o conceito da segurança propria, accorde com a tradicional politica de paz do paiz e attendendo tambem á grande extensão deste e accrescimento da população no periodo de 20 annos durante o qual a nossa divisão territorial não foi revista, «não pôde baixar de oito», numero que ainda é muito pequeno, comparado com as 14 unidades de operações dos paizes vizinhos aos quaes nos referimos. Tambem se tem em conta, ao determinar esse numero, a possibilidade de alcançal-o, tanto quanto possivel, com os actuaes effectivos, dispondo-os da maneira mais conveniente e sem produzir augmentos sobre elles a não ser no estritamente indispensavel para dar efficacia ao systema o qual, sem perda de tempo, é necessário adoptar.

O QUE CONVEM FAZER

Vejamos qual seria a maneira de dispor os nossos actuaes effectivos de paz para preparar o systema capaz de nos dar as oito unidades de operações exigidas pela segurança minima do paiz.

Antes de tudo, temos para este fim os dois regimentos de infantaria e os dois grupos de artilharia que actualmente constituem os destacamentos de montanha Norte e Cuyo e os dois regimentos de infantaria formados como infantaria montada. Não ha duvida que estas especialidades são tambem ás vezes necessarias nos Exercitos, mas dadas as circumstancias especiaes do nosso paiz, em que nos faltam, como acabamos de demonstrar, unidades de operações, a primeira necessidade a preencher é a de constituir essas unidades, antes de qualquer outra formação de valor secundario.

Os destacamentos de montanha não podem substituir, em caso de operações, ás divisões de Exercito, porque sua reduzida força não lhe permite senão uma reduzida capacidade de combate, que seria de pouca efficiencia na acção das massas e elles se tornariam estereis encontrando-se isoladamente frente a um inimigo por pouco mais forte que este fôsse. Um eventual emprego como vanguarda na montanha tão pouco torna indispensavel a sua existencia, pois havendo sufficientes divisões estas podem constituir oportunamente e quando convenha as suas proprias vanguardas. Por outro lado taes destacamentos tão pouco podem constituir bases para a formação de unidades de operações, pois as circumscripções territoriaes que as proveem não têm capacidade para elevar os á divisões.

Quanto á infantaria montada, que para algumas opiniões deve ser elemento de acompanhamento das grandes unidades de cavallaria em seus movimentos rapidos de exploração, na frente do Exercito, ha razões muito ponderaveis que indicam que no nosso caso especial seria um desperdicio imprudente empregal-a em taes missões, quando ella falta nas unidades de operações indispensaveis. Em primeiro lugar, a forte potencia de fogo que por si mesmas terão as grandes unidades de cavallaria, com a dotação que hoje se lhes deve dar, de armas automaticas e artilharia, não apresenta como uma necessidade tão imperiosa o fazel-as acompanhar por infantaria montada. Por outro lado o resultado pratico de tal acompanhamento será por demais problematico. Com effeito, uma infantaria montada não pôde ter, entre nós, as mesmas condições de emprego que teve na guerra europea a infantaria que em algumas partes acompanhou á cavallaria de Exercito, pois alli tratava-se de infantaria transportada por meios mechanicos (tropas de cyclistas ou em automoveis) o que lhe dava uma sufficiente rapidez e dispensava de reduzir o seu numero ao entrar em combate, por não ter que distrahir homens para o cuidado com os cavallos. Entre nós, a especialidade de que nos accupamos, com uma instrucção de «andar a cavallo» que forçosamente tem que ser muito inferior á da cavallaria, não estará apta siquer para acompanhar convenientemente a esta e, por

outra parte, sua propria preparação como infantaria hade soffrer pelo tempo que terá que dedicar ás suas tarefas de treinamento a cavallo e ao cuidado a dispensar ao animal: será uma tropa defficiente para o transporte a cavallo e de escasso valor como infantaria.

A ESCOLA DE ARMAS

Estas considerações permitem vêr, pois, que, segundo todos os criterios, tanto organicos, como estrategicos e tacticos, os destacamentos não são convenientes, uma vez que levam á dispersão de forças, em oposição á sã doutrina da guerra que reclama a accão de massas. Em virtude disso, o que no nosso caso convem é utilizar os elementos em questão no sentido de preparar o Exercito de massas que a doutrina requer e que a segurança do paiz exige.

Outro recurso temos tambem para chegarmos ao fim que almejamos, de preparar o systema para oito Unidades de Operações. São as actuaes Escolas de Armas. E' muito bem sabida e justificada a razão de ser dessas Escolas. São centros de aperfeiçoamento das diferentes armas tanto mais necessarios hoje não só porque estamos em um periodo de transformação dos regulamentos tacticos e de exercícios da tropa, como porque os processos de combate muito se têm complicado e difficultado, depois da experiença revelada pela guerra mundial.

Muito acertada foi a constituição dessas Escolas com regimentos das diferentes armas, os quaes, dotados de maneira mais completa do que as outras unidades do exercito, tanto em officiaes e tropas como demais elementos, podem levar a cabo a instrucção em todas as armas, applicando os regulamentos, com a amplitude requerida, ao mesmo tempo que effectuar experienças de toda ordem, relacionadas com as respectivas armas. Porém na organisação dessas Escolas pôde obter-se um aperfeiçoamento em bem do systema regional. Consistiria em fazer com que cada escola fizesse parte integrante, como corpo de tropa, de uma Divisão de Exercito ou que todas as escolas fizessem parte de uma mesma Divisão do Exercito.

Desta maneira a missão dessas escolas, no que se refere á instrucção e experienças da arma, em nada alteraria o que acima foi dito a respeito, e, ainda

mais, se ganharia um regimento de cada arma para o immediato augmento das unidades de operações, com todas as vantagens para o processo regional de recrutamento e mobilisação.

Assim, pois, pelos calculos e considerações feitas poderemos dispôr, desde já, dos seguintes elementos para compor as oito divisões: as cinco divisões existentes e, alem disso, cinco regimentos de infantaria e dois de artilharia (procedentes dos destacamentos de montanha, da infantaria montada e das escolas de armas), com cujos corpos se poderiam formar mais duas divisões, analogas ás existentes. (Ficariam faltando, para completar estas duas divisões, em seu pé de paz, um regimento de infantaria, dois de cavallaria e dois batalhões de sapadores-pontoneiros). Para a oitava Divisão faltariam todas as unidades, isto é, tres regimentos de infantaria, um de cavallaria, um de artilharia e um batalhão de sapadores-pontoneiros (pé de paz). Total de effectivos que faltariam, contando tambem um conveniente augmento para os «côrpos escolas» e commandos novos: 250 officiaes, 650 sub-officiaes e 6.000 conscriptos. Isto tudo sommaria um custo annual, referente e soldos e alimentação de homens e animaes, de 5.500.000 pesos, moeda nacional, somma insignificante quando está em jogo a salvação e o bem estar da Nação.

De qualquer maneira, estão ahi bem claros o papel e as responsabilidades inerentes á revisão ampla da nossa organisação militar. Ao organisador corresponde a preparação, sem perda de tempo, do systema que a segurança do paiz requer, de maneira a encaminhar desde já todos os trabalhos para esse rumo, traçando os alicerces de uma obra do futuro e fazendo demorar o menos possível a crise da transformação. Este systema requer: a nova divisão militar do paiz em oito Divisões de Exercito, crearem-se, a 6.^a Divisão quasi completa, com o que se tem, a 7.^a com o que dêr o restante e a 8.^a sem effectivo. Aos Poderes Publicos cabe completar o systema, dando a sufficiente solidez e efficacia. E ao paiz inteiro cumpre ter sempre presente os exemplos acima citados: o da Alemanha, a qual um descuido unico em sua grande historia lhe foi fatal; e o do Brasil e do Chile, que são de sabia previsao.

(Continuará)

A propósito da situação militar

INTRODUÇÃO

O estado critico actual do nosso problema militar, eternamente em situação embryonaria, torna infelizmente opportuna, e com caracter de actualidade, a propaganda de certas noções elementares, já banalissimas em quasi todo mundo.

Não nos referimos aos principios tecnicos da guerra, mas áquellas noções fundamentaes aceitas hoje por toda a parte, onde quer que surja a idéa de sua possibilidade.

As questões relativas á formação dos exercitos, ou melhor á organisação da capacidade militar de um povo, á preparação para a guerra, são apenas desconfiadas ou são ainda desconhecidas da grande maioria de nossos homens, notadamente aquelles que teem responsabilidades theoricas ou praticas na direcção geral da nação brasileira.

E' o que se traduz da situação presente. E' o que se pôde traduzir do facto de não ter ainda sido possivel traçar e desenvolver um programma de defeza nacional. As idéas que surgem, as medidas propostas a adoptar, teem sido muitas vezes tentadas realizar. Uma vez, porém, iniciadas, sua prática é logo abandonada, ou morrem aos poucos de inanição. Revela-se assim, principalmente, uma falta de convicção, isto é, realmente, de conhecimento do problema. Basta vêr a confusão que reina em nossa legislação militar, onde se estabelece constante mistura entre os interesses individuaes e o interesse geral, que é sempre o sacrificado, enfraquecido, e donde resulta um formidavel desperdicio de forças.

De facto, da defeza nacional, cogita-se sempre pouco pelo que jamais consegue ser idéa absolutamente preponderante nas cogitações que faz surgir. Que significa o depauperismo a que chegou actualmente o serviço militar, cujos movimentos de maré, com que sua vida se caracterisa entre nós, accusam agora uma vasante maxima? Este e tantos outros problemas vitais nem mesmo são considerados ha largo tempo. Sem duvida que a crise politica reflecte-se sobre estas questões mas quer nos parecer que uma

noção profunda das necessidades, não as abandonaria nunca, tanto mais que essas questões tratadas com intelligentes desvêlos, abrandariam aquella.

Os homens, cogitando de facto das cousas patrias, haveriam de vel-a — a Patria — muito acima de si.

Nem só culpados são os elementos civis, tambem os militares teem graves responsabilidades.

Entre elles não ha ainda, mesmo depois da influencia benefica e impulsões formidaveis de um Gamelin, uma unidade de doutrina bem accentuada; falta mesmo uma aspiração geral definida, em torno da solução practica do problema militar.

Não é, felizmente, por impatriotismo que ocorrem taes factos.

As resistencias inertes, as hesitações, certas opoções declaradas ou occultas, certos melindres mal comprehendidos, a falta de subordinação dos casos particulares ao geral, por insufficiencia do espirito de sacrificio, e muitas outras falhas, não revelando impatriotismo o que, felizmente, não revelam, só podem ser tidas á conta de ignorancia. Ignoram-se as leis geraes, as leis fundamentaes e por isso não dominam as aspirações e as praticas, seus dictames inexoraveis. E d'ahi a diversidade no encarar as soluções, em apreciar os valores das realisações e onde *unanimidade* é um apenas bello sonho. E, no entanto, como a certos respeitos ser-nos-ia ella necessaria!

Rememorando neste trabalho algumas soluções e certos principios admitidos n'uma obra do seculo XV, que trata da arte da guerra, pretendemos, valendo-nos da sabia autoridade dos seculos, contribuir para a bôa solução do nosso problema militar, chamando as attenções para a necessidade que ha em aceitar em plenitude um regimen de leis *fixas* e *immutaveis*.

E' nosso escopo principal, portanto, fortalecer a noção necessaria e indispensavel de todo progresso militar, isto é, que as cousas da guerra, como quer que se as encarem, regem-se segundo leis que não mudam. Assim, compulsando a obra referida, escripta conforme as necessida-

des de uma época que já vai longe, esforçar-nos-emos por mostrar como coincidem soluções obtidas há cinco séculos, com as próprias a nossa idade essencialmente industrial, idade do motor mecanico, electrico, radio electrico, etc.

Si é em torno dessa idéa principal que pedimos a atenção do leitor, é que tomamos como uma das causas essenciais de nossos retardos não terem sido as leis geraes, *fixas* e *immutaveis*, de facto admittidas pela grande maioria de brasileiros influentes.

Espiritos ainda os ha que, talvez feridos pela grande diversidade de aspectos que a guerra apresenta nas diferentes épocas, guardam uma tendencia septica em não reconhecer uma tal verdade.

Não creem que o phenomeno da guerra se regule sempre por determinadas leis, qualquer que seja a época, quaesquer que sejam as circumstancias.

E só isso justifica andarem as causas da defeza nacional entre nós abandonadas, a bem dizer, sem o zeloso cuidado que a ellas cercaria, si soubessem como devem ser tratadas, para afastar do paiz as consequencias más irreparaveis.

—
Tomar sempre em consideração uma tal noção é indispensavel, porque sem ella nenhum progresso é possivel. Como formar uma mentalidade logica, coerente e continua que o presida?

Certo, hoje ninguem contesta que o progresso só possa surgir da ordem. Mas que vem a ser a ordem sinão a aceitação integral de um regimen de leis que não variam?

Aliás esse principio é o próprio fundamento de toda philosophia e de toda sciencia humanas, pondere-se embora que, a expressão das leis, sendo obra do espirito humano, é susceptivel de erros; que o homem pôde interpretar mal um phenomeno, tomar uma causa por outra.

Não importa. Para que seu espirito repouse, consolide-se e possa triumphar, é necessario, é preciso que elle encare os resultados obtidos como definitivos.

O contrario seria a incerteza, a hesitação, a instabilidade em suas accões, que se haveriam de revelar frouxas, variaveis, incoherentes, mais proprias a um estado de relativa loucura, que a um equilibrio normal do espirito.

D'onde impera a acceptaçao de leis tidas por immutaveis, jorra o progresso constante, continuo, ininterrupto, vertiginoso. E' por serem acceptas por toda parte, unanimemente, as leis geraes do mundo physico, que desfrutamos esse formidavel desenvolvimento material dos ultimos tempos.

O mesmo não ocorre com a ordem social e a ordem moral; suas leis não logram ainda o aplauso geral. Ha divergencias profundas no modo de interpretar os phenomenos e si algumas d'ellas teem tido uma expressão scientifica, é facto recentissimo.

Para que a humanidade chegasse a traduzir as leis que regulam os seus proprios phenomenos (sociaes e moraes), foi preciso que os scientistas e philosophos dessem aos conhecimentos do mundo physico (mathematica, astronomia, physica, chimica e biologia, notadamente esta ultima) um desenvolvimento sufficiente, onde elles encontrassem fundamento.

Era preciso remover os entraves ao progresso social e moral; e para isso, eliminar o principal delles, a ausencia de um instrumento apropriado a exploração de seus phenomenos, isto é, *crear um methodo*.

Assim como a mathematica, a astronomia, a physica etc., dispuzeram, para que se desenvolvessem, da induçao, da deducçao, da experimentação, da nomenclatura e da comparação, era indispensavel ao desenvolvimento da sciencia do homem social o methodo da *filiação historica*.

Na impossibilidade de experimentar directamente, de comparar directamente, etc. e, só dispondo da historia como fonte de informação, nenhum progresso era realisavel sem que em seu estudo repousasse.

Como estabelecer leis de evolução sem contemplar o desenrolar dessa própria evolução?

E' da pesquisa da vida das sociedades atravez dos tempos e das relações entre as diversas épocas, que se poderá determinar o modo com que uma situação social qualquer gerou a que lhe sucede.

Hoje são conhecidas em grande parte, as leis que regem os phenomenos sociaes de toda ordem.

Não, porém, ainda universalmente aceitas. Ha profundas divergencias na interpretação dos phenomenos o que dá logar aos differentes credos politicos, ás differentes religiões, ás escolas diversas a que uns e outros se filiam.

No entanto, ha uma noção que todos creem: a sociedade e o homem são subordinados em seu desenvolvimento a leis, para uns scientificas, para outros metaphysicas, para outros divinas.

A guerra é um phénomeno social como qualquer outro dos que se passam entre os homens tomados em collectividade. Está, portanto, subordinada ás mesmas leis geraes, independentemente das que lhe são exclusivas.

Na determinação destas ultimas ha ver-se-iam de encontrar as dificuldades oriundas da indeterminação das primeiras a que são subordinadas, e só poderiam estas ser expressas, depois que o methodo proprio a taes investigações tomasse pleno desenvolvimento.

Essa dificuldade é tanto maior quanto, não sendo conhecidas as leis da evolução natural pelos homens que a vêm presidindo, desde épocas remotas, são constantes as acções intempestivas e perturbadoras constatadas na historia.

Sem duvida que o seu estudo aprofundado revela uma evolução continua, mas impírica e, não raro, deturpada.

Salvas as intuições dos genios, foram as guerras como as sociedades conduzidas mediocrementre, abundantes vezes, pela maioria dos chefes.

E' evidente e sobejamente clara a situação, quando ao genio de um Lazaro Carnot ou de um Napoleão, antepõem-se os que não comprehendem o momento historico em que agem. Sorprehendem-se os geraes com as derrotas como se sorprehendem os chefes politicos quando seus povos lançam-se em revoluções, ou quando a nação entra em banca rota, dispondo de fartos elementos de riqueza.

Si, uns e outros, não podem comprehendêr os seus fracassos, quando disponham embora dos maiores componentes da força, é que não possuem a maior de todas: o conhecimento das leis que regulam a sua combinação e emprego. E, por isso, não sabendo orientar os ele-

mentos que manejam, obtém resultantes nullas ou negativas.

Agora, porém, a exploração historica dispondo já de um methodo efficaz, permittio fixar para a guerra um certo numero de leis verificaveis e demonstraveis.

Aliás são leis que se applicam em toda parte onde haja acção collectiva dos homens e como necessidade primordial do progresso.

As leis da subordinação, da segurança, da economia de forças etc., verificam-se em todo curso da historia militar humana.

Não ha uma guerra, não ha uma batalha ganha donde não resaltem observados e cumpridos os seus mandamentos, como não ha uma derrota que não response em seu desrespeito.

Muitas vezes dois partidos se equilibram, hesitando a victoria em decidir-se, até que num delles a infracção das leis vae fazer pender a balança do lado contrario.

Temos na grande guerra um bello exemplo.

O formidavel choque das grandes massas de povos manteve-se neutralizado muito tempo, sendo apenas alterado de quando em vez, por leves causas, até que um delles deixou de observar o principio fundamental da economia de forças e commetteu depois outras infracções, talvez produzidas pelo cansaço. Então, a victoria não mais hesitou e atirou-se nos braços dos que se mantiveram fieis ás suas leis inexoraveis.

Entre todos os principios fundamentaes da guerra um parece preponderar: é o da *subordinação*. E' elle quem gera a *disciplina intellectual*, o elemento coordenador por excellencia; quem fulmina o servilismo e a anarchia, elementos deliquescentes um, outro de retrogradação.

A subordinação, que é uma condição do progresso individual, phisico ou moral, adquire na applicação ás collectividades, um domínio soberano.

De facto, tanto o individuo como uma sociedade qualquer, notadamente esta, pela complexidade de seu organismo, só poderão progredir, crescer, desenvolver-se si se subordinarem ás leis e condições necessarias desse progresso. E' um primeiro grão de subordinação, cuja impor-

portancia, por ser axiomatica, não pôde ser contestada.

Na guerra a necessidade de sua observancia não permite siquer hesitações.

Ahi são os erros difficeis de corrigir ou, como quasi sempre, irreparaveis, dadas as condições de tempo, que lhe são proprias.

Por isso ella exige a assimilação perfeita dessa necessidade e tão perfeita que se traduza nos homens por simples reflexos.

Não se trata de puro automatismo nem mesmo de sujeição, desse estado de subordinação forçada que, embora entrando nos habitos, torna facil de excitar e fazer explodir nos espiritos revoltos latentes, com todas as suas consequências, em regra tendentes a subverter e a contrariar tudo que se achava estabelecido.

Trata-se de uma subordinação inteligente, aceita e não imposta, comprehendida; d'aquelle que, em vez de humilhados, forma collaboradores, calmos, activos, energicos e tanto mais productivos, quanto mais desenvolvidos forem o sentimento da abnegação e as qualidades de caracter, constancia, firmeza e coragem, n'elles existentes.

Isto posto, terminemos esta introdução, relembrando que a caracteristica das guerras modernas toma cada vez mais traços proprios ás decisões rapidas e acções fulminantes. E' uma consequencia dos aperfeiçoadissimos meios de combate, que a industria do armamento facilita, e das largas e variadas combinações estrategicas cada vez mais faceis de realizar, pelo emprego de rapidos e numerosos meios de transportes.

Isto vem tornar ainda mais graves e irreparaveis os erros commettidos na preparação da guerra, onde uma falta de previsão nem sempre poderá ser compensada a tempo de evitar uma catastrofe. E' a grande guerra, que durou largo tempo, de Agosto de 1914 a Novembro de 1918, ainda um exemplo edificante. De inicio as acções tiveram o caracter fulminante, proprio a nossa época de velocidades. O Kaiser esperava almoçar em Pariz, poucos dias apóz á sua declaração. Figuremos então o que teria acontecido, se o commando francez, a instrucção militar franceza, a preparação para a guerra franceza, em summa, valessem o que valiam em 1870.

Resumamos: ha duas necessidades capitais que a guerra impõe:

primeira, reconhecer que ella se regula por leis fixas determinadas;

segunda, agir subordinando toda acção, aos mandamentos dessas leis.

I PARTE

Idéas geraes

A «Arte da Guerra», a que já nos referimos, está publicada na collecção — OBRAS COMPLETAS — do florentino que viveo de 1469 a 1527 — Nicolas Macchiavelli — editada pela casa Garnier Frères em 1867.

E' um estudo antigo, do tempo em que o armamento induzia ainda ás formações compactas e rígidas, quando as batalhas e os combates se davam por choques de massas que se abordavam peito a peito. Nessa época os exercitos quasi que comprehendiam só a infantaria que, hontem como hoje, era a arma fundamental.

Assim a «Arte da Guerra», que se compoem de varios capítulos, confunde algumas vezes as idéias exercito e infantaria.

Começa ella, porém, por abordar, em bôa logica, as questões de ordem geral, passando depois ao estudo especializado do que se refere as armas de então e que eram a infantaria e a cavallaria.

Vejamos a primeira parte.

E' a questão capital da formação dos exercitos que desde logo chama a atenção do leitor.

Admittida a necessidade dos exercitos, admira-se a argumentação que apresenta o autor e admiram-se as idéias claras que lança sobre o momentooso problema, numa época em que ainda predominavam as organisações mercenarias sob varias formas.

E' elle decididamente pela superioridade dos exercitos nacionaes e, na sua imaginação rica, chega mesmo ao princípio da nação armada, hoje decisivamente em voga.

Tudo fundamenta na analyse dos phe-nomenos historicos e é a fecunda historia de Roma, o seu principal manancial.

Sem que nos detenhamos muito sobre estes pontos, que hoje não admitem a discussão, vejamos algumas citações. Visamos assim, não só firmar-nos uma base logica, como ter o prazer de con-

templar, no seculo XV, predicas ainda perfeitamente utilisaveis, sob certos aspectos.

Diz elle:

«O fim de todo governo que quer fazer a guerra é de poder manter a campanha contra toda especie de inimigo e de vencer no dia do combate...» E mais aadeante: «Um estado bem constituído deve então ordenar aos seus concidadãos a arte da guerra como um exercicio, um objecto de estudo durante a paz...»

Todo governo, na nossa época, ainda quer fazer a guerra, embora politicamente defensiva. Deve portanto, fazer na paz com que os seus concidadãos a estudem e exercitem.

Temos ahi o fundamento do trabalho que vamos percorrer e ahi encontramos tambem a idéia fundamental de que a guerra interessa toda nação.

Mas a nação que se lança aos rigores da guerra, mesmo que esta lhe seja imposta por um inimigo menos culto que ella, tem um objectivo principal: *vencer no dia do combate*.

Essa victoria, porém, vae depender dos seus meios de acção, do instrumento com que faça a guerra.

Não basta que os cidadãos sejam individualmente habeis, é preciso que possam coordenar seus esforços, agir em combinação, formando todos um só instrumento de guerra. Trata-se, portanto, de formar com elles um Exercito.

Como?

Assim aconselhava o autor, no XV seculo:

«Tendo de formar um exercito onde elle não existe, serei obrigado a tomar todos os homens em idade militar, isto é, em estado de receber a instrucção de que fallarei breve; mas n'um paiz onde este exercito esteja formado, eu não tomarei senão os homens de 17 annos, por que os outros já estariam escolhidos ou arrolados.»

Considerava elle obrigados ao serviço militar todos os homens dos 17 aos 40 annos. Não os aproveitava a todos, porém, porque as necessidades da época exigiam apenas a formação de uma élite.

Hoje o serviço militar pede o concurso de todos os cidadãos; as necessidades da guerra são insaciaveis, mas nem assim é dispensavel constituir élites.

Impondo a instrucção militar a todos os cidadãos em idade militar visava elle

evitar um perigo grave: o dos exercitos profissionaes, mercenários estrangeiros ou nacionaes.

Infelizmente não nos podemos agora considerar libertos desse antigo perigo. Corremos, unicos talvez no mundo civilizado, os seus riscos ameaçadores.

Por falta de comprehensão pratica das necessidades da defesa nacional, cai o nosso Exercito em depauperismo formidavel. Seus serviços desorganisam-se, ou se não organisam de facto. Tremem as suas bases, posto que periclitá o serviço militar obrigatorio, elemento esse que é toda sua efficacia, quer militar, quer politica, quer moral.

E é dessa confusão assim reinaente que surgiu o novo, velho perigo: como consequencia da desorganisacão pratica do exercito federal, um erro serio da politica faz com que os exercitos provinenciaes se desenvolvam muito acima das boas necessidades policias. E é tal esse crescimento desnaturado das forças policiaes, que algumas ha organisadas em todas as armas, até artilharia, aviação e serviços

Como polícia é demais e como exercito, de efficacia nulla na guerra, um tal sistema de forças.

Quando nada mais soffresse, soffreria de futuro a propria unidade da Federação Brasileira.

E maior, porém, o mal porque essas policias são verdadeiros exercitos profissionaes, cujos perigos eram assim assinalados no XV seculo:

«A infantaria a mais perigosa é a que não tem outra profissão além da guerra, porque um rei que se servio della é forçado ou a fazer sempre a guerra, ou a pagal-a sempre, ou corre o risco de se ver despojado dos seus estados.»

E aggravando:

«Uma autoridade muito prolongada sobre os mesmos homens faz nascer entre elles e seus chefes uma união intima que só pôde ser prejudicial ao interesse dos soberanos.»

O perigo de pagal-a sempre deve ser entendido agora pelo de lhe conceder vantagens.

Numa época como a actual, de vida cara e gozos illimitados, não parece impossivel explorar uma tropa profissional, forçosamente mal paga, para certos fins.

Voltemos ao modo de organizar o Exercito.

Tendo em vista que «uma victoria pode destruir os efeitos das peores operações e que uma derrota faz abortar os planos mais sabiamente combinados», é preciso que esse Exercito, tenha uma organização solida, consolidada.

Para isso: «é preciso achar os homens, repartilhos, exercitá-los por pequenas ou fortes divisões, acampalhos e lhes ensinar a resistir ao inimigo ou na estrada ou no campo de batalha».

Assim forma elle o seu exercito e a sua infantaria.

Para a *cavallaria*, especialisa mais: «eu imitarei os romanos, tomalos-hei entre os ricos, dar-lhes-hei chefes e terei o cuidado de os armar e de os exercitar».

E' a distribuição dos homens pela aptidão natural, de acordo com os seus hábitos de vida.

Em resumo, vemos nesta primeira parte, adoptar no seculo XV, principios ainda hoje verificaveis.

Constituir um exercito nacional, pela obrigatoriedade do serviço militar e mantê-lo armado, instruído, organizado, para o dia do combate.

Isto posto, veremos as particularidades proprias ás armas (infantaria e cavallaria) isto é: formação, organização, preparo e emprego.

Cap. J. B. Magalhães.

A Revista da Escola Militar

Acaba de reaparecer á luz da publicidade a alma eternamente jovem da Escola Militar, alma da qual cada um de nós já foi esperançosa manifestação e da qual ainda todos nós vivemos.

Quem é que, em determinados momentos, não tem olhado para a Escola Militar como o celleiro das realizações do futuro, como a fonte perenne de energias novas, constructivas? E, a Escola Militar tanto mais avulta em nossos espíritos quanto mais nos vamos gastando e envelhecendo, sentindo que a nossa tarefa foi feita e novos obreiros devem surgir.

**

No momento presente — nos annos em que se terá de fazer a consolidação do Noyo Exercito — a Escola Militar representará um papel verdadeiramente de grande relevo.

As novas gerações que remodelaram o Exercito já vão ficando velhas. A proporção que suas cabeças vão embranquecendo mais se vai ampliando seu sector de acção e ás gerações que chegam cabe manter e melhorar cada dia mais os trechos já construídos da estrada franca por que se vem conduzindo a restauração do nosso antigo poder militar.

A tropa — berço da reorganização que se emprehendeu e objectivo de todas as actividades que se desenvolvem — precisa muito do esforço dos novos para que o alicerce da obra não venha a periclitar.

Assim como caberá á Escola de Estado Maior recrutar e meter em acção os elementos capazes de realizar a consolidação referida, á Escola Militar incumbirá preencher os claros que aquelle recrutamento vai produzindo, de modo que fique assegurada a efficiencia dos corpos de tropa como o unico e verdadeiro manancial donde bróta, sem cessar, as possibilidades do Alto Commando, como a razão de ser de toda a complexa organização militar do paiz.

**

Para que tal se verifique, urge que os novos cadetes se apaixonem pela profissão que abraçaram. Devem elles viver exclusivamente para

o Exercito, como para o mais significante dos ideiaes.

Das suas attitudes mentaes muito vão depender as suas accões. E' preciso crê com ardor na grandesa do Exercito como significando a grandesa do Brasil. E' necessário criar a consciencia de que servir ao Exercito é servir á Nação, do melhor modo por que um cidadão qualquer pode servil-a.

Acima de tudo, devem os que têm capacidade excepcional de espirito, de intelligencia ou cultura compenetrar-se de que a actividade militar é bastante para comportal-a.

O problema militar de um paiz, modernamente, é o feixo de todos os problemas nacionaes. Para chegar-se a ser um chefe militar de valór, deve-se sentir bem a nacionalidade, em si e nas suas relações com as demaes, contiguas ou não. A geographia, a geologia, a ethnographia e a psychogia, a historia, a economia política, entre muitos outros ramos do saber humano são os dominios que devem ser palmilhados por aquelles que se vótam aos cargos militares do commando, da technica, dos Serviços.

**

A Revista da Escola Militar revela bem o novo estado de espirito da mocidade militar. Sente-se o amôr e o carinho que lhe merece a carreira das armas, o despertar formoso da consciencia das responsabilidades do officialato.

Desapareceu o sentimentalismo piégas de outros tempos pela transformação politica de 80 — os novos si esforçam por encarnar os caracteristicos do Noyo Exercito assim no presente como no futuro.

Continuem os nossos jovens camaradas na senda que trilham e prestarão o melhor serviço dos muitos que d'elles todos nós esperamos.

Desejamos primeiramente que a Revista da Escola Militar continue a ser a expressão nítida da bella realidade e da suprema esperança que hoje é a juventude em cujas fileiras imerge ella as suas mais profundas raizes.

Esses são os nossos melhores votos.

As Forças Estaduaes

Já, por vezes varias, tem sido ventilado, nestas columnas, com a efficiencia, oportunidade e elevação de vistos, tal sóem todas as producções dos batalhadores que nos têm antecedidos, o magno problema do aproveitamento das forças publicas estaduaes como auxiliares do Exercito de 1.^a linha e, quiçá, como constituintes intrinsecos do proprio Exercito.

Factos recentes tendo me levado ao contacto das forças publicas de varios estados da Federação; contactos que me permittiram conhecimento intimo da organisação e valor de cada uma como forças verdadeiramente militares, no real vigor do termo; tendo apalpado, muitas vezes coagido por necessidades causticantes, as possibilidades, attinentes ao actual estado de relações entre essas forças e os orgãos directores do Exercito, de sua utilisação como cooperadoras uteis; sou naturalmente arrastado a repisar idéas, já por demais esclarecidas, conscio que estou de não descobrir africanas mas, com tudo, badalando, certo de despertar a attenção e a argucia dos mais habeis e dedicados sabedores do assumpto.

Não ha a negar as vantagens vultuosas de inserir as organisações policiaes militares estaduaes como elementos componentes virtuaes do Exercito Nacional. Basta attentar que, por si mesmas, representam um effectivo sufficientemente apreciavel e facilmente mobilisavel e que muitos estados, possuindo orçamentos folgados, podem, sem grande desequilibrio de suas finanças, dotar as suas forças publicas de organisação e apparelhamento in totum semelhantes aos do Exercito Permanente, para se concluir quão facil ser-nos-hia dar, na realidade, ao nosso effectivo de paz um valor duplo.

Bem perceberam, isso as autoridades da Guerra, quando estabeleceram a possibilidade dos estados, ad libitum pessoal de seus governantes, crearem para suas forças publicas o caracter de auxiliares do Exercito de 1.^a linha.

Tal solução é, entretanto, incompleta e ao que me consta, não tem sido aproveitada convenientemente.

De facto, não alcança a normal comprehensão das cousas os motivos porque possa um estado brasileiro deixar de filiar e acostar sua entidade militar ao bloco federal e responsavel pela manutenção da integridade do todo, como de suas partes componentes. Organisações militares, realisadas, com maior ou menor perfeição, e em condições de serem promptamente utilisadas como elementos combatentes, as forças publicas estaduaes serão inevitavelmente e sob o ferrão picante da necessidade, lançadas na fornalha, sempre que periclitar a existencia ou a honra nacionaes, e independentemente das intenções pessoaes dos governantes e das leis da occasião. Nem é de esperar que, quando toda a Nação balanceie suas reservas de energia, quando todos os organismos vibrem e se ergam para vencer e viver, não estejam as forças publicas, tangidas pelo mesmo sopro de patriotismo que varrerá o paiz, entre as primeiras a serem immoladas pela salvação nacional; não é crivel que dentre elles, alguma venha a ficar de braços crusados e alheia ao turbilhão que a rodeará.

Se assim ha de ser; se, por força imperiosa das circumstancias, as milicias estaduaes terão de ser, nos momentos difficeis e logo de inicio, empregadas como tropas combatentes, é de irrefutavel conveniencia tratal-as, desde a paz, como elementos derivados do Exercito Federal; dar-lhes organisação, apparelhamento e instrucção harmonisados e estalonados pelos elementos similares daquelle; crear, desde a paz, relações de correspondencia obrigatorias entre elles e os orgãos directores do Exercito para permitir a estes o julgamento, dia a dia, de cada uma no tocante ao seu valor combativo. Urge fazer leis que autorizem tales providencias e, se as actuaes a isso se oppõem, reformal-as de modo a crear, desde já, de direito, situação que existirá de facto, mais tarde, quer queiram ou não os legisladores e constitucionistas, por força do mais forte — a necessidade.

Os contractos entre os governos federal e estaduaes, hoje existentes, não bastam e a experiecia de annos vem de-

monstrando que não se tem attingido, salvo rarissimas excepções, ao fim colimado. De um lado, observa-se o contrasenso, já apontado, de existirem policias estaduaes que, por ausencia de contracto, não se classificam como forças auxiliares. De outro lado, algumas que são tidas como tal, não apresentam apparelhamento, organisação e instrucção que autorisem sua assimilação ás forças armadas federaes e quasi todas, ao que me consta, não cumprem satisfactoriamente as obrigações contractuaes. Umas possuem, a exemplo da do adeantado Estado de S. Paulo, organisação, apparelhamento e instrucção que fazem inveja a qualquer pequeno exercito moderno, não lhes faltando mesmo um bem equilibrado quadro de officiaes; mas se afastam do Exercito Federal por apresentar disparidades completas no tocante á instrucção e organisação e, por isso mesmo, tornam difficilimos seu aproveitamento e adaptação aos similares federaes, impedindo taes disparidades que se retirem de seu emprego os proveitos, tidos como certos em se tratando de tropas de primeira ordem como realmente são. Outras, apesar da boa vontade e dos esforços de seus quadros, existem ainda em rudimentar estado de apparelhamento e de instrucção, que lhes annulla o valor combativo e diminue as possibilidades de emprego immediato nos primeiros momentos da grande crise. Algumas, finalmente, ha em estado satisfactorio de organisação e instrucção mas completamente alheiadadas dos orgãos directores do Exercito que lhes desconhecem as qualidades e defeitos e consequentemente as possibilidades. A todas faz excepção a Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Lá o caracter de força auxiliar foi plenamente assumido e realizado; um nucleo de instructores, chefiado por um official de escol, soube imprimir á Brigada feição caracteristicamente assemelhada aos elementos correspondentes do Exercito Federal; ligações periodicas mantem os orgãos directores do Exercito ao par da vida profissional; e, finalmente processos de instrucção sabiamente adaptados dão á Brigada Gaucho os traços de tropa perfeitamente apta para a campanha.

Resalta ainda, de tudo isso, um inconveniente, a meu ver, grave. A situação

dubia, de forças estaduaes que só em nome são auxiliares do Exercito Permanente faz com que, aos olhos do estrangeiro, tenhamos, em effectivo e organisação, efficiencia que fica muito a quem da realidade; empresta-nos feitio de armamentistas tendenciosos e ameaçadores quando nossas possibilidades são, de facto, fracas.

Não vae nisso censura aos governos estaduaes ou aos dirigentes de suas forças publicas.

Reconhecemos haver ahi vicio congenito e peculiar a systema de organisação e ao ambiente em que tem surdido as questões adstrictas á vida das policias estaduaes; o que tem impedido que os olhos se ergam para o problema que aqui se expõe e que as vontades de todos com parcella de responsabilidade se colliguem para orientar e impulsionar a solução do problema de modo conveniente e com a pertinacia necessaria.

O esforço e dedicação de varios officiaes que se mantêm á testa das forças publicas ou que são seus instructores muito tem contribuido para approximadas da feição real de forças auxiliares, mas todos hão de commigo concordar que circumstancias devidas ao meio e aos habitos antigos se têm opposto a seus esforços e que, embora muito melhoradas no tocante á instrucção, quasi todas essas forças ainda não assumiram o caracter de componentes virtuaes do Exercito Permanente, que de direito deveriam apresentar.

Focalisando tal estado de cousas, não me abalança outro intuito que não o de pôr em evidencia o problema e caracterizar nitidamente os objectivos entrevistos através as necessidades futuras mas certas. Commigo devem estar, já de ha muito, todos os officiaes das forças publicas, tocados pelas defficiencias apontadas e os officiaes do Exercito que já tiveram a seu cargo o commando ou a instrucção das mesmas forças; e as providencias aqui lembradas hão de avivar as reminiscencias de todos, por lhes terem ocorrido vezes varias e por se conterem, em letra de fôrma, nos contractos celebrados.

A uniformisação da organisação militar por um mesmo paradigma — a organisação federal — constitue o funda-

mento da solução, pois, certo é, haver vantagem indiscutivel em jogar-se com elementos homogeneamente compostos, facilmente comparaveis, ao em vez de outros desconforme e de difficult approximação; e, mais certo ainda, representar a actual organisação do Exercito fórmia sadia, por isso que resultou de ensinamentos directos da grande guerra, adaptados ao nosso meio e ás nossas possibilidades.

Vae nisso vantagem para todos. Lucra a linguagem militar nas relações reciprocas; lucra cada organismo militar pelo aproveitamento e troca de melhorias conseguidas em cada um delles, no jornadear constante, na pratica observada das regras aconselhadas.

Dahi para a adopção e execução cabal dos regulamentos do Exercito vae um passo. Sabido é que os nossos actuaes regulamentos, confeccionados por uma elite apurada, a mais apta, moral e profissionalmente, para doutrinar sobre a guerra, constituem doutrina, senão a unica existente, entretanto, a mais satisfactoria a racional para o nosso caso particular. Não aproveitar os fructos do trabalho da Missão Francesa, em todos os recantos em que se maniefsta a actividade militar é processo pouco economico, é regimen dispersivo e cahotico.

Finalmente a troca de relatorios succinctos e annuaes, uma ligação constante entre os commandos policiaes e os órgãos do Exercito, completarão taes providencias e, acima de tudo, estreitarão os laços de camaradagem, as afinidades entre todos os elementos militares de nosso grande Paiz. Por seu lado, é de esperar que os orgãos directores do Exercito e principalmente o Estado Maior, assistirão com carinho a vida dessas organisações policiaes e não medirão auxílios para impulsional-as, para mantelas á altura de sua missão vindoura.

Desse estado de cousas decorrerão insensivelmente varias medidas de carácter mais restricto e que cada unidade da Federação procurará resolver de acordo com as possibilidades de cada uma e que interessam antes á propria vida das policiaes do que ás relações entre elles e o Exercito.

Impulsionar-lhes a instrucção; cuidar de melhorar a de seus quadros e prin-

cipalmente a dos officiaes, parecem-me questões de primeira monta. O Exercito deve para sua solução concorrer em grande dóse, fornecendo-lhes grupos de instructores, os mais capazes, indicados pelo Estado Maior, junto a que seriam responsaveis pela execução de sua missão; offerecendo-lhes oportunidades para seus officiaes fazerem estagio, a juizo do mesmo Estado Maior, nos corpos correspondentes do Exercito; permittindo aos candidatos a officiaes das policias frequentarem cursos da Escola Militar ou da Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes e que os sargentos se matriculem nas Escolas de Sargentos; levando-as a cooperarem nas manobras annuaes; eis o que, de primeiro relance, me ocorre como mais efficaz e de mais facil execução. Vem-me á lembrança a necessidade de centralisarem-se os esforços dispersivos dos instructores actuaes das policias; dar á sua acção mais larga amplitude, transformando-os de simples instructores de soldados ou, o que é peior, de recrutas, em orientadores da instrucção e, em particular, instructores de seus officiaes.

Regulamentar o recrutamento e o acesso dos officiaes eis outra medida de grande importancia. De facto, muitas das forças publicas se deixam estagnar devido a estado de ankylose de seus quadros de officiaes, recrutados sem que obedeciam a criterio utilitario; sujeitos aos caprichos dos governantes que os dispensam desrespeitando-lhes os serviços e a dedicação; envelhecidos nos postos sem esperanças de melhoria; sem estímulos assegurados por accessos a que faça jús o merecimento dos mais capazes. Convém, portanto, regulamentar o processo de recrutamento dos officiaes, fundamentando-o, principalmente, na competencia profissional dos sargentos-candidatos a oficial, previamente alistados e trabalhados na tropa e nos cursos especiaes; assegurar aos officiaes a *vitaliciedade*, a reforma vantajosa ou sua transefrecia para empregos civis, desde que não possam, devido a edade, desempenhar satisfactoriamente as funcções do serviço activo; garantir-lhes, por lei, a promoção, em que o merecimento, por serviços prestados e bem definidos, seja a base.

Finalmente, limitar o tempo de serviço dos soldados; reduzir os engajamentos; evitar a inclusão dos reservistas do

Exercito; organizar a escripturação das reservas proprias da força; reduzr, tanto quanto possivel, o emprego da policia militar no serviço do policiamento ordinario e sobretudo nos destacamentos do interior, factor de dissociação das qualidades militares da tropa, sem que redunde delle grande vantagem para a segurança publica, assegurada pela vigilancia das autoridades civis e municipaes; eis um grupo de providencias particulares, tendentes a imprimir as forças publicas caracter mais militar.

A' boa vontade e ao patriotismo, innumeras vezes patenteados, dos nossos camaradas das forças publicas e, principalmente, das dos maximos Estados de S.

Paulo e Minas Geraes, cujas possibilidades são mais avultadas, por isso que, apresentam em si mesmas organisações perfeitas e portanto mais aptas a iniciar o movimento que julgo salutar, confio as minhas despretenciosas idéas, na certeza de que, com seus chefes de valor, saberão aplaínar os obices que levantarão susceptibilidades latentes mas irrazoaveis, das vestaes da autonomia estadual; na certeza de que na consciencia de todos, tão patriotas como nós, brada a sublimidade de vivermos congraçados e irmados pelos mesmos habitos, mesmas aspirações e mesmo ideal.

T. A. Araripe
1º Ten.

A formação dos Quadros de Reserva

Regista-se nas Escolas e Faculdades superiores desta Capital grande movimento de candidatos ao officialato da Reserva.

Incialmente, coube ao Cap. Luiz Correia Lima, incentival-o e, agora, já lhe secundam a acção os Capitães Lima Camara e Zeno Estillac Leal e os 1.os Ten. Jourdan e Lott. Como esses esforçados camaradas muitos outros serão chamados, á proporção que o movimento se alastre.

Trata-se de dar significação pratica e ampla ao dispositivo regulamentar que faz das Escolas Superiores da Republica as fontes perennes de officiaes de reserva, ao mesmo tempo que de uma tentativa experimental para a especialização nitida de cada curso superior a uma determinada especie de official.

Neste particular, a obra d'aquelle nosso prezados camaradas é por demais interessante.

Em primeiro lugar, não detiveram suas vistos no ambito estreito do Exercito Permanente elevado ao pé de guerra. Souberam ver a Nação no campo de batalha, o campo de batalha não limitado á «zona da frente», mas por toda parte do paiz onde haja um centro de actividade. Em seguida, souberam encarar a questão da formação dos officiaes de reserva livre dos pre-

conceitos profissionaes, isto é, restringindo os conhecimentos technico-militares dos candidatos ao estrictamente necessário para o exercicio das funcções a que se destinem.

Com effeito; nada mais justo do que se arrancar a formação do officialato de reserva da finalidade exclusiva do commando de tropas; nada mais certo do que se escoimar a preparação dos candidatos de certas impertinencias academicas ou doutrinarias si se escolhem bôas fontes de recrutamento, como são as Escolas superiores da Republica, si se define com precisão o fim a que se destina cada turma de candidatos.

Cumpre-nos salientar o real interesse que a juventude academica está tomando pela sua preparação ao officialato da reserva.

E' o primeiro symptom de que o Exercito começa a exteriorisar-se. Cada dia mais — embora inconscientemente, apesar das reacções ambientes — vae-se arraigando a noção exacta da grandesa, da generalização dos problemas da defesa nacional — ou todos os cidadãos se interessam por elles, cada um no sector de sua actividade e de suas aptidões, ou, então, nada faremos de notavel no mais vasto campo da vida nacional.

Artilharia — Exercícios na carta

(Para um R. A. M.)

Marcha de aproximação de uma vanguarda

Folha de S. CARLOS DO PINHAL (1)

Esc. 1/100.000

SITUAÇÃO GERAL

Um Exercito do Sul marcha ao encontro de um Exercito do Norte, assignado pela Aviação em via de estabelecimento nas alturas a S.O., S. e S.E. de S. CARLOS DO PINHAL.

A' direita, a II D.I. marcha para Est. VISC. R. CLARO; no centro, a VII D.I. em duas columnas, para Faz. SANTA EVANGELINA e Faz S. FRANCISCO; á esquerda, a III D.I. em uma só columna, por CUIAS, para Faz. PAINEIRA. A Oeste desse dispositivo marcha a I D.C., tendo por objectivo Rib. BONITO.

SITUAÇÃO PARTICULAR

A 6 de Maio, ás 6 horas, a III D.I., retomou a marcha. O 3º R.C.D., que tinha bivacado ao N. de CUIAS, seguiu ás 5h,30' para Faz. PAINEIRA.

A vanguarda (9º R.I. — Iº R.A.M. — 1º Pelotão do 3º R.C.D.), sob as ordens do General Z. Cmt. da 6.ª Bda. de Inf., tinha bivacado no planalto a N.E., de BROTAS e marcha para CUIAS.

— Segundo informações fornecidas pela Aviação, na tarde de 5 de Maio, o inimigo estabeleceu linhas successivas de trincheiras na região Col. FLORESTA-ANTONIO CARLOS. A sua direita parece não se estender além da garupa a Oeste de Faz. SANTA ROSA.

Pequenas columnas foram vistas a passar o Rib. do FEIJÃO na região de Faz. PAINEIRA, em marcha para o Sul.

— A's 7h,15', no momento em que chega a CUIAS, o Gen. Cmt. da III D.I., que marcha na cauda do Corpo da Vanguarda, recebe do Cel. Cmt. do 3º R.C.D., a seguinte informação:

N. DO COR. MUNDO NOVO — 6h,40'

I. Os meus elementos avançados, recebidos a tiros de fuzil e de metralhadoras na Faz. BOM RETIRO e na crista a O. de Faz. Cel. NOVAES, não puderam progredir.

— Recebi alguns tiros de canhão ao chegar á crista ao N. O. do Cor. MUNDO NOVO.

— Nada em SERTAOSINHO; mas o inimigo occupa a ponte de Faz. SANT'ANNA.

II. Ouve-se viva fuzilaria para os lados de Faz. SANTA EVANGELINA e percebe-se a Vanguarda da columna da esquerda da VII D.I. em marcha para atacar essa fazenda.

III. Fico de observação e em contacto, até á chegada da Vanguarda da D.I.

O meu grosso está na crista ao Norte de Cor. MUNDO NOVO.

(Ass.) Cel. B., Cmt. do R. C. D.

— De posse destas informações, o General Cmt. da III D.I., toma as decisões seguintes:

1.a) Atacar com a Vanguarda, reforçada pelo II/6º R. A. M., a crista ao Sul de Faz. PAINEIRA, onde o inimigo parece ter uma posição de Postos Avançados.

A Vanguarda deverá apossar-se dessa crista e ahi installar-se solidamente, sem procurar passar o Rib. do FEIJÃO.

2.a) Enviar o 3º R.C.D., desde que seja elle alcançado pela Vanguarda, para Faz. SANT'ANNA.

3.a) Lançar uma 2.ª Vanguarda (R. I. que marcha na testa do grosso da D.I) para SERTAOSINHO.

O General Cmt. da D.I. parte, em automovel, para juntar-se ao Cmt. da Vanguarda, alcançando-o ás 7h,30' no collo

(1) Veja-se o ultimo numero da «A Defesa».

4 kms. ao N. de CUIAS; comunicalhe as informações que acaba de receber e as decisões que tomou, dando-lhe a ordem de ataque.

Previne-lhe tambem que o 3º R. C. D. recebeu directamente ordens e que o Coronel do 6º R. A. M. e o II/6º R. A. M. passam á sua disposição, respectivamente, ás 8 h. e ás 8h,30' no ponto onde os generaes se encontravam áquelle momento.

— Informações a enviar para esse mesmo ponto, onde vae funcionar o P. C. da D. I.

— Eixo de deslocamento do P. C. da vanguarda — Caminho de Faz. PAINEIRA.

— Logo que chegue o escalão avançado da Cia. de Transmissões, um fio telephonico será lançado do P. C. da D. I. para o P. C. da vanguarda, e um posto optico installado nos arredores do P. C. da D. I.

QUESTÕES PARA OFFICIAES SUPERIORES

1.ª Questão — Resolução do Cmt. da vanguarda

Antes de se desenrolarem os acontecimentos constantes da «situação particular», a vanguarda marcha em columna unica, tal como o grosso divisionario; embora se saiba da presença do inimigo ao Sul do Rib. do FEIJÃO, a frente de contacto será definida primeiramente pelo R. C. D. que, deslocando-se desde cédo pelo eixo de marcha da divisão, colherá a impressão inicial sobre a frente do adversario, donde resultará o desdobramento ulterior dos elementos que compõem a vanguarda.

Marchando em uma só columna, é de todo provavel que o seu escalonamento seja o seguinte:

— Uma *ponta*, constituida pelo Pel. C.

— Uma *testa*, formada por 1 Btl. I.

— Um *corpo*, composto das demais unidades que entram na vanguarda.

Ao ser encontrado pelo Gen. Cmt. da III D. I., no collo ao N. de CUIA, o Gen. Cmt. da V. G., marchando á frente do *corpo*, terá já o seu Btl. de *testa* ao N. do collo, com a *ponta* de cavallaria proxima ao corrego MUNDO NOVO.

Como parece ao Gen. Cmt. da D. I., o inimigo tem uma *posição avançada* na

crista ao S. de Faz. PAINEIRA; é preciso d'ahi desalojal-o e installar solidamente a vanguarda nessas alturas.

Para tal, torna-se necessario, desde então, encarar o modo de ocupar esse movimento do terreno caso o adversario a isso se opponha, como é muito provavel que o faça. O exame da carta mostra não ser de resultados seguros o ataque frontal ás alturas ao S. de Faz. PAINEIRA; as encostas que descem para o Sul são de fortes declives, e da crista da posição se tem um bom commando sobre o atacante que se aproxime, vindo dos lados de Faz. BOM RETIRO.

Resultados melhores serão alcançados combinando-se esse ataque frontal com outro que surja pela ponta Suéste do movimento de terreno, lá para as bandas de Faz. Cel. NOVAES, e prosiga para Nordéste, a cavalleiro da crista.

Origina-se, então, para o Gen. Z. a necessidade de attingir as alturas ao S. da Faz. PAINEIRA com dois agrupamentos de tropas: um que seguirá pelo eixo de movimento da vanguarda, passando assim por Faz. BOM RETIRO, e outro que marchará a E'ste do primeiro, alcançando as ditas alturas pelo mamelão a O. de Faz. Cel. NOVAES.

Mas, o Cmt. da vanguarda tem um tropeço anterior a vencer: são as reacções encontradas pelo R. C. D. em Faz. BOM RETIRO e no mamelão a O. de Cel. NOVAES; essas reacções são de tal ordem que detêm o grosso do R. C. D. nas elevações ao N. de Cor. MUNDO NOVO E' forçoso orientar tropas para aquelles dois pontos, afim de que não fique a vanguarda detida.

A repartição de forças d'ahi decorrente contraria os designios do Gen. Z., quanto á finalidade da sua missão? Não; ao contrario, essa repartição se casa mui harmonicamente com o dispositivo previsto para a ocupação das alturas ao S. de Faz. PAINEIRA.

Portanto, no momento em que o Cmt. da D. I. ordena o ataque a essas alturas, a vanguarda inicia a sua marcha de aproximação com um Btl. orientado para Faz. BOM RETIRO, e outro para o mamelão a O. de Cel. NOVAES.

Para a primeira orientação está naturalmente indicado o Btl., que constitue a *testa* da vanguarda (o I, por exemplo) o qual já se encaminha para lá. O Btl.

que procurará o mamelão a O. de Cel. NOVAES (o II, por exemplo) sahirá da frente do *corpo*, em largo movimento atravez do campo, para acercar-se do seu objectivo pelo lado do Sul.

E' preciso notar que as acções dos dois Btls. contra esses primeiros objectivos serão escalonadas no tempo: indo o I Btl. na *testa* da vanguarda, em pouco estará engajado com as tropas inimigas da região de BOM RETIRO; sahindo o II do *corpo* da vanguarda para passar a mão nas alturas a O. de Cel. NOVAES, terá que fazer um percurso muito maior, e a sua actuação terá lugar mais tarde.

2.a Questão — Apoio pelo I/6º R. A. M.

Ao ser iniciado o movimento da vanguarda na manhã de 6 de Maio, o grupo de A. M. que della faz parte seguirá ainda *em columna*, ao menos até á depressão de terreno ao N. de CUIAS; embora seja possivel um encontro com o adversario ao Sul do Rib. do FEIJÃO, a antecipação do R. C. D. pelo eixo do movimento já proporciona certa garantia para a vanguarda no começo do movimento, enquanto não lhe chegarem informações da frente sobre a presença do inimigo na zona explorada, ou não for ouvido o crepitir dos fusis, denunciador de um engajamento com a cavallaria.

Ora, si a informação sobre esse engajamento só foi redigida ao Norte do Cor. MUNDO NOVO (situação particular), é signal que foi *negativa* a informação enviada do collo ao N. de CUIAS, ponto delicado do eixo de movimento da vanguarda. Assim o Btl. *testa* poude aproximar-se do collo com relativa segurança, sem precisar que o grupo tivesse tomado posição a coberto das alturas a S. E. de CUIAS para o apoiar.

Já a partir da ravina ao Norte de CUIAS o grupo terá de se deslocar por lanços e escalões, independentemente das informações do R. C. D. Com efeito, d'ahi em diante é preciso que seja diminuta a vulnerabilidade do grupo em marcha, pois o collo ao Norte de CUIAS já está ao alcance da artilharia adversa que, por ventura, tenha tomado posição no valle do Rib. do FEIJÃO.

Nessas condições, ás 7h,30', quando o Gen. Cmt. da III D. I. vae ao encon-

tro do Gen. Cmt. da VG., o grupo se acha ainda em marcha aquem do collo Norte de CUIAS, ao passo que o seu Cmt. já o attingio.

Como o Cmt. da VG. empregará a sua artilharia? Um grupo já se acha á sua mão; o outro grupo só chegará ao collo ás 8h,30'. Dada essa diferença de tempo o Gen. Z. não terá duvidas em empenhar logo o I/6º R. A. M. onde é mais premente a necessidade de apoio pela artilharia, isto é, em proveito do I Btl. que, ás 7h,30', se aproxima do Cor. MUNDO NOVO.

O II grupo, ao chegar mais tarde, será utilizado em apoio ao Btl. orientado para a região Cel. NOVAES, não havendo isso inconveniente porque tal Btl. vae sahir do *corpo* da vanguarda, attingindo seu primeiro objectivo muito depois do provavel engajamento do I Btl. em Faz. BOM RETIRO.

Seguindo o rasto do I Btl., o I grupo encontrará uma série de posições sucessivas, onde seus diferentes escalões de Bias. poderão realizar os lanços para o apoio á marcha de aproximação e ataque da infantaria, o exame da carta mostra que essas posições serão encontradas nas cabeceiras da ravina ao S. do collo, no valle do Rib. da RASTEIRA a N.E. do collo, e no valle do Cor. MUNDO NOVO, posição final para o possivel ataque ás posições inimigas ao S. de Faz. PAINEIRA.

Chamando, então, o Major Cmt. do I grupo, o Gen. Z. põe-no ao corrente da situação e lhe dá a seguinte ordem verbal, cujas decisões o major, terá talvez conhecido, ao informar-se *indiscretamente* das occorrencias.

- «I. O inimigo occupa a crista entre «Faz. BOM RETIRO e Faz. PAINEIRA. O 3º R. C. D., que attingiu a região S. de BOM RETIRO, não pôde mais progredir.
- «II. Ordenai ás vossas Bias. que tomem posições nos arredores do collo ao N. de CUIAS (verbalmente: nos arredores deste collo) para apoiarem, si for necessário, a marcha de aproximação do I Btl. testa da VG., contra as posições inimigas da região de Faz. BOM RETIRO.

«III. Ordenae igualmente a execução de «reconhecimentos além do collo e «perto do eixo de marcha do Btl. «para a tomada de posições ulterior «res tendo em vista a cobertura da «aproximação e o apoio do ataque «desse Btl. ás posições inimigas da «crista entre Faz. BOM RETIRO «e Faz. PAINEIRA.

«IV. A acção do vosso grupo vae ser «reforçada pelo II grupo do vosso «regimento.

«— O Cel. Cmt. do 6º R. A. M. recebeu ordem de vir assumir o Commando do novo agrupamento de apoio á VG.

«V. O meu P.C., immediatamente ao «S. de collo de CUIAS. Eixo de «deslocamento ulterior do P.C.: «estrada para Faz. BOM RETIRO «RO».

Eis as ordens do Gen. Z., concorrentes ao emprego immediato da unidade de Art. que está á sua mão, utilizada como apoio á marcha do Btl. *testa* para BOM RETIRO.

3.ª Questão — Apoio pelo I e II/6º R. A. M. (depois das 8 h.)

Tomemos os factos que se sucedem a partir de 8 h.

Nesta hora vamos encontrar o Cel. Cmt. do 6º R. A. M. a entrar em ligação pessoalmente com o Gen. Z., e com o Cmt. do I grupo por meio do sargento ou, melhor, do official encarregado deste mistér.

Com o Coronel chegaram tambem o Cmt. do II grupo e o seu primeiro escalão de reconhecimento, elementos estes que se achavam juntos, na columna de marcha, no instante em que chegou a ordem de avanço até ao collo.

Inteirado do que se passa, recebe o Cel. do 6º R. A. M. ordem verbal de collocar o II grupo em apoio ao II Btl. que deve operar por S. E. das posições mantidas pelo adversario, na região O. de Cel. NOVAES. Esta decisão é logica, sobre ser a mais simples: ha duas situações iniciaes a resolver: uma para os lados de BOM RETIRO, outra para as alturas O. de Cel. NOVAES; para cada uma dellas foi orientado um batalhão, a

cada batalhão foi dado um grupo de apoio.

Para o apoio do II Btl. nas operações contra a crista, O. de Cel. NOVAES, as posições convenientes ao II grupo devem ser procuradas nas nascentes do Cor. MUNDO NOVO, a N. E. da Faz. do mesmo nome; ao N. e N. E. destas nascentes — e não longe — podem ser encontrados observatorios com vistas para a zona de acção do grupo. Desses posições o material poderá apoiar o ulterior avanço do Btl. a cavalleiro da crista. Por isto, o Cel. indica essa zona de posições ao Cmt. do II grupo, afim de que elle faça immediatamente seguir reconhecimentos, tendo em vista a ocupação pelo grupo quando o avanço da infantaria amiga (II Btl.) o permittir.

Sem embargos, uma ou duas Bias. poderão, preliminarmente, tomar posição no collo do Rib. da RASTEIRA, mais ou menos a 2 kms. a E. do collo, para o caso em que o Btl. tenha de lutar antes de chegar á região Cel. NOVAES. Com effeito, enquanto o II Btl., sahindo do *corpo* da vanguarda, marcha atravez do campo, não é impossivel que os elementos de cavallaria amiga, detidos a O. de Cel. NOVAES, sejam rechassados para o Sul, dando logar a que o Btl. tenha de se engajar desde a crista 2 kms. a N. E. de Faz. MUNDO NOVO; nessa contingencia, o apoio de artilharia será prestado pelo material em posição no valle do Rib. da RASTEIRA, transferindo-se a ocupação das posições a N. E. de Faz. MUNDO NOVO para quando o Btl. tiver sufficientemente avançado na direcção de Cel. NOVAES.

A's 8h,30' chega ao collo N. de CUIAS o material do II grupo, com o seu tenente mais antigo á testa. Ahi já se acha o *guia* ou o *balizador* n. 1 do itinerario, afim de conduzir a columna de viaturas ás posições, pelo caminho reconhecido desde a marcha do pessoal de reconhecimento. E' provavel que a urgencia das operações reclame a marcação do itinerario por meio de um *balizamento*, operação que é iniciada desde que os reconhecimentos abandonem a estrada de marcha. Mas, reconhecidas as posições de Bia., é possivel fazer voltar pelo caminhamento escolhido *um guia*, capaz de exonerar todos os balizadores

que, então, ficam disponíveis para as operações a se desenvolverem mais á frente.

Entremeltes, o Cel. do 6º R. A. M. vae até a crista a O. de Faz. MUNDO NOVO, afim de ver um pouco o que se passa do lado do inimigo; admittindo que o avanço da infantaria amiga continua satisfactoriamente, assenta elle a ordem de operações para os seus dois grupos, mais ou menos nestes termos:

III D.I.—VG. *P. C. na crista a O. de MUNDO NOVO, 6 (seis) de Maio, 8h,45'*
FOLHA DE S. CARLOS DO PINHAL

Esc. 1/100.000

ORDEM AO AGRUPAMENTO

- «I. O inimigo parece manter forte-
mente a crista entre Faz. BOM
«RETIRO e Faz. PAINEIRA, de
«um lado e outro da estrada. Faz.
«SANTA EVANGELINA está ac-
«tualmente sendo atacada pelas
«tropas da VII D.I.
«— A Faz. SANT'ANNA está
«igualmente em poder do ad-
«versario.
- «II. A VG. acaba de receber ordem
«de tomar as posições inimigas da
«crista entre Faz. BOM RETIRO
«e Faz. PAINEIRAS; o I Btl.
«atacando directamente no eixo da
«marcha da columna; o II Btl.
«manobrando pelo S. E. da crista,
«contra a elevação a O. de Cel.
«NOVAES, em ligação com o ata-
«que das tropas da VII D.I., á sua
«direita.
«— O 3º R. C. D. irá para a região
ao S. de Faz. «SANT'ANNA.
- «III. O 1/6º R. A. M. tomará disposições
«para apoiar directamente as ope-
«rações do I Btl. e eventualmente
«as acções sobre a direita inimiga
«entre Faz. PAINEIRA e Faz.
«SANT'ANNA.
«— O II/6º R. A. M. collocar-se-á
«em apoio ao II Btl.
- «IV. Os lanços dos escalões de Bias. de-
«verão ir até ao valle do Cor.
«MUNDO NOVO, posição final
«para o ataque ao S. de Faz. PAI-
«NEIRA.
- «V. Até á conquista — pela nossa in-
«fantaria — de Faz. BOM RE-

«TIRO, por um lado, e alturas a
«O. de Cel. NOVAES, por outro
«lado, as acções dos grupos serão
«reguladas por entendimento di-
«recto entre os respectivos Cmt.
«e os Cmts. dos Btls.

«A partir desses pontos, a pro-
«gressão dos Btls. sofrerá uma
«parada, a coberto da crista Faz.
«BOM RETIRO — alturas O. de
«Cel. NOVAES, afim de permit-
«tir a ulterior concordância dos
«seus esforços. D'ahi em diante,
«então, o modo de agir dos grupos
«dependerá de novas ordens do
«agrupamento.

- «VI. Disposições a prever para a situa-
«ção final da artilharia da VG.:
«— P. C. do Cmt. do agrupamento:
«crista 1.000 metros ao N. de
«Cor. MUNDO NOVO, perto
«da estrada.
- «— P. C. do I grupo, o mais perto
«possível do agrupamento —
«P. C. do II grupo, a procurar
«nas alturas que ficam a N.E.
«de Faz. MUNDO NOVO. Par-
«ticipação a este Cmdo., logo
«que forem estabelecidos.
- «— Esses P.C. dos grupos serão
«ligados por telephonio, quanto
«antes, ao do agrupamento.
- «— Ligação com a infantaria (como
«lembrança); destacamento de
«ligação de cada grupo.
- «— Posto optico do agrupamento,
«na vizinhança do seu P.C.»
(Ass.) Cel. X.

Eis a ordem do Cel. do 6º R. A. M., suficientemente simples para dispensar commentarios mais longos. Todavia, convém fixar a attenção sobre o paragrapho quinto.

Por elle se vê que, até Faz. BOM RETIRO e alturas a O. de Cel. NOVAES, as acções dos grupos em apoio á infantaria são conduzidas com certa independencia: resultam, em cada agrupamento de tropas, do entendimento directo entre os respectivos Cmts. de grupo e Btl.; o Cmt. de agrupamento de artilharia não intervirá, com maiores minúcias nas missões de cada grupo, nem estenderá a zona de acção de cada um destes até á do vizinho.

Resulta isso de duas causas prin-
cipaies:

Primeiramente ha a considerar que os esforços dos dois Btls. não são conjugados no tempo; á hora em que a ordem do agrupamento é redigida, o I Btl., apoiado pelo I grupo, está a atravessar o Cor. MUNDO NOVO para, pouco depois, entrar em contacto com os defensores de BOM RETIRO. O II Btl., apoiado pelo II grupo, está, á essa mesma hora, a transpor a crista a O. de Faz. MUNDO NOVO muito distante ainda da primeira linha que tem de attingir na marcha de aproximação.

Em segundo logar, até que sejam attingidos aquelles dois pontos, a marcha dos dois agrupamentos de aproximação é *divergente*, o que afasta, cada vez mais, a possibilidade de uma cooperação íntima entre ambos.

A partir de BOM RETIRO e alturas a O. de Cel. NOVAES, em contrario, os esforços convergem e a cooperação mutua é necessaria, porque será difficult ao I Btl. conseguir o avanço na direcção Faz. PAINEIRA si o II ficar detido a O. de Cel. NOVAES.

D'ahi decorre a conveniencia de uma parada na linha Cel. NOVAES-BOM RETIRO, para o concerto da manobra final da vanguarda, com a intervenção do Gen. Z. E' provavel, então, que os dois grupos de artilharia tenham de operar conjuntamente, sob a direcção do Cel. do 6º R. A. M.

Antes de prosseguirmos, relatemos um incidente que interessa ás operações da vanguarda:

No momento em que o I Btl. apoiado pelo I grupo, vai atacar Faz. BOM RETIRO, o Cmt. da vanguarda recebe do Cmt. do 3º R. C. D. a informação seguinte (*meia hora* antes do momento em que o Gen. Z. a recebeu).

Garupa ao N. de SERTÃO SINHO

«Um Btl. de infantaria inimiga acaba de desembocar da ponte de Faz. SANT'ANNA; uma Cia. de infantaria, em formação aberta, marcha para o Sul; o resto do Btl., em columna de estrada, marcha para S.E., pelo caminho que conduz á Faz. PAINEIRA.

«Mantenho-me aqui e vou interceptar a marcha da Cia. que avança na minha direcção».

4.ª Questão — Emprego da infantaria da vanguarda

A titulo de exemplo, daremos a seguir um modo simples de encaminhar a questão para a decisiva procurada.

a) Que pôde o inimigo fazer com o reforço que lhe chega?

Dada a presumida direcção do grosso do Btl. que atravessou a ponte de Faz. SANT'ANNA, o que o adversario pôde fazer com maiores probabilidades é prolongar para N. E. a ocupação da crista ao S. de Faz. PAINEIRA, reforçando a defesa contra as ameaças criadas pela presença do R. C. D. em SERTÃO SINHO.

Além disso, é preciso encarar a possibilidade de envolvimento da vanguarda pelo flanco de Oeste: a Cia. que se dirige para SERTÃO SINHO pôde adquirir vantagens sobre a cavallaria amiga, sendo tambem admissivel que um erro de apreciação tenha estimado mal o efectivo das tropas adversarias que, de Faz. SANT'ANNA, marcham para o Sul.

b) Que se quer?

Aparar o golpe que o adversario poderá desferir com esse reforço, de modo a tornar nullo o accrescimo de força que chega aos ocupantes do movimento de terreno ao S. de Faz. PAINEIRA. Só assim será possivel o cumprimento da missão da vanguarda: a posse desse movimento de terreno.

c) Onde annullar tal reforço?

As considerações tacticas induzem a prolongar para Oeste a frente de ataque, caso o adversario aumente para esse lado a sua frente defensiva.

A ameaça do envolvimento da vanguarda pôde ser resolvida com um apropriado escaloamento de tropas no flanco já apontado, combinando-se esse escalonamento com intervenção do R. C. D., que já se acha em SERTÃO SINHO. Não haverá mesmo inconveniente em se ficar na defensiva nesse lado, porque tal situação duraria pouco tempo: convém não esquecer que o Gen. Cmt. da D. I. já orientou para SERTÃO SINHO o R. I que vinha á testa do grosso divisionario (ver a «situacao particular»).

As condições do terreno não se opõem a isso: o valle do rio SANTA JOANNA se presta a uma ou outra manobra; na sua vertente oriental far-se-á o escalonamento gradual das tropas que

cobrirão, ao menos inicialmente, o ataque do I Btl. no eixo BOM RETIRO — Faz. PAINEIRA.

Essas considerações táticas e aspectos do terreno poderiam motivar um exame mais detalhado do assumpto, para exploração mais lata da manobra da infantaria. Entretanto, não iremos mais adiante para que não seja desfigurado o intuito de estudar questões de artilharia. O que ahi fica basta para concluir que se tem de escalonar forças no flanco occidental do I Btl., para responder a uma ameaça por esse lado, ou para prolongar por ahi a frente de ataque.

c) Como realizar, então, esses desgnios?

No que respeita ao factor *tempo*, impõe-se desde logo a orientação de tropas de infantaria para o valle do rio SANTA JOANNA, devido ao proximo choque da Cia. inimiga com a cavalaria amiga, em zona não muito afastada do ataque á Faz. BOM RETIRO. Quanto ao ataque dos elementos que prolongarem para Oeste os defensores das alturas ao S. de Faz. PAINEIRA, será realizado *mais tardivamente*, pois as operações da vanguarda ainda não attingiram Faz. BOM RETIRO.

No que interessa ao *espaço*, a zona inicial de applicação dessas forças será na extremidade da garupa de BOM RETIRO, em escalão recuado ao flanco esquerdo do I Btl. Não será preciso, por emquanto, passar para a vertente occidental do valle do rio JOANNA, porque ahi já se acha o R.C.D. Proseguindo o avanço da vanguarda até ás alturas ao S. de Faz. PAINEIRA, essas mesmas forças se estenderão mais ou menos para o N. O., conforme a amplitude de movimento, reclamada pelas reacções dos defensores.

Quanto ao *emprego de meios*, o Gen. Z. dispõe, para isso, do III Btl., não devendo utilizar-se do I que já está a atacar BOM RETIRO, e não podendo empregar o II que, muito distante, se orienta para Cel. NOVAES.

Em conclusão, a *idéa de manobra* do Gen. Z. será: «levar o III Btl., em escalão recuado, para a esquerda do dispositivo actual de vanguarda, de modo a cobrir por Oeste as operações do I Btl. e prolongar por esse lado, si neces-

sario, o ataque ás alturas ao S. de Faz. PAINEIRA».

E' o resumo de todo o raciocínio feito.

As questões dessa natureza podem ser examinadas dentro dos itens ahi apresentados, e se enquadraram no seguinte schema:

- | | | | | |
|-----------------------------|--|--------|--------------------|---------|
| — Que pôde o inimigo fazer? | Considerações táticas | | | |
| — Que se quer? | | | | |
| — Onde? | Condições de terreno. | | | |
| — Como? | <table border="0"> <tr> <td>Tempo,</td> <td rowspan="2">Emprego dos meios,</td> </tr> <tr> <td>Espaço,</td> </tr> </table> | Tempo, | Emprego dos meios, | Espaço, |
| Tempo, | Emprego dos meios, | | | |
| Espaço, | | | | |

5.ª Questão — Emprego da artilharia da vanguarda

A idéa de manobra do Gen. Z., não fica limitada unicamente ao emprego de sua infantaria; é preciso que ella tenha a cooperação da artilharia á sua disposição.

Como no momento em que essas coussas se passam, nada ha de premente quanto ao engajamento do III Btl., sendo, *preventivas* as disposições impostas a esta unidade, a utilização, da artilharia da vanguarda nesse lado visa tambem prevenir os acontecimentos possíveis com a chegada do Btl. inimigo.

O Cel. Cmt. do agrupamento já está sciente do que se passa, pela sua permanencia junto ao Gen. Z.; chamado por este, delle recebe a seguinte ordem verbal:

«Vou conduzir o III Btl. da vanguarda, em escalão recuado, para o nosso flanco de Oeste, de modo a cobrir ahi as operações do I Btl. e, si necessário, prolongar por esse lado o ataque do mesmo batalhão, ás alturas ao S. de Faz. PAINEIRA. Tomae disposições para apoiar este movimento com a vossa artilharia».

A primeira vista, o problema proposto parece encerrar certa dificuldade: ha 3 Btls. empregados em ataque e apenas 2 grupos de artilharia).

Todavia, o escalonamento da questão no tempo e no espaço mostra que tal embaraço é mais apparente do que real. A ordem do Gen. Z. é dada pouco antes do ataque a BOM RETIRO. Tanto vale dizer que o ataque a Cel. NOVAES ainda está afastado no tempo, assim como mais afastada ainda está a intervenção do III Btl. — o mais atrasado na co-

lumna — naquellas alturas dominantes do valle do Rib. do FEIJÃO, pelo Sul.

Não pretendendo o Cmt. da vanguarda atacar com a sua infantaria a Cia. que se dirige para SERTÃO SINHO, não podendo obstar a juncção do resto do Btl. inimigo com ocupantes da região de Faz. PAINEIRA, a necessidade de fogos de artilharia em proveito do III Btl. é eventual e, de qualquer forma, afastada no tempo. Si o III Btl. precisar de apoio, não o exigirá imediatamente; si o reforço inimigo for empregado nas accções a S. E. de Faz. PAINEIRA, então estará elle contemplado no emprego de fogos já anteriormente previsto e a artilharia que apoiar o ataque do I Btl., apoiará tambem o do III, que prolonga para Oeste a accção do I.

Para o Cmt. do agrupamento, esta prevenção se traduz na remessa de elementos de ligação ao Cmt. do III Btl.

O I grupo é o unico indicado para isso, pois o II opéra em zona muito afastada para E'ste.

Independentemente desta ligação, o sitio avançado dos observatorios do I grupo (imagine-se que elle já tenha uma Bia., ao menos, no valle do Cor. MUNDO NOVO) pôde permitir uma bôa observação do valle do rio SANTA JOANNA. dando motivos á intervenção directa do

grupo contra a Cia. adversa que ameaça o flanco Oeste dos atacantes de BOM RETIRO, antes da chegada do III Btl. Assim, o grupo poderá intervir por iniciativa propria.

A ordem do agrupamento será, então, expressa nos termos abaixo:

P. C. 1.200 ms. ao N. do Cor. MUNDO NOVO, 6 (seis) Maio, 9h,45' (*)

- «I. Uma força inimiga, avaliada em «1 Btl., acaba de desembocar ao S. «de Faz. SANT'ANNA; uma Cia. «mais ou menos, marcha pela es- «trada para CUIAS; o resto se «dirige para Faz. PAINEIRA.
- «II. O 3º R.C.D. barrará a passagem «da estrada Faz. SANT'ANNA- «CUIAS. O III Btl. da VG., que «estava em reserva, acaba de re- «ceber ordem de prolongar, para «Oeste, a accção do I Btl.
- «III. O Cmt. do I/6º R.A.M. enviará «um agente de ligação junto ao «Cmt. do III Btl. e fará vigiar, de «seus observatorios, os movimen- «tos deste Btl., com o fim de o «apoiar eventualmente por seus «fogos, seja a pedido do Btl., seja «por iniciativa propria, segundo as «informações da sua observação.

(Ass.) Cel. X.
Major Sílio Portella

Curso Livre de Geographia

A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro acaba de fundar, e já o tem em pleno funcionamento, um Curso Livre de Geographia.

Este curso será feito em dous periodos, sendo realizadas, ao todo, quer no primeiro, quer no segundo periodo, apenas 80 preleccões. O primeiro periodo será destinado ao desenvolvimento dos conhecimentos geographicos, referentes á geographia physica e o segundo á geographia humana ou anthropogeographia. As matérias são as seguintes:

1.º periodo — Geographia physica: *Cosmographia*, professor Raja-Gabaglia (do Collegio Pedro II); *Physiographia* e *Paleographia*, professor Everardo Backheuser (da Escola Polytechnica); *Meteorologia* e *Climatologia*, professor Delgado de Carvalho (do Collegio Pedro II); *Methodos estatisticos* e *Desenho de cartas geographicas*, professor Luiz Caetano de Oliveira (da Escola Polytechnica); *Ecologia*, professor Edgard de Mendonça (da Escola Normal). Serão professores substitutos do 1.º periodo os engenheiros geographos Srs.: Jorge Kfuri e Eduardo Beiral Sardinha.

2.º periodo — Geographia humana: *Methodologia* e *Historia da geographia*, professor Del-

gado de Carvalho; *Anthropologia* e *Ethnographia*, professora D. Heloisa Alberto Torres (do Museu Nacional); *Geopolitica*, professor Everardo Backheuser; *Forças economicas*, professor Delgado de Carvalho; *Movimentos de populações*, professor Raja Gabaglia. Será professor substituto deste periodo o Dr. Fernando Pires.

* * *

Registando tal acontecimento, fazemol-o convencidos de que divulgamos uma obra de grande utilidade para todos nós em geral e, principalmente, para os candidatos á E.E.M. e os alunos d'esta Escola.

Sómente adquirindo-se conhecimentos de geographia superior é possível chegar-se a conhecer, a sentir a nossa grande Patria em que, pela vastidão de seu territorio e de suas fronteiras terrestres como marítimas, encerra, por isso mesmo, os mais graves problemas políticos, económicos e militares.

Enviamos á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro nossos melhores aplausos e aqui ficam nossas columnas á disposição dos illustres professores do Curso Livre de Geographia que acaba de fundar.

Directrizes para o Segundo Periodo de Instrucção da 1.ª Brigada de Infantaria

As presentes directrizes trazem a data de 10-4-926 e reprezentam apenas uma ampliação das «Directrizes» da 1.ª R. M., de 6-4-926.

O seu interesse consiste no facto de reflectirem elas as possibilidades maximas das unidades a que se destinam.

I

A instrucção dos quadros deverá versar sobre os seguintes assumptos:

a) — *Manobra na carta*

Será effectuada no Q.G. da 1.ª D.I., sob a direcção do Sr. General Comandante da 1.ª Região Militar, tendo por objectivo principal o funcionamento dos diversos serviços de uma D.I., como preparativo de trabalho semelhante, que será executado oportunamente no terreno. Dia e hora a serem fixados ulteriormente.

b) — *Exercícios de quadros na carta.*

1º — Estes exercícios serão executados no âmbito dos Regimentos, cujos comandantes organizarão os seus temas partindo de situações muito simples. Estes trabalhos têm um carácter de applicação immediata e não comportam previás *explanações, theoricas.*

2º — Os destacamentos a serem estudados não devem exceder de um R.I., um ou dois grupos de art. mont., uma bia. de art. de mth., um esquadrão de cavallaria, o que já é um maximo (vide letra b, n.º 5, fim).

3º — Como trabalho preparatorio de manobra a que se refere a letra a) deste paragrapho, convem não esquecer os serviços ligados ás tropas, para os quaes devem ser reservados 20 ou 30 minutos de cada sessão; é uma oportunidade para exercitar os não combatentes e para instruir os combatentes em particularidades de que convem que todos tenham noções.

4º — Os trabalhos serão feitos nas cartas da região de Villa Militar (R.I. Q.T., n.º 21), o que apresenta uma dupla vantagem: existem cartas de grande escala e os exercícios de quadros no campo

podem ser encarados como verdadeiros reconhecimentos, ou como verificação dos trabalhos de sala.

5º — Respeitada a hierarchia, o comandante do R. escalará os comandantes para todos os elementos que figuram no exercicio e nomeará um official para seu auxiliar. O papel desse official será o de um collaborador, mas as decisões pertencem de facto ao director, em obediencia a bôa regra de *ouvir os technicos e decidir por si.* Tambem lhe poderá ser confiado o commando dos elementos de outras armas, que figurem no thema.

6º — A situação geral deve ser dada com antecedencia a todos os officiaes, muito convindo que se conserve a mesma em todos os exercícios deste periodo.

A situação particular do inicio de cada exercicio deve ser dada ou pedida pelo menos com 24 horas de antecedencia, até o escalão batalhão ou grupo, para que os elementos menores possam dispor, quando nada, de algumas horas, para tomar as suas disposições.

7º — Quer sejam escalados officiaes para commandar os elementos de outras armas que figurem no thema, quer esse commando seja attribuido ao adjunto do director, que seja o proprio director quem se encarregue dessa parte, a actuação das outras armas em ligação com a infantaria deve ser evidenciada.

8º — Finalmente, todos os officiaes participantes de um exercicio tactico devem se convencer de que não ha augmento nem diminuição de quem quer que seja, por encarar com maior ou menor acerto uma situação tactica.

Se o official tem certeza de que é energico, trabalhador, se tem decidido espirito de sacrificio, amor á sua classe

e ao seu paiz, pode estar certo de que o seu trabalho em campanha ha de ser do maior proveito.

«Na guerra, escreveu Maltke, nas suas «Instruções para o Commando Superior», as qualidades de caracter valem mais do que as de intelligencia».

E', pois, necessario que o modo de ver do director seja acatado por todos, sem resalvas nem votos vencidos; terminado um trabalho tactico, cessam os commentarios de qualquer natureza, que no fim de contas geram desgostos, competições e antipathias, tão prejudiciaes á instruccion da tropa e a bôa camara-dagem dos officiaes.

c) — *Exercicios de quadros no campo*

1) — Esta categoria dá logar a exercicios moderados de equitação, para officiaes de todos os postos, em terreno variado. A elles se applicam, sob quasi todos os pontos de vista, as prescripções relativas aos exercicios em sala.

Todos os themes para o terreno são preparados na carta, quer sejam reproduçõe de um tema de sala, quer sejam um tema novo.

Para taes exercicios, não é possivel dispor de cavallos para quadros tão numerosos. Nestas condições, apenas deve ser organiado o commando de um dos batalhões, tendo os demais elementos do destacamento existencia ficticia.

Dada a carencia de montadas, os regimentos poderão constituir dois bandos ou nucleos de instruccion, que em dias diferentes irão ao mesmo local.

d) — *Treinamento physico, comprehendendo:*

1) — Tiro de pistola e de fuzil.

2) — Esgrima.

3) — Equitação, abrangendo exercicios de escola para subalternos e excursões em terreno variado para capitães e officiaes superiores (vide letra c).

e) — Palestra no circulo de officiaes, sobre assumpto da escolha do conferencista, porem de caracter technico ou sobre interpretação de regulamentos.

II

1) — A instruccion da tropa constará em principio de exercicios de companhia, mas a instruccion das praças, começada no periodo anterior, prosegue em todas

as oportunidades. Pelo menos, uma vez por semana os Comdtes de R. reunirão elementos para que esses exercicios sejam feitos com effectivos approximados dos de guerra, tanto em homens, como em animaes e material. Entrementes, os Comdtes. de batalhões reunirão elementos para alguns exercicios de pelotão em effectivo de guerra e os capitães reto-carão a instruccion de suas companhias, voltando aos trabalhos de grupo e mesmo á instruccion individual.

DISPOSIÇÕES GERAES

1) — Dada a falta generalizada de operadores para os meios technicos de transmissão, os Comdtes de R. organizarão escolas especiaes (R. I. Q. T. n.º 9-3º) fóra da hora destinada aos outros ramos de instruccion, com o maior numero possivel de alumnos. Para estimula-los e compensar o seu esforço, podem ser-lhes feitas algumas vantagens e atribuidos premios aos mais aptos, mediante concursos oportunos (R. I. Q. T., n.º 2).

2) — A instruccion dos serviços e especialistas continua a ser feita de acordo com as prescripções e programmas do Comdo. da 1.ª D. I., excepto na parte de transmissões, que passará a ser regulada pelo novo programma a ser distribuido.

3) — Seria de grandes vantagens o emprego de todos os meios de transmissão que os exercicios de quadros comportem.

4) — No decorrer dos exercicios na carta, o director poderá exigir trabalhos especiaes, como organisação de planos de fogo, de planos de ligações e transmissões, etc. Os melhores trabalhos devem ser enviados ao Comdo. da Bda.

5) — Os trabalhos na carta e de quadros no terreno serão realizados de modo que cada official participe pelo menos de uma sessão de 2 horas por semana, em cada uma destas especies.

6) — A formação dos pelotões de candidatos a sargento terá logar a 15 de Junho.

(assig.) *Antonio Odorico Henriques*
Cel.

Capm. F. de Paula Cidade
assistente int.º

Subsidios para os Quadros de Reserva

(A nossa contribuição)

SOBRE O PAPEL DOS QUADROS DE RESERVA

O recrutamento e a preparação dos quadros de reserva são bem um exemplo do quanto se deve esperar da participação de todos na formação do nosso poder militar.

No officialato de reserva ha, além dos aspectos nitidamente militares como, aliás, em todas as outras manifestações da defesa militar do paiz, os de carácter accentuadamente extra-militar. Deve-se contar não só com o esforço das autoridades militares mas, ainda, com a iniciativa dos elementos civis mais representativos.

Sem officiaes de reserva ficam sem enquadramento as fileiras de reserva. E os officiaes de reserva são chamados, ao mesmo tempo que a elevar ao pé de guerra os effectivos em officiaes dos corpos de tropas e dos serviços, previstos em tempo de paz, a enquadurar unidades e formações outras de toda especie, exigidas pelo estado de guerra. Tal é o ponto de vista estrictamente militar.

Entretanto, sem officiaes, de reserva — e isso é de summa importancia — a finalidade social do Exercito fica de muito prejudicada. E' proprio das instituições armadas a sua actividade ignorada das demais modalidades da vida nacional, sem que, todavia, possa prescindir dellas. Se não houver elementos capazes de estabelecer e manter, praticamente, as multiples relações que devem existir entre o Exercito e a Nação nenhuma repercussão, ao menos systematisada, poder-se-á esperar da função verdadeiramente agglutinante do organismo militar no meio social.

Ademais, a preparação da guerra exige uma serie de medidas extra-militares, projectadas pelos technicos militares e sancionadas pelas alta administração civil, mas, que pouco significarão quanto a sua execução se a grande rede dos quadros de reserva não extender as

suas malhas por sobre todas as manifestações das actividades civis da Nação.

Da conscripção só se pôde esperar metade de todo esse trabalho. Os elementos civis utilizados são, principalmente, representantes da massa da população. A idade e a condição do conscripto, em regra, não o autorisam como meio de grande raio de acção. A conscripção re-vigora o physico, alphabetisa, nacionalisa e disciplina os individuos.

O officialato de reserva representa papel identico, mas, sufficientemente ampliado para que chegue a interessar, directamente, a collectividade. Pelo recrutamento e preparação de seus detentores actua sobre as camadas directoras da sociedade — no commercio, nas industrias, nas sciencias, nas letras e nas artes — contribuindo para que se encaminhem os altos problemas militares no meio civil. O officialato de reserva reeduca a mentalidade militar da sociedade, plasma a mobilisação civil, nacionalisa o Exercito.

Essas affirmações são tanto mais verdadeiras quanto, entre nós, as contingentes de conscriptos são por demais reduzidos em relação á população e extensão territorial do paiz.

*
* *

O QUE DEVE FAZER O CHEFE DOS ESTACIONADORES DO REGIMENTO ⁽¹⁾ PARA PREPARAR O ACANTONAMENTO DE SEU CORPO (R. S. C. 139 e 146)

Ao receber a ordem, sobre a estrada de marcha

- 1) Annota os effectivos, em officiaes e praças (discriminados por estado maior, batalhão ou grupo de artilharia, companhia, esquadrão ou bateria), em animaes e em viaturas;

⁽¹⁾ Official montado.

- 2) Procura saber a direcção e a ordem de collocação na columna dos batalhões ou grupos, companhias, esquadrões ou baterias, para a marcha do dia seguinte;
- 3) Reune a turma de estacionadores (um medico, em regra; um ajudante por batalhão ou grupo de artilharia; um terceiro sargento, um cabo e dois soldados por companhia, esquadrão ou bateria);
- 4) Requisita as fracções destinadas ás guardas do acantonamento e que devem marchar com os estacionadores, se fôr o caso;
- 5) Põe-se em marcha com a turma de estacionadores e com as fracções destinadas ás guardas, sempre que as circumstâncias permittam, de modo que possa terminar o pre�aro do acantonamento, antes da chegada do corpo; caso seja necessário, a turma de estacionadores se intercala entre os elementos da columna que marcham á frente de seu corpo.

Ao chegar á localidade

- 6) Recebe do official encarregado de repartir o acantonamento (se houver) o sector que couber ao seu regimento;
- 7) Reconhece, com tanto maior minucia quanto maior seja o tempo de que disponha para o pre�aro do acantonamento, o sector que lhe foi designado ou toda a localidade; para isso, pede á Prefeitura ou orgão equivalente, informações sobre alojamentos (aproveitar os edificios publicos e predios desoccupados, de preferencia); examina a carta cadastral, se esta existe; envia subordinados habéis para colher informações detalhadas junto dos habitantes;
- 8) Fixa os locaes das guardas; manda installar sentinelas nas saídas da localidade, se fôr preciso interceptar as relações dos habitantes com o exterior; manda ocupar a estação telegraphica e repartição dos correios;

- 9) Procede a repartição do acantonamento pelo Pessoal de Commando, Batalhões, Grupos ou Esquadrões, de acordo com a ordem de marcha do dia seguinte, com as informações obtidas e combinações feitas com as autoridades civis; tem o cuidado de não dispersar as unidades; tanto quanto possível, os dois lados de uma rua são ocupados pela mesma unidade;
- 10) Manda que os ajudantes de Batalhões, Grupos e Esquadrões reconheçam os sectores que lhes foram designados e iniciem ahí o pre�aro do acantonamento de suas unidades;
- 11) Determina o predio que deve servir de enfermaria ou onde deva installar-se a formação sanitaria regimental;
- 12) Distribue os alojamentos dos officiaes, tendo em vista que o Estado Maior do Regimento deve ficar no centro do acantonamento e que os officiaes dos Batalhões, Grupos ou Esquadrões acantonam nos sectores das respectivas unidades; escolhe um local para o P. C. do Regimento;
- 13) Reconhece a zona de reunião do Regimento e o alojamento do Coronel;
- 14) Manda executar as medidas hygienicas, aconselhadas pelo medico que o acompanha;
- 15) Escolhe os locaes para os parques (reunião das viaturas), de modo que cada unidade tenha suas viaturas o mais proximo possível do sector de acantonamento;
- 16) Informa-se sobre os recursos de alimentação existentes na localidade;
- 17) Organisa um quadro de informações úteis (Veja-se o exemplo junto);
- 18) Regressa ao encontro do Coronel para transmittir-lhe as informações colhidas.

*

* * *

QUADRO DE INFORMAÇÕES PARA O ACANTONAMENTO (Exemplo)

Sectores de acantonamento	{ Estado Maior (Companhia Extranumeraria) I Batalhão II Batalhão III Batalhão
Alojamentos dos Officiaes	{ E. M. do R. I.: Commandante etc. dos Btls. (se fôr o caso)
Locaes para os serviços	{ P. C. do R. I. Corpo da Guarda do R. I. Formação sanitaria (enfermaria) Depositos para a Intendencia
Parques	{ Locaes para as viaturas Locaes para os animaes Hora da visita veterinaria
Agua	{ Potavel (se fôr o caso) Bebedouros para animaes Lavadouros
Zona de reunião do R. I.	{
Distribuições	{ (locaes e horas)
Visita medica	{ (locaes e horas)
Revistas	{ (horas)
Informações	{ Delegacia de policia, correio, telegrapho, residencia da mais alta autoridade civil, edificios interditados, edificios munidos de salvaguardas, hora de recolher os habitantes, etc.

PASSAGENS SOBRE PONTES MILITARES

Dois são os principios que se devem attender:

- 1º — é preciso que o peso, durante a passagem, mantenha-se bem distribuido;
- 2º — é necessario diminuir-se, ao minimo, o balanceamento da ponte.

D-ahi as seguintes prescripções de passagem:

- a) — *Silencio* — para que os elementos de manutenção da ponte possam ouvir os commandos de seus chefes.
- b) — *Formação, cadencia ou andadura* —
— *Infantaria* — por 4, sem cadencia; 10 ms. entre cias., 50 ms. entre Btls.; todos os officiaes a pé.

— *Cavallaria* — por 2, os cavalleiros do lado exterior; 20 ms. entre esquadrões, 80 ms. entre Regimentos; é prohibido trotar; as unidades, tornam a montar somente depois de sufficientemente afastadas da ponte (não perturbar o escoamento das demais).

— *Artilharia* — em columna de peça, peça por peça; todos a pé, excepção feita dos conductores das parelhas tronco.

— *Trens e parques* — em columna de viatura, pelo meio da ponte, distanciadas de 20 ms.

Nota — Infantaria ou cargueiros em desordem: ha o risco de romper-se a ponte.

*

REGRAS PARA JULGAR DAS INFORMAÇÕES

Primeira — E' preciso reunir o maior numero possivel de informaçōes sobre cada facto. Considerada a *dispersão das informaçōes* deve-se cogitar da *centralisaçōe das informaçōes*. Só assim podem-se *cotejar* as informaçōes existentes sobre um mesmo facto.

A essa regra não resistem os *factos imaginarios* que, acabam por produzir *informaçōes dispersas* e, ás vezes, *contradictorias*.

No ponto de vista d'essa regra não se deve esquecer de que a sequencia das coisas poderá permittir a reconstituição *muito veridica* de um facto do qual se tenha uma documentação de certo modo *incompleta*.

Segunda — Uma informação *muito precisa* pode não ser *verdadeira*; o coefficiente de veracidade dispense da confiança que inspirem os moradores.

As circunstancias influem muito sobre as informaçōes. Uma mesma informação é deformada pelas condições intellectuaes, physicas, moraes e até mesmo pela profissão, e importancia social do narrador. Deve-se levar em conta tambem o valor d'essas condições no momento em que é dada a informação.

Si o informante se *preparou* para observar e o facto *era de esperar*, então a informação adquire um valôr *mais consideravel*.

Terceira — Uma informação *verdadeira* pode não ser *verosimil*, por isso nenhuma informação deve ser deixada de lado.

Por mais inverosimil que seja uma informação isolada, somente do cotejo com outras, principalmente pedidas nos *planos de procura de informaçōes*, é que pôde ser julgada. (Primeira Regra)

Quarta — As informações devem ser *classificadas* segundo sua *natureza e importancia*.

Estabelece essa regra, assim, a maneira *automatica* de fazer-se o *cotejo* das informações.

A IMPORTANCIA TACTICA DO TERRENO

O terreno tem um papel importante no accionamento dos meios de que se dispõe, por isso que é sobre o terreno que as tropas *estacionam*, *marcham* e *combatem*. E' evidente que a actividade militar se resente dos recursos de toda sorte que pode offerecer o Theatro de operações ou o campo de batalha — facilidades de acesso, obstaculos á marcha, accidentes que dissimulam ou protegem etc.

O terreno não tem, entretanto, por si mesmo, uma virtude particular permittindo attingir um qualquer dos fins da guerra, nem mesmo do combate. Conservar uma posição, por exemplo, não é vencer o inimigo; detel-o, batel-o e destruilo esse é que é o fim a attingir.

O terreno, qualquer que elle seja, não vale só por suas qualidades intrinsecas; mesmo que esse seu valôr seja maximo não se pense que, mesmo reforçado por obstaculos de toda natureza, possa elle se revelar inviolavel.

Nenhuma posição — mesmo coberta por obstaculos naturaes e artificiaes os mais difficeis de transpôr — possue a propriedade de ser inviolavel por si mesma. A unica barreira que realmente pôde deter o assaltante é uma rôde completa e profunda de fogos, é a qualidate das tropas da defesa no momento e no ponto em que se produz o ataque.

E' fôra de duvida, todavia, que o terreno é um factor com o qual se precisa contar, qualquer que seja a fôrma do combate; que o terreno é o nosso guia permanente na escolha dos meios de execuçōe; que só se deve agir depois de um estudo meticulooso do terreno, permittindo actuar com o maximo de meios.

A relativa falta de liberdade para escolher nosso campo de accão e a falta de tempo para organisal-o, impôr-nos-hão, duplamente, esse estudo minucioso do terreno, seja para evitar as regiões improprias ao emprego e á combinaçōe dos meios de que dispomos, seja para escolher aquellas onde podemos tirar o maximo rendimento d'elles.

(Notas do Curso do Cmt. Barand na E.E.M)

Nota sobre o tiro em marcha do F. M.

Em uma Conferencia do Coronel BÉRENGUIER, instructor do Centre d'Etudes de Infanterie (1923) lê-se a seguinte observação que julgamos muito interessante:

«O artigo 133 da Instrucção sobre a pratica do tiro da Infantaria diz claramente que o emprego do tiro em marcha deve ser reservado á phase do combate que precede ao assalto. Isto é inteiramente verdadeiro.

Com efecto, o tiro em marcha não é um tiro para matar e sim tiro de neutralisação, que, para ser verdadeiramente impressionante e atingir com segurança seu objectivo, deve ser executado á distancia muito pequena.

A depressão moral que produz sobre quem sente seus efeitos é segura, porque, se o moral resiste sufficientemente aos tiros vindos de longe, cede, ao contrario, com muito maior facilidade, aos recebidos de perto.

Pode-se tambem estar certo da exaltação moral que produzirá sobre aquelles que o executam.

O facto do homem cobrir, elle mesmo, sua marcha com o proprio fogo e de sentir seu adversario immobilizado lhe dá ousadia de que a tomada de CLOS-DAVAUX nada mais é do que um dos numerosos exemplos que se podem citar.

No artigo 120 (Artigo 107 do nosso R. T. A. P., 2^a Parte), o regulamento precisa que o tiro em marcha é executado pelos fuzileiros, empregando o tiro intermitente e actuando sobre a tecla do gatilho cada vez que o pé esquerdo pousa no terreno.

Como isso não é questão de doutrina mas simples questão de execução, talvez seja permitido mostrar um pouco de sceptismo sobre os resultados que se podem esperar de um tiro executado em tais condições e seria interessante saber se foi assim empregado no campo de batalha.

Não se alcançam muito bem as razões porque se renuncia, de caso pensado, ao tiro em rajadas no fuzil metralhador. Sacrificar o tá-tá-tá da metralhadora é desconhecer o seu efecto moral.

De qualquer modo a 18 de Julho, a 9^a companhia do 14º atirou em marcha de modo muito diferente e como tinha aprendido anteriormente.

Durante o repouso, o commandante do corpo tinha expedido sobre a instrucção do tiro a seguinte nota:

«O tiro em marcha será ensinado desse modo: a tropa detida abre o fogo (fogo a vontade para os volteadores, fogo em pequenas rajadas para os F. M.).

«A um dado signal, os homens iniciam a marcha, os volteadores carregando durante o movimento e parando para apontar e detonar; os F. M. dando alguns passos e parando para executar, com o fuzil na horizontal, uma pequena rajada e assim por diante.

«Se o tiro é bem executado, o inimigo que viu a linha deter-se e curvou a cabeça, não deve perceber o momento em que aquella se põe em marcha, por isso que não haverá diferença apreciável entre a intensidade do fogo executado a pé firme ou em marcha.»

Pode-se, evidentemente, notar que tal tiro em marcha só o é em nome, pois o homem o executa parado. Mas é preciso attender que o conjunto da linha está em movimento continuo para frente e é o que se deve levar em consideração em face do resultado desejado».

.....

(Da Conferencia «Combat offensif du régiment encadré» ou «L'Etude des Règlements par la méthode des cas concrets» do Cel. Berenguier, publicado em 1923 e 1926).

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS NOVOS

O jovem primeiro tenente Fernando Fonseca de Araujo acaba de honrar-nos com a offerta de seu trabalho — *Collocação em vigilancia da bateria por meio do goniometro e da plancheta topographica*, — em que são divulgados os processos de collocação em vigilancia ensinados na E. A. O. e aos quaes o autor juntou exemplos e observações pessoaes.

Embora tenha sido destinado aos sargentos-candidatos ao curso de commandante de secção, o pequeno livro prestará excellente auxilio aos officiaes que se iniciam na pratica da profissão, aos alumnos da Escola Militar e aos candidatos ao officialato de reserva. Alem disso, elle recomenda seu autor, aliaz já conhecido como official estudioso e dedicado profissional.

**

Ainda a Artilharia, surge com mais um livro *Artilharia — Exercicios na carta* do Major Silio Portella, professor da E. E. M. e cujo nome basta para precisar-lhe o valor. Contendo uma serie de problemas de Artilharia, applicados a casos concretos estudados no decurso dos trabalhos daquella escola, o livro do Major Portella é de oportunidade flagrante e de grande utilidade para todos os officiaes, principalmente, para os que fazem os cursos da E. A. O. e E. E. M.

**

Desta vez, a Infantaria, com os tenente coronel Paes de Andrade e primeiro tenente Pavel, promette-nos o *Guia do Commandante do Grupo de Combate*, organisado para satisfazer as necessidades da instrucción na Policia Militar do Districto Federal. Como o nome está indicando, o livro destina-se a auxiliar os sargentos, reunindo e pondo-lhes ao alcance tudo que os regulamentos apresentam interessando ao grupo de combate.

A «Defesa Nacional» não podia deixar de assignalar esse surto de actividade profissional que denota officiaes exclusivamente dedicados a seu mistér de instructores. Constitue tal facto motivo de contentamento para todos nós bem como estimulo e convite aos estudiosos e dedicados para divulgarem seus trabalhos e observações pessoaes.

**

REVISTA DE POLICIA

Com grande prazer assignalamos hoje o aparecimento dessa nossa collega, orgão do Club dos Officiaes da Policia Militar do Districto Federal. Apezar de nova, a bem cuidada revista já se apresenta em franco sucesso de prosperidade, o que, aliás era de esperar dado o objectivo altamente utilitario a que propõe. — o soerguimento da corporação, por todos os motivos digna do esforço e da dedicação de seus membros.

Somos immensamente gratos á novel vista não só pela gentil visita com que nos honrou mas ainda pelos termos bondosos com que assignalou o nosso 13º anniversario.

**

Recebemos e agradecemos

Revista Militar — Lisbôa — Março e Abril.
Revista Maritima Brasileira — Nov. Dez. 1925.
Union Ibero-Americana — Fevereiro — Madrid.
Revista del Círculo Militar del Perú — Março.
Revista da Escola de Engenharia Mackenzie — S. Paulo — Abril.
Revista Militar — Argentina — Abril.
Revista de Medicina e Hygiene Militar — Março.
Alerta! — Montevideó — Outubro de 1925.
Revista de Policia — N.º 1 a 5 — Jan. a Abril — Rio de Janeiro.
El Ejercito Nacional — N.º 25 — Equador.
Memorial del Ejercito de Chile — Abril.
Revista Militar Brasileira — Janeiro a Março.
Brazil Vegetal — S. João del Rey — Abril 1926.
Revista del Círculo Militar del Perú — Abril.
Revista de Medicina e Hygiene Militar — Abril.
Revista Militar — Argentina — Maio.
Revista da Escola Militar — Maio.

EXPEDIENTE

PAGAMENTO PONTUAL E ADEANTADO

Para ser-nos possivel restabelecer a pontualidade na distribuição de «A Defesa Nacional» torna-se estricteamente necessário que nossos prezados assignantes PAGUEM PONTUAL E ADIANTADAMENTE as suas assignaturas semestraes.

AOS REPRESENTANTES

Pedimos encarecidamente aos nossos representantes o obsequio de nos comunicar a transferencia dos assignantes, designando o novo local onde vão servir e bem assim devolver-nos os exemplares que para elles tivermos enviado, correndo por nossa conta as despezas postas.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000

Preços de anuncios

Semestre:

1 pagina	300\$000
1/2 "	150\$000
1/4 "	80\$000
1/8 "	40\$000

Por trimestre se cobrará a metade das importâncias supramencionadas.

Montepio do Club Militar

O MONTEPIO é uma instituição formada no Club Militar por varios socios, mas completamente independente da ASSISTENCIA (antigas Caixas A, B e C) quanto á sua administração e organização. Os seus principaes fins são:

- 1.º — Conceder pensões mensaes e vitalicias;
- 2.º — Cuidar da educação dos filhos menores do socio que os deixar em condições precarias.

Apezar do reduzido numero de seus socios, o MONTEPIO continua em franca prosperidade; seu patrimonio, de accordo com o paragrapho 1.º do artigo 2.º, está sendo empregado em emprestimos sufficientemente garantidos, mediante a taxa de 6 % ao anno, aos seus socios, e de 8 % aos que não pertencerem ao MONTEPIO, já tendo em movimento quantia superior a trezentos contos.

Para ser socio do MONTEPIO é necessario ser socio quites do Club Militar e requerer á directoria do MONTEPIO, declarando nesse requerimento dia, mez e anno em que nasceu, tabella em que deseja inscrever-se e o modo por que pretende fazer o pagamento da joia.

O MONTEPIO tem sua séde no proprio edificio do Club, funcionando o seu expediente diariamente das 14 ás 16 horas.

Para mais informações — dirigir-se ao

Major Augusto Feliciano Pereira Pinto, Secret. do Montepio do Club Militar
Avenida Rio Branco n. 251 - D. F.

VAGO

Representantes da "A DEFESA NACIONAL"

No Rio de Janeiro

- E. M. E.* — Cap. Pamphiro.
2.ª Linha — Cap. Mario L. de Carvalho.
1.ª D. — Cap. Columbano Pereira.
D. G. I. G. — Ten. Cel. Paulo A. Bastos.
D. M. B. — Ten. Floriano P. T. Homem.
D. E. — Cel. Vicente dos Santos.
Pol. Militar — Cap. José V. Souto Maior.
Serv. Geogr. — Ten. Armando C. Dias.
Fabr. de Realengo — Major Freire de Vasconcellos.
1.º R. I. — Major Pedro Angelo.
2.º R. I. — Cap. Vicente de P. Formiga.
3.º R. I. — Cap. Pedro L. de Campos.
Comp. de C. de Combate — Ten. João C. Gross Danton.
Arsenal de Guerra — Ten. Arlindo A. Vianna.
4.º R. C. D. — Ten. Florencio F. Portugal.
15.º R. I. — Cap. João Fc. S. da Silva.
1.º R. A. M. — Ten. José Cândido S. Muricy.
2.º R. A. M. — Ten. Antônio de S. Maráu.
1.º G. I. A. P. — Ten. Cyro N. de Athayde.
1.º G. A. Mth. — Cap. Silvino S. Campos.
1.º B. E. — Ten. Oswaldo Guimarães.
1.ª Cia. Ferro Viaria — Ten. Antônio Bastos.
Fort. S. Cruz — Cap. Ary Luiz.
Fort. S. João — Cap. Portocarrero.
Fort. Copacabana — Ten. Julio N. Lebon Regis.
Fort. do Vigia — 1.º Ten. A. M. de Andrade.
Fort. da Lage — Cap. Octávio Cardoso.
Fort. S. Luiz — Ten. A. L. C. Menezes.
E. E. M. — Ten. Jorge Duarte.
Esc. de Aviação — Cap. Iodargyro M. de Oliveira.
E. V. E. — Cap. Dr. José Benevenuto de Lima.
E. M. — Aluno Octacílio Silva.
E. M. — Cap. Orozimbo Pereira.
E. A. O. — Cap. José L. Moraes.
Col. Militar — Ten. Hildebrando Sarmento.

Fóra do Rio de Janeiro

- 2.ª D.* — S. Paulo — Cap. Newton Braga.
3.ª D. — Porto Alegre — Ten. Cel. Amílcar Magalhães.
4.ª D. — Juiz de Fóra — Ten. José E. Braga.
4.º R. I. — Quitaúna — Ten. Alvaro A. Oliveira.
8.º R. I. — Cruz Alta — Ten. Carlos C. Martins.
10.º R. I. — Juiz de Fóra — Ten. Walter Ferreira.
11.º R. I. — S. João del Rey — Cap. A. Lucio Ferreira.
12.º R. I. — Belo Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13.º R. I. — Ponta Grossa — Ten. Guilhermino F.
3.º B. C. — Victoria — Cap. Octávio A. Araujo.
4.º B. C. — S. Paulo — Ten. Amílcar Salgado.
7.º B. C. — Porto Alegre — Ten. Jerônimo T. Braga.
19.º B. C. — Bahia — Ten. Edgard C. Cordeiro.
21.º B. C. — Ten. José O. Leite.
2.º R. C. D. — Pirassungá — Cap. Alcides L. S. Anna.
4.º R. C. D. — R. Verde — Ten. Celso P. Pires.
2.º R. C. I. — S. Borja — Ten. Osório Tuyuty.
5.º R. C. I. — Uruguaiana — Ten. Aimbrê Cavalcante.
7.º R. C. I. — Livramento — Ten. Milton Cezimbra.
12.º R. C. I. — Bagé — Ten. Dagoberto Gonçalves.
9.º R. C. I. — Jaguarão — Sarg. Francisco C. Thompson.
R. A. M. — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
10.º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
5.º R. A. M. — S. Gábr. — Cap. Osório Alves.
6.º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar P. de Escobar.
8.º R. A. M. — Pouso Alegre — Ten. José L. da C. Barros.
9.º R. A. M. — Curytyba — Ten. Luiz A. Bittencourt.
3.º G. I. A. P. — Marg. Taquary — Ten. Guaracy S. Freire.
5.º R. A. Mth. — Valença — Ten. Anísio Montarro.
1.º G. A. Cav. — Itaqui — Cap. Euclides Sarmento.
3.º G. A. Cav. — Bagé — Cap. Asdrubal P. Escobar.
Forte Marechal Luz — S. Francisco — Ten. Francisco C. Albuquerque.
Forte de Itaipu — Ten. Abelardo Marcondes.
Rio Branco — Sarg. José da S. M. Ramos.
Gur. Alegrete — Sarg. Militão Pereira.
Florianópolis — 1.º Ten. Zoroastro Firmo.
Col. Militar — Porto Alegre — Ten. Nestor S. de Oliveira.
Carta Geral — P. Alegre — Sarg. Victorino d'Avilla.
Força Pública — S. Paulo — Ten. Julio M. Salgado.
2.ª Linha — Curit. — T. Cel. Euclides Bandeira.
Q. G. da 5.º R. M. — Curytyba — Ten. Altamirano Pereira.
Força Pública do E. do Rio — Cap. Prado da Silveira.